

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE – UNICENTRO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

GISELLE PRISCILA SCHEIDT MARTINS GARTNER

**O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA:
CRIANÇAS EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS (GUARAPUAVA-PR):
1950-2006**

IRATI – PR
2019

GISELLE PRISCILA SCHEIDT MARTINS GARTNER

**O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA:
CRIANÇAS EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS (GUARAPUAVA-PR):
1950-2006**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento Comunitário. Curso Stricto Sensu em Desenvolvimento Comunitário, área de concentração em Desenvolvimento Comunitário da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO
Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner

Irati – PR
2019

Catálogo na Fonte
Biblioteca da UNICENTRO

G244b	<p>GARTNER, Giselle Priscila Scheidt Martins. O brinquedo e a brincadeira : crianças em diferentes contextos históricos (Guarapuava-PR) : 1950-2006 / Giselle Priscila Scheidt Martins Gartner. – Irati, PR : [s.n.], 2019. 118f.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Ancelmo Schörner Dissertação (mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário. Área de Concentração em Desenvolvimento Comunitário. Universidade Estadual do Centro-Oeste, PR.</p> <p>1. Psicologia infantil. 2. História oral – memória. 3. Cultura. I. Schörner, Ancelmo. II. UNICENTRO. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 796.1</p>
-------	---

TERMO DE APROVAÇÃO

GISELLE PRISCILA SCHEIDT MARTINS GARTNER

**O BRINQUEDO E A BRINCADEIRA:
CRIANÇAS EM DIFERENTES CONTEXTOS HISTÓRICOS (GUARAPUAVA-PR):
1950-2006**

Dissertação aprovada em 11 de setembro de 2019 como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Comunitário. Curso Stricto Sensu em Desenvolvimento Comunitário, da Universidade Estadual do Centro-Oeste, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Ancelmo Schörner

Instituição: UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.^a Dr.^a Cristina Ide Fujinaga

Instituição: UNICENTRO – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Prof.^a Dr.^a Magda Carmelita Sarat Oliveira

Instituição: UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados

Irati, 11 de setembro de 2019

Dedico esta dissertação às crianças mais especiais da minha vida: a meu filho Rafael, que com seu amor por brincar sempre me encantou com seus “pah, pow, pah”, e a meus filhos/anjos Mateus e Isabela, os quais sempre estiveram presentes na saudade de não saber quais seriam seus brinquedos favoritos.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação foi construída em meio a muitos momentos especiais e, ainda que o período de dois anos possa ser considerado limitado para a realização de todas as atividades acadêmicas, esse foi extenso quando percebemos os momentos vividos.

Primeiramente, agradeço à minha infância, colocação um pouco narcisista, confesso, mas esse foi um período ímpar, que me proporcionou a base de ser quem sou. Em decorrências dos estudos presentes nesta dissertação, entendo por que ainda muito jovem, na minha infância, me sentia apaixonada por livros de diversos tipos: contos de fadas, histórias com suspense, revistas, gibis, fossem quais fossem os temas, mas preferencialmente deveriam ter imagens. Agora, vejo que não era devido a uma possível preguiça de ler apenas palavras, mas sim, para que, ao mesmo tempo que ouvia ou lia o que o autor queria contar, pudesse também ter a possibilidade de usar minha leitura da imagem, para compreender melhor o contexto, e isso me encantava muito mais e cada vez mais.

Na Figura 1, eu, ainda criança, fui fotografada em um momento bastante comum na minha infância, na qual minha diversão consistia no agrupamento de oportunidades, pois, além de ler revistas em quadrinhos, estava em meio aos brinquedos que mais gostava espalhados pelo meu quarto, algo habitual a muitas crianças. Porém, nesta perspectiva de investigação passa a revelar que, entre tantos brinquedos e livros cheios de desenhos, minhas lembranças perpassam suavemente e são tão especiais para mim como as dos demais envolvidos nesta dissertação.

Figura 1 – Momentos de brincadeiras e leitura – 1987



Fonte: Fotografia de Giselle P. S. M. Gartner.

Desse modo, para que esta dissertação pudesse ser possível, contei com o apoio e o auxílio de pessoas essenciais em minha vida, às quais não existem palavras que possam demonstrar minha gratidão.

Quero agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Ancelmo Schörner, que acreditou em meu projeto de pesquisa e sempre me incentivou e direcionou com tamanha competência e tranquilidade. Posso garantir que este trilhar só foi possível pelo seu apoio e exímio conhecimento. Tenho muito orgulho em dizer que és meu professor e que você me possibilitou realizar essa dissertação de uma maneira fluida e repleta de novos aprendizados.

Neste percurso do mestrado, muitas pessoas se fizeram presentes, mas duas em especial precisam ser evidenciadas: meu marido, Ronald, e meu filho, Rafael, pois foi deles que privei mais momentos e foram eles que me deram estrutura e amor. Em nenhum momento me cobraram e sempre me possibilitaram o amor e o

espaço que eu precisei para desenvolver meu trabalho. Amo vocês infinitamente e podem ter a certeza que esta dissertação é nossa. Vocês são a minha vida.

E, como realmente uma andorinha só não faz verão, amigas especiais me ajudaram a caminhar mais tranquilamente por esse percurso de escrita: Janaina e Daniela, minhas irmãs de alma. Elas foram as mãos que me acalentavam quando, muitas vezes, o desespero bateu, o impulso que precisei e a quem eu sempre corri para comemorar. Foram vocês meus exemplos de mulheres fortes que acreditam na pesquisa, nos estudos, na universidade, e que, acima de tudo, acreditam nas pessoas.

Aos meus pais, Marcos e Lia, que, com sua cultura histórica, me fizeram admirar e reconhecer a importância do estudo para se compreender a sociedade em que se está inserido. Sempre sonhei em saber um pouquinho do que vocês sabem, e os admiro imensamente.

A meu avô, Rudenei, que, com seus “causos”, me fez viajar e, assim, reconhecer que cada pessoa tem em si muita história para contar.

Aos demais familiares e amigos, agradeço por compreenderem a importância de faltar aos almoços de domingo, aos cafés no meio da semana, às festas, esquecer alguns combinados e não ser tão presente em momentos que precisaram de mim. Não foi por mal, mas era necessário.

Aos alunos, que a cada dia me proporcionavam um olhar mais crítico e mais fortalecido, lembrando diariamente da importância que o brincar se faz em suas vidas, pois trabalhar com crianças é brincar constantemente.

Aos participantes Helmut Gartner (*in memoriam*), Irmgard Madalena Gartner, Edna Sissi Garrozi Souza, Ronald Gartner, Sabrina Silveira Centenaro, Denise Karly, Thaisa Neiverth, Marieni Cristina Ribas, Syndel Souza Stefanos, Mylena Nascimento de Oliveira, Paulo Henrique Santos Scheidt, Gabryela Bischof, Luísa Gusmão, Joao Pedro V. Córdova e Rafael Gartner, que me dedicaram seu tempo e, acima de tudo, suas lembranças, um trequinho de suas vidas, que foi de essencial para a realização desta dissertação. Amei cada carinho, risadas, lágrimas, café, vinho, momentos dos bastidores da pesquisa, que estarão eternamente em minhas memórias.

Agradeço às professoras, participantes da minha banca de qualificação, Profa. Dra. Magda Sarat e Profa. Dra. Cristina Fujinaga, mulheres que admiro com

veemência por sua inteligência, dedicação e empoderamento, as quais considero exemplos a serem seguidos. Vocês contribuíram muito com meu trabalho e com muita delicadeza apontaram questões que eu não havia conseguido perceber. Obrigada!

E, como não podia ser diferente, gostaria de deixar aqui um agradecimento a três pessoas que me marcaram muito e que, infelizmente, se foram nesse período. Primeiramente, a minha amiga querida, Luciane Silvestre (*in memoriam*). Não deu tempo de prosseguirmos com as lembranças de sua infância, mas tenho comigo as recordações da nossa juventude. Você se foi cedo demais, mas deixou muito. Também à amiga e professora Dra. Kathielly Córdova (*in memoriam*), que em inúmeros momentos me incentivou a iniciar o processo de seleção para o mestrado e, inclusive, possibilitou que seu filho João fizesse parte desta pesquisa. Acima de tudo, foi uma amiga, linda por dentro e por fora, cheia de vida e de planos de quem nunca deixarei de sentir saudades. E, finalmente, e muito importante para mim, a Helmut Gartner (*in memoriam*), que, mesmo com sua timidez, me proporcionou um lindo relato, com lembranças riquíssimas, as quais hoje são recordações dos tempos em que você esteve conosco. Sua perda nesse caminhar foi muito difícil, pois ouvir a gravação de sua entrevista e continuar com o trabalho se fez doloroso, mas consegui, com o intuito de deixar aqui um pouco de você. Obrigada por vocês serem parte da nossa história.

Sem mais delongas agradeço a Deus, por aqui ter tido a oportunidade de poder ser e estar e de concretizar esta dissertação que tanto me faz feliz.

RESUMO

A presente pesquisa teve como objetivo discutir diferentes questões, como gênero, consumo e liberdade, por meio das similaridades e diferenças, no que se referem a expressões desenvolvidas culturalmente e expressas no brincar. Para a coleta de dados, foi estabelecida a metodologia da história oral, pautada em entrevista semiestruturada, assim como a análise de registros fotográficos que continham brinquedos e brincadeiras, realizadas no município de Guarapuava-PR, entre os anos de 1950 e 2006. Foram escolhidas as bonecas, os carrinhos e atividades livres e ao ar livre como os principais elementos a serem abordados, formando um conjunto de elementos constitutivos, os quais, por mais que estejam em constante reconstrução, não deixam de caminhar lado a lado com a infância e sua concepção de criança. Considerando que a infância e o brincar modificam-se com o tempo e com os diversos contextos sociais, econômicos e geográficos, este estudo teve como base teórica autores como Gilles Brougère, Tizuko Morchida Kishimoto e Walter Benjamin. Nesse contexto, foram encontradas diferenças expressivas no que se refere ao espaço físico e tempo destinado a essas atividades. Além disso, a construção artesanal e a imaginação, antes essenciais ao brincar, hoje acabam por se render à padronização dos objetos e sua tecnologização. E, mesmo com estudos tão pertinentes, esses ainda são insuficientemente discutidos no meio acadêmico e social, o que acaba por dificultar a realização de atitudes efetivas e pertinentes à necessidade do resgate do brincar, embora esse seja essencial para o desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Brinquedos. Brincadeiras. Infância. Cultura. Memória.

ABSTRACT

This research aimed to discuss the similarities and differences of many issues, such as gender, consumption and freedom regarding culturally developed expressions manifested through play. For data collection, it was established an oral history methodology, which was based on a semi-structured interview, as well as the analysis of photographic records containing toys and games taken in Guarapuava-PR between 1950 and 2006. The main items chosen to be approached were dolls, strollers and freestyle outdoor activities, forming a set of constitutive elements, which despite being in constant reconstruction, continue to walk side by side with childhood and its conception of child. Considering that childhood and play change over time and with different social, economic and geographical contexts, this study was based on authors such as Gilles Brougère, Tizuko Morchida Kishimoto and Walter Benjamin. In this context, significant differences were found with regards to the physical space and time allocated to these activities. Besides that, the craft construction and imagination, previously essential to play, today ends up yielding to the standardization of objects and their technology. And even with such pertinent studies, these are still insufficiently discussed in the academic and social environment, which ends up hindering the realization of effective and pertinent attitudes to the need to play, even though this is essential for human development.

Keywords: Toys. Games. Childhood. Culture. Memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Momentos de brincadeiras e leitura – 1987	7
Figura 2 –	Helmut e Jacob Gartner, com seus brinquedos – 1953	37
Figura 3 –	Bonecas feitas com a espiga de milho – 2018	47
Figura 4 –	Irmgard com sua boneca e seu irmão – sem data	51
Figura 5 –	Aniversário de Denise Karly – 1984	55
Figura 6 –	Festa de aniversário das bonecas – 1988.....	57
Figura 7 –	Thaísa brincando com sua boneca favorita – 1988.....	58
Figura 8 –	Thaísa e sua amiga com suas bonecas no jardim – 1988.....	59
Figura 9 –	Syndel e sua boneca “Meu Bebê” – 1997	60
Figura 10 –	Syndel com sua madrinha, brincando com a boneca na bicicleta – 1997	61
Figura 11 –	Mylena brincando de boneca com sua amiguinha –2001	62
Figura 12 –	Gabryela fazendo pose com sua boneca Barbie favorita – 2005	67
Figura 13 –	Estante dos brinquedos de Gabryela – 2018	68
Figura 14 –	Festa de aniversário de Gabryela – 2004	70
Figura 15 –	Gabryela fazendo comidinhas para as bonecas – 2004.....	71
Figura 16 –	Ronald e seu irmão com carrinho de plástico – 1979	77
Figura 17 –	Ronald e seu irmão com seu carro de metal – 1976.....	78
Figura 18 –	Rafael cercado de brinquedos – 2007.....	80
Figura 19 –	Rafael e seus veículos – 2012	82
Figura 20 –	Sissi e o pé de Chorão – sem data	88
Figura 21 –	Sissi e os vizinhos no quintal – sem data.....	90
Figura 22 –	Denise e os irmãos brincando na terra – sem data.....	92
Figura 23 –	Denise, o irmão e o amigo brincando na areia – sem data	93
Figura 24 –	Denise e amiguinhos em aniversário no parque da escola – 1982 ..	94
Figura 25 –	Denise e os irmãos brincando no balanço – 1986	95
Figura 26 –	Denise inventando brincadeiras no balanço – sem data	96
Figura 27 –	Marieni e sua Peposa no balanço – 1986	97
Figura 28 –	Paulo Henrique e a prima brincando na lama – 2007	99
Figura 29 –	Rafael e o amigo brincando no parque – 2010	101
Figura 30 –	João Pedro no balanço – 2008	102

SUMÁRIO

	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO	13
1	COMO BLOCOS DE ENCAIXE: A CULTURA, O BRINCAR E O BRINQUEDO	28
1.1	ERA UMA VEZ, ME CONTA OUTRA VEZ: A HISTÓRIA DO BRINQUEDO E DO BRINCAR.....	30
1.2	TELEFONE SEM FIO: CADA UM COMPREENDE E ENSINA O BRINCAR DE ACORDO COM SUA CULTURA.....	37
2	AS BONECAS ENTENDIDAS COMO O ESPELHO MÁGICO DA REALIDADE	45
2.1	A BONECA COMO CONSTRUÇÃO DO SEU PRÓPRIO BRINCAR	47
2.2	A BONECA INDUSTRIALIZADA COMO CONEXÃO ENTRE O BRINCAR LIVRE E A PADRONIZAÇÃO	53
2.3	NOVOS CONTEXTOS E NOVAS BONECAS: DIFERENTES POSSIBILIDADES	66
3	BRINCANDO DE DIRIGIR: OS CARRINHOS EVIDENCIADOS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS	73
3.1	A REPRESENTATIVIDADE DO BRINCAR COM CARRINHOS	74
4	O BRINCAR LIVRE E AO AR LIVRE: A NATUREZA INFANTIL EM EVIDÊNCIA	85
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
	REFERÊNCIAS	110
	APÊNDICES	117

CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO

Constantemente, são perceptíveis situações em que o brincar se faz presente, e, nesse contexto, o encanto se dá de tal forma que se paralisa por certo período e sorrir é a única ação que se reflete. Favorecida pelo ofício de psicopedagoga, e no comércio de brinquedos, as possibilidades de presenciar episódios como esses são inúmeras. Assim sendo, é comum observar e, algumas vezes, interagir durante as brincadeiras é inevitável. Na maioria das vezes, são crianças as protagonistas desses momentos, mas seria inverdade dizer que o brincar é exclusivamente infantil, visto que os adultos também são seres lúdicos, talvez alguns com menor constância, mas possivelmente com grande potencial criativo.

Desse modo, em espaços diversificados oportunizou-se constatar que pessoas de diferentes idades expressam suas experiências, na maioria das vezes de maneira saudosa e repleta de significados, principalmente, quando falam de seus brinquedos de infância. Assim, compreende-se que esses são relatos de grande relevância para se conhecer um pouco mais acerca da história e cultura tanto dessas pessoas como também da comunidade em que estão inseridos.

Nessa perspectiva, é estabelecido o brincar como uma maneira diferenciada de entender as relações sociais, pois, por meio desse, é possível presenciar variadas vivências entre as pessoas, nas quais se percebem suas dificuldades e potencialidades. Essas resultam em processos de múltiplas aprendizagens, expressões e divertimento, em que não são priorizados os conceitos prontos e acabados.

Vale ressaltar que as vivências tidas pelos indivíduos e seus pares não são idênticas, e nem sempre são repletas somente de alegrias e facilidades, na medida em que, opostamente a isso, percebe-se que cada uma delas é experienciada de maneira singular, por pessoas diferentes, em lugares diversos, ou seja, mesmo com os brinquedos iguais ou parecidos, as ações possivelmente serão distintas, favorecendo a compreensão de que existem particularidades e também similaridades no cotidiano e na cultura.

Por meio desse, percebe-se que a memória da infância de cada pessoa possibilita aos envolvidos voltar a imaginar, reviver momentos, recriar situações que

circundam inúmeros sentimentos, e mesmo que muitos desses acabem por ser direcionados a um contexto “socialmente aceito”, é notório que as histórias vividas são ímpares e individualizadas para cada pessoa, ou seja,

Parece que naquela idade cada uma das imagens tinha uma história própria, além de vê-las, imaginávamo-las, brincávamos de contar outras histórias com elas. Sempre desenhando histórias. Perceber as coisas a nossa volta, desenhá-las com outras conotações essa era a infância que vivíamos e brincávamos num universo construído por imagens e imaginações. Não entendíamos muito bem a nossa infância.... Por que sempre éramos cobertos de cuidados? Uns mais presos outros mais soltos, mas sempre sob o olhar de alguém, que mesmo sem estar perto estava próximo de nós, cuidando. Ser criança era um universo diferente, onde tudo era motivo para uma disputa, uma brincadeira, um jogo. Virava e mexia e inventávamos alguma coisa nova, diferente. E assim éramos crianças, aprisionando e inventando imagens dentro e fora de nós (NASCIMENTO, 2012, p. 15).

Por intermédio dessas lembranças e informações, constatou-se que as mudanças no contexto do brincar estão sendo cada vez mais evidentes, incompreendidas e insuficientemente discutidas. As modificações nas atividades infantis, evidenciadas nesta pesquisa, vêm sendo marcadas fortemente pelas inovações tecnológicas, as quais afetam diretamente a produção de brinquedos e, conseqüentemente, também a realidade e as brincadeiras vivenciadas pelas crianças.

Magnabosco (2007) aponta que uma nova revolução vem ocorrendo desde a inserção da internet no meio social, e a inovação tecnológica passa a ser irreversível, ou seja, novos e diferentes objetos estão se fazendo presentes inevitavelmente também no meio infantil.

Buscou-se compreender mais a respeito do processo de desenvolvimento e mudanças sociais ocorridas, utilizando-se de um meio ainda pouco explorado: o dos brinquedos e do brincar, existentes nas últimas décadas, tendo como campo de investigação o município de Guarapuava-PR, algo possível com o direcionamento e a parceria do Prof. Dr. Ancelmo Schörner.

Em consonância com a temática escolhida, Kishimoto (1994) aponta que os jogos e os brinquedos antigos necessitam do auxílio da visão antropológica e também aborda que comportamentos considerados lúdicos e seus significados podem variar em diferentes culturas. Posto isso, defronta-se com a necessidade da

compreensão histórica, e assim, como parte principal desta dissertação, evidencia-se o reconhecimento do jogo e do brinquedo como um objeto cultural, que reveste-se de significados dados pelos sujeitos e suas relações sociais.

Nesta dissertação, foi delimitado o município de Guarapuava-PR, facilitando a compreensão e expressão de suas regras, cotidianos e realidades, assim como a elaboração de novas dinâmicas sociais. O enfoque pretendido é apresentar o brinquedo e a brincadeira não apenas como itens de diversão e/ou estimulação infantil, mas como instrumentos que possam fornecer dados importantes para e acerca da cultura de diferentes personagens. Pois

Conhecer as “nossas” crianças é decisivo para revelação da sociedade, como um todo, nas suas contradições e complexidade. Mas é também a condição necessária para construção de políticas integradas para a infância, capazes de reforçar e garantir os direitos da criança e a sua inserção plena na sociedade activa (SARMENTO, 2003, p. 1).

É fato que o direito de brincar já foi estabelecido em documentos como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no qual se busca regulamentar as necessidades, direitos e deveres que devem ser priorizados pela sociedade brasileira. E, mesmo que ainda sejam necessárias complementações, devido às questões infantis estarem em constantes mudanças, pode-se perceber o quanto as atividades lúdicas são imprescindíveis à vida humana.

Nessa perspectiva em que a presente pesquisa se embasa, é necessário considerar que a infância e o brincar modificam-se com o tempo e com os diversos contextos sociais, econômicos, geográficos, e também, com as particularidades dos sujeitos nela inseridos. Assim, é notório que as crianças contemporâneas não são iguais às dos anos passados, nem serão as mesmas que se apresentarão nos próximos anos, pois cada realidade possibilita diferentes oportunidades a serem vivenciadas e variadas influências constroem essas, assim, “A infância seria um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns a diferentes crianças” (FERNANDES; KUHLMANN JÚNIOR, 2004, p. 28).

Reconhecer o fato de que cada ser é único, e de que suas experiências individuais, influenciam no seu desenvolvimento, apontam a necessidade do reconhecimento de que as crianças, seus brinquedos, atitudes e brincadeiras devem

fazer parte do processo de investigação da sociedade, neste estudo foi delimitado o município de Guarapuava- PR, localizado no interior do estado do Paraná.

A escolha dessa localidade se dá devido à percepção da sua multiplicidade cultural, assim como a fatores evidenciados em grupo de estudos acerca da infância e culturas desenvolvidos na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), no qual se apresenta que, com o crescimento e as modificações da cidade em questão, as mudanças com relação aos diferentes aspectos que envolvem os brinquedos, as brincadeiras e a infância como um todo têm se apresentado de forma acentuada nos últimos anos, sendo que inquietações em ambos os meios vêm se intensificando e deixando a comunidade em alerta, principalmente a respeito das dificuldades encontradas pelas crianças em brincar.

O município de Guarapuava possui 167.328 habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2010, sendo esse um número relativamente grande de indivíduos, além de que muitos desses são imigrantes, tanto alemães como italianos, poloneses, entre outros, o que favorece encontrarmos diversas culturas diferentes.

Para esta pesquisa, o fator da heterogeneidade cultural dos participantes da pesquisa vem sendo um privilégio, o qual nos permite contar com uma vasta diversidade de brinquedos, jogos e brincadeiras que permeiam os bairros e distritos, e onde as realidades, desde sua colonização e posteriormente com a migração é muito rica e, portanto, deve ser valorizada. Visto que cada um dos sujeitos traz consigo uma gama de particularidades, não é prudente deixar de enfatizar que essas não são estáticas. Com a integração social, acabam por fundir-se às dos demais, e nessa troca de informações criam novas possibilidades, de inúmeras coisas, como de brincadeiras, regras, entre outras tantas.

Como parte do processo de pesquisa, foi recortado o período compreendido entre 1950 e 2006, tendo o início com base nas informações do Plano de Negócios do Município de Guarapuava (2017), no qual se verifica que seu desenvolvimento, tanto no campo quanto na cidade, foram relativamente acelerados a partir da década de 1950, quando foi proporcionada uma imigração mais significativa dos alemães Suábios do Danúbio, a qual deu origem à organização de distritos bastante importantes para Guarapuava, do qual alguns dos entrevistados são pertencentes, como o Distrito de Entre Rios.

Ainda nessa conjuntura, evidencia-se que,

Na década de 1950, houve em Guarapuava um fluxo intenso de imigrantes que provocou mudanças significativas na relação campo-cidade. Suábios do Danúbio, com apoio, financeiro e técnico da Suíça, e estimulado pelo governo brasileiro e paranaense, criaram um padrão de produção diferenciado que concentrou renda, permitindo uma organização própria das aldeias que preservaram os nomes das fazendas até os dias de hoje (Vitória, Jordãozinho, Cachoeira, Socorro e Samambaia) (FIPE, 2017, p. 24).

No entanto, é importante ressaltar que outras heranças culturais como a ucraniana, polonesa e italiana, entre outras, também são bastante expressivas e marcam a história e cultura da cidade, entretanto nesta dissertação se fizeram presentes de maneira menos específica.

Quanto ao ano final estabelecido na pesquisa, esse se deu intencionalmente para que os participantes pudessem ter idade suficiente para compreender e expor suas opiniões ativamente durante as entrevistas, desse modo, possibilitando a eles relatar pessoalmente suas experiências lúdicas.

Os participantes foram selecionados com base em alguns critérios de escolha fundamentais, como, primeiramente, terem nascido entre os anos de 1950 e 2006, mas não necessariamente no município em questão. Outro preceito é que tenham passado, ao menos, parte de sua infância em Guarapuava, e vale ressaltar que apenas as brincadeiras vividas nesse município foram inseridas nos resultados.

Inicialmente, para seleção, os sujeitos foram agrupados com base na década de seu nascimento, independentemente do sexo, classe social, bairro que tenham vivido, entre outras tantas particularidades. Essa categorização foi realizada com o intuito de buscar equilíbrio na quantidade de participantes de cada década pré-definida, e assim, viabilizar harmonia nas informações obtidas. Entretanto, no decorrer dos estudos esses foram sendo reunidos de acordo com as informações pertinentes, ou seja, foram sendo subdivididos pelas aproximações de brincadeiras mais enfatizadas nos relatos, ou seja, bonecas, carrinho e brincadeiras livres e ao ar livre.

O quadro a seguir representa os participantes selecionados para a realização da dissertação, sendo todos entrevistados pela própria autora.

Quadro 1 – Participantes da pesquisa – 2018

	Nome	Ano de nascimento	Data da entrevista
Participante 1	Helmut Gartner	1950	22 de abril de 2018
Participante 2	Irmgard Madalena Gartner	1951	22 de abril de 2018
Participante 3	Edna Sissi Garrozi Souza	1966	10 de agosto de 2018
Participante 4	Ronald Gartner	1976	8 de setembro de 2018
Participante 5	Sabrina Silveira Centenaro	1978	22 de abril de 2018
Participante 6	Denise Karly	1980	19 de abril de 2018
Participante 7	Thaísa Neiverth	1982	25 de outubro de 2018
Participante 8	Marieni Cristina Ribas	1982	20 de abril de 2018
Participante 9	Syndel Souza Stefanos	1994	11 de setembro de 2018
Participante 10	Mylena Nascimento de Oliveira	1998	13 de abril de 2018
Participante 11	Paulo Henrique Santos Scheidt	1998	22 de abril de 2018
Participante 12	Gabryela Bischof	2002	30 de outubro de 2018
Participante 13	Luísa Gusmão	2005	23 de abril de 2018
Participante 14	João Pedro V. Córdova	2006	30 de abril de 2018
Participante 15	Rafael Gartner	2006	8 de setembro de 2018

Fonte: Elaborado pela autora.

Após essas etapas iniciais, buscou-se com os participantes fotografias pessoais que pudessem retratar momentos de sua infância, nas quais brinquedos e/ou brincadeiras estariam sendo parte do contexto. Posteriormente, a entrevista foi previamente agendada e individualmente foram possibilitadas narrativas orais, as quais foram gravadas com o auxílio do celular, e, em um momento sequencial, foram transcritas em sua integridade.

As narrativas foram norteadas por questões apontadas inicialmente em conversas e discussões acerca do assunto entre a pesquisadora e o orientador, sendo posteriormente estabelecidas em um roteiro, o qual contemplava os seguintes temas: Onde passou sua infância? Era na cidade ou campo? Quais eram seus brinquedos e brincadeiras favoritas? Você tem foto de algum deles? Que momento é este registrado na foto? Quem são os integrantes desta foto? Como adquiria seus brinquedos? De que materiais eram feitos? Como ficava sabendo dos brinquedos novos? Onde brincava? Com quem brincava? Quais brincadeiras eram mais frequentes? Quem ensinava essas brincadeiras? Você já ensinou para alguém alguma brincadeira? Quais brinquedos e brincadeiras você ensinou ou pretende ensinar ao(à) seu/sua filho(a)?

Deve-se lembrar de que, ao trabalhar com narrativas de vida, assim como com as imagens individuais dos entrevistados, é difícil serem utilizadas padronizações. Diante disso, muitas informações foram possibilitadas de maneira singular, durante cada uma das entrevistas, não limitando aos participantes,

questões como tempo de resposta, brinquedos e brincadeiras específicas e/ou comportamentos, ou seja, cada um dos sujeitos foi delineando, por intermédios dos questionamentos anteriormente citados, as situações que, para si, foram as mais pertinentes.

Entende-se que um dos pontos principais para o sucesso das pesquisas acadêmicas se dá na escolha das metodologias, sendo a base principal desta dissertação as narrativas orais vinculadas a análise de imagens fotográficas.

Admite-se a dificuldade em encontrar nos álbuns de recordação das famílias imagens dos sujeitos em sua infância, em todo período estabelecido. Todavia, foi por intermédio de alguns percalços deste estudo que esse se deparou com momentos únicos, visto que reunir e selecionar tanto as imagens como as histórias possibilitaram uma gama de novas informações, que acabaram por direcionar a um melhor conhecimento da realidade dos entrevistados. E, como descreve Brougère (2004, p. 335), “Em resumo, o brinquedo é esse objeto significativo porque é revelador das profundas modificações da nossa cultura”, devendo esse conceito ser estendido também às suas ações lúdicas como um todo, estejam elas presentes em suas casas, nas ruas, nas escolas etc.

Esta dissertação foi construída por meio de um conjunto de fontes, sendo estas as narrativas orais e análise de imagens, as quais favoreceram as lembranças de infância fundamentais tanto para este estudo, quanto para a formação dos participantes deste.

Kossoy (2005, p. 42-43) afirma que tudo o que é registrado em fotografias é parte do passado, ou seja,

Toda fotografia que apreciamos se refere ao passado. Mesmo as que tiramos, ou as que tiraram de nós, no último fim de semana. Quando falo em passado, quero dizer que o momento vivido é irreversível e que as situações, sensações e emoções que vivemos estão registradas no nosso íntimo, sob a forma de impressões. Estas impressões, com o passar do tempo, se tornam etéreas, nubladas, longínquas. Se tornam fugidias com o enfraquecimento de nossa memória; desaparecem, por fim, com nosso desaparecimento físico. A fotografia, obviamente, não guarda estas impressões – elas se situam no nível do invisível, além da imagem. São emoções que não podem ser gravadas materialmente: residem em nosso ser e só a nós pertencem [...]. Os homens colecionam estes inúmeros pedaços congelados do passado em forma de imagens para que possam recordar, a qualquer momento, trechos de suas trajetórias ao longo da vida. Apreciando estas imagens, “descongelam”

momentaneamente seus conteúdos e contam a si mesmos e aos mais próximos suas histórias de vida.

Sabe-se que foi em algumas brincadeiras na escola que se aprendeu a esperar a vez na fila ou foi em um tombo andando de patins quando se percebeu a solidariedade dos amigos. Talvez, foi ao brincar escondido com algo que era do irmão ou do primo mais velho que se evidenciou que tudo tem uma consequência, e nem sempre tão boa. Assim, percebe-se que não é pertinente afirmar que todas as lembranças da infância se remetem a bons momentos. Mesmo assim, elas são parte do aprendizado e das recordações de cada indivíduo, assim como

[...] a história retratada da família é de tal forma relevante que, mesmo depois de flagrados e revelados, alguns registros fotográficos são ocultados, guardados em separado, ampliados ou escondidos ou, ainda, sumariamente descartados. Essas são fotografias cujas lembranças associadas muitas vezes não desejamos remeter, por desencadear reações de desconforto ou sofrimento psíquico (NASCIMENTO, 2012, p. 16).

Dentro desse cenário, percebe-se que a memória é constituída de elementos abundantes, pois, mesmo quando remetem-se às lembranças que são tidas como pouco prazerosas, algo é tido como importante. Por exemplo, foi nas travessuras ao brincar no recreio que se exibiu a hierarquia, foi brincando de patins e bicicleta que foi explorada a vizinhança, foi nas brincadeiras em grupo que se descobriram grandes amigos, entre outros tantos aprendizados que persistem para vida toda. Ou seja, quantas lembranças cabem na memória? Quantas imagens cabem dentro de uma fotografia? Quantas sensações cabem em uma história?

Tendo como foco a memória do brincar, é significativo estabelecer uma “ponte” entre o passado e o presente, algo que possibilita identificar as diferentes realidades, mas que ainda podem se cruzar, ultrapassando as barreiras do tempo e espaço, permanecendo ativas e evidentes.

Fentress e Wicham (1992) afirmam que, ao se utilizar do conceito de memória, possibilita-se estar nos referindo desde à mais vaga lembrança até as memórias coletivas e celebrativas em sociedade. Bosi (1987, p. 31) salienta que a construção da memória e sua socialização está relacionada intimamente com a transmissão da cultura e através das histórias vividas e contadas, algo mais amplo, interdependente do contato, sendo que,

A criança recebe do passado não só dados da história escrita; mergulha suas raízes na história vivida, ou melhor, sobrevivida, das pessoas de idade que tornaram parte da sua socialização. Sem essas haveria apenas uma competência para lidar com os dados do passado, mas não com a memória.

É necessário que, ao estudar as memórias de uma comunidade, levar em consideração todo contexto no qual os fatos aconteceram, buscar detalhes e dar liberdade para que o sujeito possa se expressar em todo seu ser, possibilitando, assim, um maior levantamento de informações, cada vez mais reais, sem esquecer, como ressalta Cardoso (2004), que a memória se constrói pelas imagens com significados afetivos daquilo que não queremos esquecer, pois, se deixarmos de lembrar, isso será esquecido.

Então, para não esquecer e buscando responder aos questionamentos aqui levantados, quanto à importância das fotografias em eternizar e materializar, de alguma forma, as imagens de momentos tão preciosos, guardados por entre as memórias,

As fotografias preservadas nos álbuns, nos arquivos públicos, nos baús e nas gavetas, que poucas vezes são manuseadas, geralmente são imagens que sobreviveram além daqueles que as produziram e as apreciaram. Nestas fotos, apenas a iconografia, o registro de um momento único e a sua existência material enquanto objeto, podem ser definidos como reais e palpáveis. O restante faz parte da imaginação e da fantasia, da cultura particular de quem observa essas imagens. Isso é o que chamamos de *processos de construção de realidades* (SOARES, 2007, p. 86).

Nascimento (2012, p. 15), do mesmo modo, explica que a fotografia se apresenta como uma “janela” no tempo, a qual possibilita uma visitação à “infância do passado”, não necessariamente que tenhamos vivenciado, mas nos possibilita conhecer e analisar também momentos que outros possam ter experienciado, assim como, nas palavras de Kossoy (2000, p. 166): “Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social”.

Sendo assim, o uso de fotografias nesta dissertação se apresenta como uma ferramenta poderosa, quando aliada à história oral. O resultado dessa associação é muito rico, pois são repletas de memórias relatadas e envoltas em muitos outros

sentimentos, como explicam Justo e Yazlle (2008, p. 167): "A memória, as lembranças estimuladas pela revisitação do acervo [fotográfico] culminam na explosão dos sentimentos em palavra: revivem-se histórias, causos, convidando o leitor das imagens a verbalizar estas vivências interiores".

Posto isso, acredita-se que, por intermédio tanto do uso das imagens de infância dos participantes desta dissertação, como as lembranças relatadas pelos mesmos, é possibilitada uma visualização mais clara frente aos questionamentos realizados nesta pesquisa.

Kossoy (2001) entende a fotografia como uma forma de expressão cultural, em que as imagens devem ser compreendidas como momentos recortados do cotidiano, estando repletas de informações a respeito de assuntos como religião, costumes, fatos sociais de diversas formas e que são documentados por meio da imagem, ou seja,

O fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e, portanto, a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza (KOSSOY, 2001, p. 161).

Sendo assim, considera-se a imagem enquanto documento e materializador de memória e, como tal, apresentando vestígios simbólicos e formais do passado, tendo como norteadoras as palavras de Kossoy (2005, p. 43), acerca do registro fotográfico no tempo:

As fotografias, em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. Os personagens retratados envelhecem e morrem, os cenários se modificam, se transfiguram e também desaparecem. O mesmo ocorre com os autores-fotógrafos e seus equipamentos. De todo o processo, somente a fotografia sobrevive [...].

Evidencia-se, então, que, ao trabalhar com as fotografias de crianças brincando, pretende-se não apenas estudar as imagens fotográficas como poderosos objetos de memória dos indivíduos, mas também construir uma análise crítica, decorrente de importantes elementos culturais e sociais que culminaram nessas imagens. Sendo assim, buscou-se ouvir o que tanto a imagem quanto o

sujeito têm a dizer a respeito daquele momento, proporcionando maiores subsídios para compreensão da sociedade em que estão inseridos, ou seja, seu testemunho oral propicia indícios de fatores intrínsecos à sociedade à qual pertence.

Willams (1979, p. 51) esclarece que “O testemunho oral revela a interpenetração das histórias coletivas e das histórias da vida individual, e pode nos ajudar a entender como motivos e mitos coletivos podem ser significativos”. De maneira objetiva, foi possível fazer desses momentos de lembranças, registros com base em relatos de vida, resultando, conseqüentemente, em um documento acadêmico.

Vale ressaltar que a história oral é muito mais que arquivos gravados, pois implica a elaboração de um documento e como próxima etapa a análise desse, ou seja, é um processo com maior complexidade que se imagina, algo que necessita de um olhar diferenciado do pesquisador, além de toda fundamentação teórica que embasa suas colocações, ou seja,

História Oral é mais do que pois uma conversa mediada pelo gravador. História Oral deriva de um método complexo e arrola particularidades que vão desde a organização de um projeto até o compromisso de publicação do texto devolvido à comunidade que o gerou e ao seu contexto mais amplo. É exatamente na importância delegada à elaboração do texto como documento que a História Oral difere dos outros trabalhos ligados a entrevistas (MEIHY, 1994, p. 53).

É essencial levar em conta também que, ao dar vozes aos que, muitas vezes, não foram ouvidos, passa-se a conhecer o objeto de estudo por um novo âmbito, e, no caso desta dissertação, em específico, os brinquedos e brincadeiras das crianças em sua infância, por isso a importância em se utilizar de métodos que consigam dar liberdade para que essas se expressem. A história oral cumpre esse papel, pois ela

[...] é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. [...] Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade (THOMPSON, 1992, p. 44).

Impossível deixar despercebida a magnitude envolvida em ouvir dos próprios sujeitos detalhes de momentos que era necessário compreender melhor, pois, por

meio desses relatos, tem-se a chance de conhecer mais, com tamanha relevância, fatos que, possivelmente, ainda não foram expostos e explorados.

Assim, como aponta Cardoso (2004), é perceptível considerar que cada depoimento dos sujeitos envolvidos nesta dissertação irá relatar sua história e ativar sua memória, por meio do seu ponto de vista. Nem sempre é possível ter uma exímia constância dos fatos, mas o objetivo, ao ouvir relatos da infância, é compreender, por meio dessas lembranças, emoções e situações, a sociedade que os cercava, conceitos e costumes vivenciados pelos sujeitos, já que esses são a principal fonte de informação e através de seus brinquedos e brincadeiras revelam as similaridades e diferenças das realidades em que se desenvolveram, dentro de um mesmo município, Guarapuava.

Como descreve Lucena (1999, p. 23-24),

[...] utilizamos da história oral, haja vista que ela nos remeter para dados que não encontramos nas estatísticas frias dos números. [...] A história oral fornece ao historiador oportunidade de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva.

Posto isso, a presente dissertação, realizada com a metodologia da história oral, tendo como fonte a análise de imagens fotográficas, as quais – não se pode deixar de enfatizar – foram fornecidas por suas próprias histórias de vida, possibilitam encontrar informações que apontam o quão importante é o papel do brincar e do brinquedo na sociedade, e como esses têm sido negligenciados. A fotografia, neste momento de pesquisa, alia-se às entrevistas, favorecendo a memória, cujas análises auxiliam os pesquisadores a reconstruir a história das comunidades investigadas, pois

A história oral tem como matéria a memória, que pode vir à tona através de estímulos diretos, que comumente denominamos memória voluntária. No entanto, a própria experiência de entrevistar aponta a força da memória involuntária. Estímulos, os mais diversos desencadeiam processos de associação e de rememoração [...] (MONTENEGRO, 2003, p. 151).

Essa maneira de desencadear e propiciar as recordações de infância, com o uso da metodologia da história oral e da fotografia como fontes, é extremamente valiosa e significativa, pois, além de tudo, facilita o aguçamento da memória dos

sujeitos, de modo a oportunizar as recordações de detalhes e até mesmo sensações vividas nos momentos em questão. Essas, além de serem descritas e analisadas de forma individual, levam em consideração o contexto como um todo.

A fotografia vem a complementar esta análise, trazendo à luz da visão do pesquisador um detalhe que pode dizer um pouco mais sobre os costumes e práticas da comunidade, como 'Olhares sobre o processo investigativo' também muito revelar acerca da mesma. (SOARES; SUZUKI, 2009).

Nos capítulos desta dissertação, objetivou-se discutir questões de gênero, consumo e liberdade, a partir das similaridades e diferenças, no que se refere a expressões desenvolvidas culturalmente, sendo essas identificadas por meio das narrativas e dos registros fotográficos, contendo brinquedos e brincadeiras utilizadas no município de Guarapuava, durante o período de 1950 a 2006. Como meio de organização, dividiu-se este trabalho em cinco capítulos.

Identificou-se ser necessário no primeiro capítulo investigar historicamente qual a importância dada ao brinquedo e à brincadeira na sociedade, assim como a representação social desse e sua memória afetiva, tanto individual quanto coletiva, visto ser essencial um maior esclarecimento sobre sua construção em meio às diferentes modificações vivenciadas no período recortado.

No segundo capítulo, foi delineado o perfil social e histórico com relação ao brincar com bonecas, uma vez que as lembranças dessa se fizeram presentes quase que majoritariamente nas entrevistas realizadas com mulheres. Desse modo, percebeu-se que suas representações se adaptaram às modificações sociais vivenciadas no período investigado, sendo marcadas pelas questões de gênero ainda tabu na sociedade contemporânea. O fato de esse brinquedo ser repleto de signos sociais oportunizou perceber sua importância e imponência frente às diferentes realidades.

No terceiro capítulo, apresentaram-se discussões realizadas sobre o brincar com carrinhos, sendo aqui permeadas pelas lembranças de três gerações de meninos, avô, pai e filho. Estes relataram suas facilidades e dificuldades em questões como os materiais que utilizavam para criação e construção destes brinquedos, assim como sua acessibilidade ao adquirir os produtos industrializados, favorecidos muitas vezes pela midiaticização. Essas particularidades são evidenciadas ainda mais, ao se conceber os brinquedos e as brincadeiras, como

objetos de pesquisa, pois se atribui uma relevância ímpar, principalmente quando quem é convidado a colocar voz neles, por meio de suas memórias, são diferentes indivíduos, os quais, muitas vezes, ainda não tiveram a oportunidade de expressar suas verdades e experiências a respeito do assunto em questão.

No quarto e último capítulo, foi evidenciado o brincar livre, assim como o brincar ao ar livre, em que foram expostas as diferenças e similaridades encontradas pelos entrevistados em se utilizarem da natureza como espaço lúdico, visto que ambos, mesmo tendo passado sua infância no município de Guarapuava-PR, acabam por apresentar diferentes possibilidades e acessibilidades, tanto em relação ao tempo destinado ao brincar quanto ao espaço físico para realização de suas atividades lúdicas.

É importante destacar que as bonecas, os carrinhos e brincadeiras livres e ao livre foram selecionados devido a estarem presentes na maior parte dos relatos, assim como nas fotografias dos entrevistados. Desse modo, faz-se necessário enfatizar o fato de que tanto as narrativas como as fotografias foram o corpo e a alma desta dissertação, e, associadas aos estudos bibliográficos, possibilitaram ter maior legitimidade e riqueza de detalhes encontrados nas imagens estudadas, resultando, assim, em uma ampliação da visão do pesquisador, pois

A entrevista, tendo por base os fundamentos da História Oral, contribui enormemente no preenchimento, com os relatos dos interlocutores, das lacunas que a fragmentação e a cegueira pessoal apresentam. Com relatos ricos de experiências daqueles que entrevistamos, a escavação da memória de uma comunidade ou de um sujeito amplia a visão do pesquisador acerca da comunidade que estuda (SOARES; SUZUKI, 2009, p. 5).

Sob esta ótica, a pertinência desta dissertação se faz presente ao buscar identificar algumas das características culturais, sociais, entre outras tantas, por meio do uso dos diversos brinquedos e brincadeiras, sendo manuseados por crianças de variadas realidades históricas do município de Guarapuava-PR, percebendo as suas particularidades de forma respeitosa e significativa.

Nesse contexto, com base na necessidade de se conhecer, respeitar, entender e defender as raízes e a origem de uma população, comunidade ou uma região, e, principalmente, assegurar a condição de existir e proteger a sua identidade, valoriza-se e preserva-se, por meio das narrativas de história local.

E, em consonância com esse exposto, ao se permitir a análise acerca das diferentes perspectivas da sociedade e cultura dos entrevistados em sua sociedade, proporciona-se a esses a garantia de preservação de sua história e cultura de maneira respeitosa e entendida por uma nova perspectiva, a da criança. E, a partir dos dados levantados, oportuniza-se fornecer subsídio para que futuras políticas sociais possam vir a ser possibilitadas de maneira condizentes com a necessidade desse município.

Sendo assim, anseia-se que a presente dissertação possa servir de meio para uma discussão mais ampla e efetiva do significado do brincar na sociedade como um todo, para que, dessa maneira, possa ser dada voz e remeter à necessidade de uma infância voltada à criança e não apenas ao crescer, visando ao mercado de trabalho e toda a competição nele envolvida.

Posto isso, busca-se apresentar, investigar e discutir inquietações oportunizadas por observações, vivências e descrições de momentos como os anteriormente citados, pois assim convida-se para brincar com as suas recordações, em meio a bonecas, carrinhos, árvores e balanços, numa natureza lúdica de experiências únicas.

1 COMO BLOCOS DE ENCAIXE: A CULTURA, O BRINCAR E O BRINQUEDO

Crianças não são somente criadas, crianças se criam, crianças criam cultura (PONTES; MAGALHÃES, 2002, p. 8).

Diferenciar expressões como o brincar, jogar e brinquedos é algo difícil, e, muitas vezes, até mesmo confuso, principalmente devido à forte carga de subjetividade que esses comportam.

Para Kishimoto (1994), não existe um conceito universal a respeito desse termo, já que ele é passível de variadas significações e depende de diferentes variáveis para se compreender. Posso isso, devemos ter muito cuidado ao explicar esse, utilizando-nos de uma maneira ampla e objetiva e não sendo apenas de uma forma simplista e/ou reducionista, oportunizando, dessa maneira, abranger muitas de suas particularidades, principalmente as culturais.

Sabendo de tamanha dificuldade, buscamos, por meio dos estudos de pesquisadores da área, como Huzinga, Vygotski, Kishimoto, Von, entre outros, melhor compreensão a respeito do brincar, o brinquedo e o jogo, assim como seus objetos, os quais identificamos aqui como espelhos da sociedade.

Para Vygotsky (1994), quando brinca a criança utiliza-se de experiências cotidianas e já vivenciadas, muitas vezes com outros objetos de seu meio, sendo essa parte de sua história sociocultural. Isso não quer dizer que ela apenas reproduza atividades, mas, sim, que reelabora essas, construindo criativamente novas possibilidades e realidades, modificando de sua maneira o mundo que a cerca, de forma única, expressando seus desejos enquanto internaliza e associa regras sociais.

O brinquedo é considerado por Kishimoto (1994 p.34) como um objeto que as crianças utilizam livremente para brincar, jogar, divertirem-se, sem regras, ou seja, um artefato com o qual a criança estabelece uma relação e produz diferentes significados e ações, desenvolvendo uma ação lúdica favorecida pela relação da criança e do objeto, resultando em uma brincadeira, levando-se também em consideração que, além disso, ele se reveste “[...] de elementos culturais e tecnológicos do contexto histórico-social no qual está inserido”. O jogo, entretanto, é apresentado como uma atividade física ou mental, direcionada por um sistema de regras, mas também pode ser compreendido como divertimento, e brinquedo.

Segundo Huizinga (2005, p.3), “Seria mais ou menos óbvio, mas também um pouco fácil, considerar ‘jogo’ toda e qualquer atividade humana”, pois, para ele, é no jogo e pelo jogo que a civilização surge e se desenvolve. Sendo assim, busca integrar o conceito de jogo no de cultura, tomando esse como fenômeno cultural e não biológico, o qual deve ser compreendido e estudado em uma perspectiva histórica, e não restrito, considerando esse então como um fenômeno sociopolítico-histórico.

As brincadeiras estão intimamente relacionadas tanto aos brinquedos quanto às crianças, ainda que essas não sejam as únicas a participarem delas. Sabe-se que ambos pressupõem uma aprendizagem social, sendo necessário, portanto, entendê-los, como parte indissociável da cultura da infância, e que sua participação teve um papel fundamental nas mais variadas esferas sociais, todavia, infelizmente, esses nem sempre são revestidos de tamanha importância na sociedade.

Essa dificuldade de reconhecimento do brincar, e da importância para a sociedade, deu-se devido ao fato de que tanto a cultura quanto a criança eram, e em alguns momentos ainda são, consideradas como não sérios, e também como uma propriedade dos adultos, sendo essa possivelmente a explicação plausível para uma visão extremamente adultocêntrica da infância e do brincar, ou seja, pelas visões e vozes de adultos.

Nessa perspectiva, percebe-se a fragilidade da concepção de criança na sociedade, que, segundo Lira (2015, p. 9), “[...] tanto a cultura quanto as crianças que vivem a infância estão envoltas, na atualidade, em um campo de instabilidades e descontinuidades”, e essas são, na maioria das vezes, compreendidas erroneamente, como um ser universal, estável e homogêneo, alheio às questões sociais.

Portanto, tem-se como um dos objetivos deste capítulo desmistificar a imagem limitada do brinquedo e do brincar historicamente construída, em que esses eram vistos como algo usado apenas para distração, ou seja, simples objetos agregados à imagem da criança, não importantes. A criança, por sua vez, era definida como uma “tela em branco”, que precisava ser construída em todos os âmbitos e que deveria apenas absorver conceitos prontos e impostos, sendo apenas na vida adulta que essa viria a se tornar um ser social, capaz de atuar, interagir e modificar o seu meio.

Em decorrência dessa incompreensão, conhecer e questionar esses conceitos limitados faz parte da busca de uma construção alicerçada de conhecimento, para que seja possibilitado, assim, reconhecer a criança, como produtora de cultura, e que, por meio de sua vivência e seu contato com os brinquedos e brincadeiras, interage com o que lhe rodeia.

Dessa forma, sente-se a necessidade de saber mais a respeito de como se deu o brincar na história social da infância. Como diferentes pessoas apresentam e utilizam-se do potencial desses objetos e ações lúdicas? Sendo concebidos os brinquedos e as brincadeiras como intermediários de tantas informações importantes, os entendemos e discutimos como os objetos principais da problemática deste capítulo.

1.1 ERA UMA VEZ, ME CONTA OUTRA VEZ: A HISTÓRIA DO BRINQUEDO E DO BRINCAR

Os primeiros registros da existência da brincadeira, para Frenzel (1977 p. 18), foram obtidos por meio de escavações arqueológicas, provenientes do período em que nossa espécie ainda tinha como modo de sobrevivência básico a caça e a coleta, e esses, enquanto referências sociais, vêm seguindo um caminho árduo e longo juntamente com as concepções que a sociedade vem tendo da infância.

Philippe Ariès (2015, p. 10), o historiador e pesquisador francês, em seu livro *História social da criança e da família*, originalmente lançado em 1960, apresenta que primeiramente a passagem da criança pela família e pela sociedade era muito breve e insignificante para que tivesse tempo ou razão de forçar a memória e tocar a sensibilidade, sendo “[...] algo que deveria ser esquecido e deixado de lado por sua insignificância, já que a morte prematura era algo corriqueiro”.

Nesse cenário, ainda as crianças eram percebidas como adultos em miniatura, um ser inacabado, sem valor expressivo, o qual, desde sua forma de vestir-se como em sua participação em festas, danças e espaços públicos, não tinham o mínimo de pudor, falavam vulgaridades, e sua participação em jogos sexuais era também comum. Isso acontecia, pois não se conhecia ainda a possibilidade da existência de uma “inocência”, muito menos que essa precisava de um olhar mais apurado quanto ao brincar.

Por meio da imposição religiosa, iniciou-se por volta do século XVII a visão de criança mística, em que essa era comparada a anjos, puros e inocentes. Outra comparação era de serem como “telas em branco”. Desse modo, os pequenos deveriam ser direcionados de acordo com a vontade e necessidade dos adultos. E esses conceitos passam a ser demonstrados em imagens e pregações religiosas, para que assim pudessem causar consternação, ternura nas pessoas e aos poucos as mudanças chegassem ao meio familiar, no qual, então, a responsabilidade por seus cuidados fosse compreendida como verdade única e insubstituível.

Inseridos nesse contexto, cuidar da educação e saúde das crianças seria um trabalho realizado exclusivamente pelas mulheres, e com uma nova ideia a respeito da manutenção da vida infantil, as condições de higiene foram sendo melhoradas e a preocupação, ora criada como dever dos pais, fez com esses não mais aceitassem perdê-las sem motivos aparentes. Assim, a própria família começa a educar seus filhos, responsabilidade anteriormente designada, pelas famílias ricas, principalmente, a outras pessoas. Como consequência de tantas modificações, um novo sentimento de infância aparece, em que a paparicação e o apego tomam conta das relações, muitas vezes tratando a criança como se fosse um “bichinho de estimação”. A esse respeito, Ariés (2015, p. 68) conta que,

[...] ela fala de um modo engraçado: e titota, tetita y totata... e [...] .eu a amo muito. [...] ela faz cem pequenas coisinhas: faz carinhos, bate, faz o sinal da cruz, pede desculpas, faz reverência, beija a mão, sacode os ombros, dança, agrada, segura o queixo: enfim, ela é bonita em tudo o que faz. Distraio-me com ela horas a fio [...].

E, em meio a todas essas alterações na sociedade, vale ressaltar que as crianças da época, segundo Ariès (2015), eram preparadas para exercerem suas funções dentro da sociedade desde muito cedo, por intermédio do contato com os mais experientes. Por esse motivo, brinquedos e brincadeiras infantis não eram entendidos como importantes na sua realidade, ao menos não de maneira consciente pelos adultos, e, nessa perspectiva, nota-se que os mais abastados eram preparados para uma vida de luxo e riqueza, para detenção do poder, e os mais pobres direcionados para servir e obedecer, e inseridos precocemente no trabalhos braçais.

Os estudos apontam que foi apenas a partir dos séculos XVII e XVIII que fatores históricos, políticos e educacionais possibilitaram o surgimento de um novo modelo de infância, no qual a criança passou a ser foco de discussões das mais diferentes áreas de conhecimento e o brinquedo passou a ser vinculado a essas. Como referência desse novo movimento, enfatizamos Rousseau, que, no século XVIII, em seu texto *Emílio*, vem a discutir o conceito de uma criança com natureza própria, a qual deve ser desenvolvida e estimulada, e, assim sendo, foi nesse mesmo período que notamos também uma tentativa de compreender o papel do brinquedo na formação e expressão do sujeito, sendo muito difícil dissociar um do outro dentro do contexto cultural infantil. Segundo Lemos (2007, p. 4),

A infância tornou-se uma natureza, uma essência que apresentaria modos específicos de se expressar, por exemplo, o brincar. Temos observado uma preocupação crescente não só de especialistas, mas também de pais e de diversas instituições com os modos de brincar das crianças e com os brinquedos que elas manipulam. Poderíamos até afirmar que houve uma apropriação do brincar como fonte de produção de saberes-poderes.

Com base nesse ponto de vista e como relatado anteriormente, devido à pouca importância dada à ação lúdica durante longo período, a dificuldade em se encontrarem documentos mais antigos, específicos e detalhados a respeito do brincar é uma problemática significativa, mesmo sendo a existência e análise desses imprescindíveis para um melhor conhecimento de fatores históricos e culturais da sociedade. Entretanto, não se pode afirmar que essa é uma verdade única, pois, em meio a esse contexto, encontram-se algumas evidências, ainda que discretas, de como o brincar e o brinquedo já se faziam presentes e necessários, mesmo antes de serem reconhecidos como, revestindo-se de cultura, ou seja, os valores, as crenças e as concepções de mundo de cada indivíduo.

É pertinente utilizar-se de documentos históricos existentes a respeito da cultura, mesmo nesses não tendo o brincar como o foco principal. Assim, é necessário compreender a existências dessas ações nas entrelinhas do texto. Como exemplo, temos algumas citações remetidas ao processo de colonização do Brasil, no qual, por mais que o brincar ainda estivesse sendo negligenciado, ele aparece como meio facilitador de contato entre os indivíduos de diferentes culturas.

Nesse panorama, Nogueira (2016) retrata a realidade dos momentos brincantes, no Brasil, no período de 1560, por meio de uma carta do Padre Rui Pereira, o qual fazia parte da companhia de Jesus. Ele que tinha como objetivo a instrução e a catequização dos indígenas brasileiros, direcionando como eles deveriam se portar, ou melhor, instruindo como viver de forma correta e aceita socialmente, pela cultura europeia, e pela Igreja católica. Todavia, a aceitação e comunicação, entre outros obstáculos, eram reais, então,

Acreditavam os Jesuítas que, tocando e cantando entre eles, teriam mais facilidade de comunicação. Nas festas da aldeia, os meninos com taquaras e maracas, feitas de casca de coco furadas com pedra dentro, cantavam e dançavam. Se tivessem aula de gaita ou tambor, pensavam os padres, os índios deixariam seus filhos irem à escola (NOGUEIRA, 2016, p. 108).

Com base nessa colocação, pode-se entender que as atividades tidas como divertidas podiam ser vistas como facilitadoras, para a aproximação, compreensão e aprendizagem, favorecendo a linguagem e a troca de informações entre os diferentes indivíduos, sendo que Von (2001, p. 18) relata ainda que foram os portugueses que apresentaram o teatro de marionetes, como um meio de catequisar os índios, pois esse artefato se apresentava como uma estratégia favorável de exemplificar certas questões, sendo devido a isso que seu uso perdura atualmente na educação, na qual podemos verificar sua utilização em muitas atividades educativas e escolares.

Nessa perspectiva, outros estudos, com fundamentação em documentações significativas, foram favorecidos pela pesquisa realizada por Philippe Ariès (2015), em que evidências de como se davam momentos da infância, por volta dos anos de 1600, entre outros assuntos, revelam-nos algumas situações, e como não poderia ser diferente, em meio a eles, percebemos a presença das brincadeiras, jogos e atividades lúdicas em geral.

O autor retrata que, em diversificados contextos, o brincar é uma realidade na história do homem, e por intermédio da análise de obras, compreensão de imagens e diários da época que se predispôs, ele apresenta a visão que adultos tinham a respeito da criança e como essas interagiam com seu meio de forma natural, em busca de desenvolver-se, sendo que, na maioria das vezes, adultos e crianças não

eram dissociados uns dos outros frente aos mais diversificados quesitos, como: vestimentas, atividades, festividades etc.

Por mais que pesquisadores como Kuhlmann Junior (1988, p. 17) critiquem os apontamentos do referido autor, e o acusem de apresentar apenas uma visão limitada da alta classe francesa no século XVII, suas colocações nos possibilitam perceber a diversidade de brinquedos já utilizados na época por um Delfin de França, dito por ele como o futuro Luís XIII,

Embora se misture aos adultos, se divirta, dance e cante com eles, o Delfin ainda brinca com brinquedos de criança. Tem dois anos e sete meses quando Sully lhe dá de presente uma “pequena carruagem cheia de bonecas”, “Uma linda boneca de theu-theu (?)”, diz ele em seu jargão (ARIÈS, 2015, p. 43).

Ariès (2015) também chama a atenção para detalhes tidos nas pinturas e desenhos da época, em que estão o cavalo de pau, o cata-vento e a imitação de pássaros em madeira, lindamente enfeitados e presos por um fio, como também bonecas. Mas vale ressaltar que nem sempre esses eram objetos tidos como infantis e cada um deles era repleto de significados culturais, utilizados desde em bruxarias até mesmo em festas religiosas, como o pássaro de madeira,

Nessas cenas de jogos, o pássaro em geral está amarrado a uma correntinha que a criança segura. Às vezes, ele é uma imitação de madeira. Em todo o caso, a julgar pela iconografia, o pássaro amarrado parece ter sido um dos brinquedos mais comuns. [...] o pássaro ou a sua representação não era não eram um brinquedo individual, e sim um elemento de uma festa coletiva e sazonal, da qual a juventude participava desempenhando o papel que sua classe de idade lhe atribuía (ARIÈS 2015, p. 47).

Nesse sentido, é imprescindível esclarecer a importância em se reconhecer a visão antropológica ao analisar o uso dos jogos e brinquedos por meio dos tempos, assim como aponta Kishimoto (2010, p. 8): “Se para criança europeia a boneca significa um brinquedo, um objeto, suporte de brincadeira, para certas populações indígenas tem o sentido de símbolo religioso”.

Nesse mesmo contexto, Altman (1999, p. 232) relata a respeito de outros exemplos de brinquedos, utilizados de distintas maneiras e contextos. Um deles, o chocalho; segundo ela, foi inicialmente feito por indígenas, utilizando-se de cascas de frutas secas e de outros objetos encontrados na natureza, e era, provavelmente,

um objeto para afastar os maus espíritos, pois, conforme aponta, eles acreditavam que esses seres poderiam machucar seus bebês e que o brinquedo ajudaria na proteção dos pequenos. No decorrer do tempo, esse foi se adaptando e, atualmente, continua a se fazer presente, porém em uma outra perspectiva, sendo industrializado e utilizado como estimulação, tanto visual quanto auditiva, além de um objeto de diversão.

Retomando a comunidade indígena, citada por Altman (1999), em seu texto “Brincando na História”, conforme a criança crescia seus brinquedos variavam. Após os chocalhos, utilizavam desde ossinhos de animais até penas, pedras, madeiras, sementes, conchas e tudo mais que as possibilitasse conhecer um pouco mais do mundo que a cercava. Um exemplo desses são as miniaturas de animais talhados em pequenos pedaços de madeira e até mesmo canoas simples para aprenderem suas responsabilidades com a aldeia, como relata a autora,

Acompanhando os pais à caça e à pesca, de tão hábeis, mostram-se caçadores consumados. Cedo as crianças aprendem a fazer canoas de uma só casca. E nesta canoa lá vão eles, sempre junto dos adultos, com seus pequenos remos ou com as próprias mãos e, com flechinhas, tratando de pescar ou até apanhando com as mãos os peixes à vista. [...] para pescar com vara utilizavam espinhos (ALTMAN, 1999, p. 234).

Dessa forma, é evidenciada a importância das brincadeiras para essa comunidade indígena, descrita por Altman, como uma forma de interação e reconhecimento de suas atribuições, como momentos de lazer e também aprendizado, algo que, muitas vezes, deve ter sido orientado e intencional, mas que também devem ter sido possibilitadas oportunidades livres, nas quais a criança recriava, em materiais que estavam ao seu alcance, de forma natural e espontânea, modificando e reescrevendo a maneira de utilizar cada objeto.

Desse modo, percebe-se que é por meio dessa ação lúdica que a criança, como aponta Fernandes (2001, p. 82), “[...] é introduzida nas experiências socioculturais e imaginários dos outros, [...] e, desse modo, assimila, apropria-se e recria conhecimento e significados do contexto social em que vive”.

Na mesma perspectiva da comunidade indígena citada anteriormente, enfatiza-se que também em Guarapuava-PR, nosso espaço definido para pesquisa, os conteúdos envolvidos no brincar foram modificando-se ao longo do tempo,

adaptando-se às novas realidades, e às diferenças, sejam elas relacionadas a questões físicas, como a idade das crianças, ao sexo, como também, e, principalmente, aos fatores socioculturais e econômicos.

As palavras de Helmut Gartner¹, quando diz que “brincava de trabalhar”, exemplificam como essas experiências se manifestavam no cotidiano infantil dele, e se adaptavam à necessidade que tinha, tanto em realizar atividades habituais quanto em inserir o brinquedo no contexto que vivia.

Puxava terra assim, esse brinquedo meu pai fez, ele tinha marcenaria [...]. Ah, aquele tempo era só brincar na terra e... Não era com brinquedo caro. Esses aqui nem os outros não tinha. Meu pai fazia porque ele tinha as máquinas. Mas os outros piás não tinham, pegavam pedaço de pau e fazia estrada na terra e andava assim feito trator, imitando assim [...].

Ainda neste contexto, na Figura 2, encontra-se Helmut Gartner, vestindo roupas brancas e carregando um carrinho de mão de brinquedo, com o qual carregavam terra, madeira e/ou, como ele relata, alimentos para os animais ao auxiliar os pais, e, assim,

Depois de maior um pouco, já tinha que trabalhar, já tinha que varrer os terreiros, tinha vaca, tinha porco e tinha galinha, daí a gente [...] pras porcas, era difícil de comprar ração, daí tinha nuns barranco fora da colônia, que tinha uns coisas assim que nem nabo, quando a gente cortava saía leite. Aí a gente cortava no carrinho de mão [aquele utilizado como brinquedo] e trazia pras porcas. Desde criança, nós tinha que trabalhar [...].

¹ Nascido em 1950 na Áustria, veio ao Brasil ainda com 1 ano de idade. Durante sua infância, residia em Entre Rios, interior de Guarapuava-PR. Entrevista cedida à autora em 22 de abril de 2018.

Figura 2 – Helmut e Jacob Gartner, com seus brinquedos – 1953



Fonte: Fotografia de Helmut Gartner, gentilmente cedida à autora.

Percebe-se, assim, a reprodução do mundo adulto em forma de brinquedo, e, além de observador nos relatos de Helmut, pela própria figura podemos visualizar a realidade da época expressa de forma verdadeira no “brincar” de ser grande, no brinquedo feito pelo pai, ou inventado por ele e pelos demais amigos, em outros momentos, com os materiais que tinham acesso.

Para Brougère (1997), prestar atenção no brinquedo é como se confrontar com o que se é ou também com a imagem do mundo e da cultura que se pretende apresentar para a criança.

1.2 TELEFONE SEM FIO: CADA UM COMPREENDE E ENSINA O BRINCAR DE ACORDO COM SUA CULTURA

O brinquedo é um objeto que carrega uma realidade cultural, a visão de mundo, compreensão da sociedade por meio do olhar de uma criança, pois, para Brougère, o uso desse é aberto e cabe à criança lhe atribuir significados, ou seja,

A criança dispõe de um acervo de significados. Ela deve interpretá-los: a criança deve conferir significados ao brinquedo, durante sua brincadeira. Neste sentido, o brinquedo não condiciona a ação da criança: ele lhe oferece um suporte em determinado, mas que ganhará novos significados através da brincadeira (1997, p. 9).

Volpato (2017, p. 27) sinaliza que tanto os jogos como a brincadeira e o brinquedo necessitam ser explorados e, para isso, é imprescindível que estejam correlacionados aos fatores históricos e culturais, pois apenas assim seu aparecimento é proporcionado, ou seja, inserido na produção coletiva dos homens em sociedade e de sua cultura popular, entendida por Chauí (1994, p. 24) como “[...] elemento que age no interior da cultura dominante, aceitando-a ou não”.

A cultura popular é indispensável para a compreensão da evolução da comunidade. Considerando como parte dela os jogos e brinquedos, percebemos que essa não é estática e, como é desenvolvida na maioria das vezes pela oralidade, tende a seguir as modificações de cada época e, muitas vezes, nem ao menos chegamos a descobrir a origem desses, pois, assim como outros artefatos e ações, vão recebendo novos conteúdos no decorrer das gerações e adaptando-se às novas realidades e necessidades.

Mais do que nunca, é importante reconhecer esse objeto como algo já inserido na sociedade e com condições necessárias de possibilitar um melhor entendimento dessa como um todo por meio de sua interação. E, mesmo diante de tamanhas modificações, facilidades e dificuldades, as quais serão discutidas mais adiante, ainda hoje, adultos, podem encontrar “velhos conhecidos” nas brincadeiras infantis, nas estantes das lojas de brinquedos, nos intervalos escolares, durante as propagandas televisionadas em canais direcionados às crianças, ou seja, na realidade contemporânea em geral.

São esses objetos que por muito tempo foram relacionados às atividades artísticas, sacras, místicas ou de trabalho, antes mesmo de serem considerados efetivamente brinquedos de crianças, fato esse que nos comprova a importância de perceber como a cultura ultrapassa a barreira do tempo e das transformações.

O brincar é considerado como uma das ações mais antigas de que se tem conhecimento, sendo que alguns pesquisadores como Antunes (1998, p. 37) apresentam que “[...] a brincadeira infantil está muito relacionada a estímulos internos que a contingência exterior. A criança não é atraída por algum jogo por

forças externas inerentes ao jogo e sim por uma força interna, pela chama acesa de sua evolução”.

Nessa perspectiva, considera-se que o brincar é um processo natural no ser e que esse não se dá apenas por mecanismos externos, mas, principalmente, pela necessidade de interagir em seu meio, sendo as brincadeiras ações, assim como aponta Bujes,

(...)algo que faz parte de uma “essência infantil” – espontâneo, prazeroso, ativo, desinteressado – com um fim em si mesmo [...], os brinquedos – e também as brincadeiras – são característicos de cada cultura e de cada momento histórico, ainda que alguns guardem um caráter de notável sobrevivência (BUJES, 2000, p. 207).

Desse modo, percebe-se que é importante empregar uma modificação na significação tradicionalmente aceita de que o brincar é algo inerente à condição da infância e ao seu processo de desenvolvimento, assim, compreendendo este como parte da vida social, assim como um método utilizado pelos grupos sociais para representar e fixar identidades.

Deste modo, o brincar deve ser vislumbrado como algo que precisa ser estimulado, ensinado e, como consequência, ser executado, assim como enfatizam Pontes e Magalhaes (2002, p. 5),

Qualquer transmissão de um elemento cultural só pode ocorrer dentro de um contexto social. A cultura da brincadeira é um fenômeno de grupo. É só em um conjunto de sujeitos que mutuamente se regulam, com uma identificação própria e com um modo de organização típico, que uma brincadeira tradicional se mantém e é repassada. Nesse sentido, parte-se do pressuposto de que entender a organização social de um determinado grupo é um fator essencial para se estudar a transmissão da cultura.

E, dessa forma, essas atividades revestem-se de significados, evidenciados, muitas vezes, pelas análises psicológicas, educacionais, antropológicas e históricas, as quais nem sempre buscam se cruzar, mas, por tamanha amplitude do tema, necessitam complementar-se.

Altman (1999, p. 231) salienta que, desde os momentos iniciais da vida do homem, ao se descobrir, reconhecendo sons, cores, formas, despertando para o mundo em que vive, a criança está brincando. A autora continua seu texto ressaltando que, no começo da vida, a criança é seu próprio brinquedo, e, pelo

contato com seu meio, ela vai descobrindo o outro e tudo o mais que lhe é apresentado, sendo para ela tudo uma brincadeira. Entende-se que, em meio a uma investigação, na qual apontamos tanto a criança e suas potencialidades quanto sua atuação no meio social, principalmente por intermédio de seus brinquedos e brincadeiras, como são esses objetos principais de estudo, é imprescindível enfatizar que devemos sim reconhecer como essenciais a construção de uma sociedade.

Assim, ao levar em consideração as vozes dos sujeitos que passaram sua infância em Guarapuava, por meio da narrativa oral, utilizada nesta dissertação, compreende-se também sua forma de entender o mundo que a cercava, a memória dos tempos de criança, dos momentos de brincadeiras, dos objetos e histórias que os envolveu, possibilitando, assim, conhecer mais e também identificar particularidades de cada cultura, seja ela individual, seja coletiva.

A memória da infância é, na maioria das vezes, prazerosa e recheada de histórias, entretanto, nem sempre priorizadas no “mundo adulto”, o qual, segundo Veroneze (2013, p. 4), “[...] está relacionado àquilo que é vivido e à vida social dos indivíduos sociais”, que fazem parte da formação do indivíduo, de sua realidade e são a base das atitudes hoje tomadas por esses frente aos novos desafios, que englobam a sociedade atual como um todo.

Na história da humanidade, muitos esforços foram desempenhados, por indivíduos de todas as posições e classes, sejam esses trabalhadores, filósofos, intelectuais, teóricos e/ou estudiosos, os quais buscaram compreender como se constrói a cultura de uma população, visto a quantidade de elementos que a integra e determina, algo que reveste-se de sua subjetividade, de maneira a ser essencial refletir a respeito do meio em que se está inserido, como se relacionam os seres sociais, visto que, como aponta Brandão (2002, p. 141),

[...] somos seres humanos, somos o que aprendemos na e da cultura de quem somos e de que participamos. Algo que cerca e enreda e vai da língua que falamos ao amor que praticamos, e da comida que comemos à filosofia de vida com que atribuímos sentidos ao mundo, à fala, ao amor, à comida, ao saber, à educação e a nós próprios.

Nesse contexto, verifica-se que tanto a brincadeira quanto os brinquedos são essenciais no que se refere à cultura da infância, pois, por meio desses, é favorecido o aprendizado de inúmeras questões sociais, como o vocabulário típico, os tipos de

interações, as regras, os alimentos, as vestimentas, os quais, devemos esclarecer, não são estáticos e vão se adaptando, assim como reproduzindo-se, de acordo com a importância dada a ele.

Entretanto, a dificuldade do reconhecimento dessa importância, com relação ao brincar e à criança, é inegável, e apenas por intermédio de concepções teóricas, sejam elas filosóficas, como de Froebel e Dewey, e/ou psicológicas, como de Wallon e/ou Vygotsky, em que cada uma delas, de forma particular, coloca seu valor e realidade, dão-nos a oportunidade de esclarecimentos e informações, favorecendo discussões pertinentes e um novo olhar frente aos mesmos. Dessa maneira, apontar o fato de que o brincar é essencial à cultura da sociedade como um todo vem sendo primordial, para entendermos o sentido de atitudes e os conceitos vivenciados diferentemente por cada sujeito, pois, como coloca Bosi (apud FERNANDES, 2001, p. 3),

[...] a cultura como “ato no tempo”, como trabalho e ato de criação que envolve os diferentes tipos de produções e práticas sociais que são espelho de uma lógica de explicação, de uma forma de ver, sentir e de se relacionar com a vida e com os fenômenos naturais, sociais, psicológicos; lógica essa que ordena e fornece significação e sentido às coisas do mundo, tornando-o inteligível. Nisto entram costumes, hábitos, crenças, língua, o imaginário. O mundo não pode ser reduzido à cultura, mas tampouco ser entendido sem ela.

Levando em conta, que cada cultura tem maneiras próprias de compreender a criança, perceber as diferenças, é reconhecer estas como parte de cada uma delas, parte de sua história, a qual não é única e linear, pois existem povos que viveram processos distintos de desenvolvimento e que atribuíram diferentes noções de famílias, adulto ou criança. Tal fato leva a perceber que os significados e valores dados aos brinquedos, jogos e brincadeiras vão se diversificar também de acordo com o tempo, com o contexto, variando de sociedade para sociedade e, assim, evidencia-se cada vez mais que estes objetos de estudo são de profunda riqueza no que se refere a conhecer a história de cada uma delas por uma nova perspectiva: a da criança. Pontes e Magalhaes (2003, p.1) enfatizam, a necessidade de se investigar as brincadeiras como meio de se conhecer mais a respeito da transmissão da cultura, na medida em que

A investigação de tais categorias e dos fatores envolvidos em sua produção é importante para uma melhor descrição da brincadeira e

da ocorrência de aprendizagem em situação natural e também para criar indicadores para a compreensão das relações entre os membros dos grupos de crianças, da socialização, da constituição do sujeito e da transmissão da cultura.

Visualizando, então, o brincar por intermédio do folclore, verifica-se também que é quase impossível ter certeza da origem de brincadeiras populares, pois, com as miscigenações ocorridas entre os povos durante as migrações, povoamento, entre outros diferentes contatos, a cultura de cada povo e as ações brincantes foram modificando-se e sendo transmitidas oralmente, adaptando-se a interferências sociais, mas, muitas vezes, mantendo a base, a qual hoje podemos identificar em brincadeiras realizadas em diferentes lugares do mundo, pois,

A universalidade de temas e valores presentes em diversas populações distantes traz algumas hipóteses acerca da origem comum do folclore em diversos países. São elas: 1) as histórias se originam na humanidade primitiva e todas as raças conservam-na através de suas migrações; 2) em tempos passados houve um contato direto entre as diversas raças humanas, graças ao qual os contos foram transmitidos de uma tribo a outra; 3). Houve uma tal semelhança entre a mentalidade de diversas raças durante a fase primitiva de seu desenvolvimento, que elas podem ter inventado ao mesmo tempo as histórias, independentemente umas das outras (KISHIMOTO, 2010, p. 18).

E é nessa perspectiva que Alves (2011) fala um pouco a respeito dos estudos de Walter Benjamin, para o qual o brinquedo carrega toda cultura desde sua produção, seu modo de ver o mundo, de se relacionar com as crianças e de educá-las. Ele segue relacionando a importância da história do brinquedo e a memória do brincar, estabelecendo relações entre cultura, infância, experiência, narrativa, história e memória, possibilitando interações entre a criança e seu mundo por meio da memória de sua infância.

Posto isso, vale ressaltar que a criança representa suas experiências de uma maneira lúdica e bastante própria. Segundo Oliveira et al. (2000, p. 7): “No brincar casam-se a espontaneidade e a criatividade com a progressiva aceitação de regras sociais e morais”, compreendendo, assim, que é durante a brincadeira que a criança consegue ter seu conhecimento de mundo, de espaço e de contexto, pois, mesmo na brincadeira livre, sem direcionamento do adulto, a criança explora o mundo à sua volta, imita e reproduz as experiências vivenciadas, apropriando-se dos afazeres e regras sociais de sua comunidade e significando-as de maneira particular.

Kishimoto (2010 p. 7) concorda com essa afirmação ao apontar o fato de que o lugar que a criança utiliza-se dentro de um determinado contexto social, a educação que lhe é dada e o conjunto de relações sociais que vivencia com os demais possibilitam compreendermos melhor como se forma a imagem da criança e do seu brincar, seus valores e concepções

Cada tempo histórico possui uma hierarquia de valores que oferece uma organicidade a essa heterogeneidade. São esses valores que orientam a elaboração de um banco de imagens culturais que se refletem nas concepções de crianças e seu brincar (KISHIMOTO 2010, p. 8).

Segundo Garkov (1990), a ligação entre cultura e criança é nítida nos jogos e brincadeiras, principalmente nas desenvolvidas em rua, onde a criança tem maior liberdade de expressão, mas vale pontuar também que essas não deixam de seguir padrões lúdicos, os quais, por mais que se observem diferenças regionais, fazem-se presentes caracterizando a cultura local.

Nesse caso, é pertinente apontar as palavras de Sabrina Centenaro², nascida em 1978, a qual relata momentos em que brincava na rua e tinha a liberdade com os amigos em brincar de escolinha, quando os mais novos aprendiam as regras, as brincadeiras e tudo o mais que os mais velhos pudessem ensinar:

Tínhamos uma turma. Nós éramos, deixa eu ver.... em 12 assim... que moravam ali na rua, na rua de casa [...]. Então, a gente brincava todo mundo juntos na rua. [...] A gente só brincava na rua, a gente não brincava dentro de casa, só quando tava chovendo, e no nosso caso, ali na rua, tinha uma casinha, que era tipo meia água, que ficava dentro do pátio de uma das casas, e aquela casinha ninguém usava, então ali era a escolinha. O nome da nossa escolinha era Walt Disney,[...] aí os mais velhos eram os professores e os mais novos eram os alunos [...].

Essa transmissão horizontal de conhecimento, de criança para criança, assim como as transmissões entre grupos, são enfatizadas por Kishimoto (1993), que aponta que a modalidade “jogo tradicional infantil” possui características de anonimato, tradicionalidade, transmissão oral, conservação, mudança e universalidade, pois a ligação entre “cultura” e “criança” é nitidamente reconhecida

² Sabrina Silveira Centenaro, nascida em 1978, no município de Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 22 de abril de 2018.

nesses momentos. Assim, a transmissão cultural é favorecida durante as brincadeiras e proporciona ao grupo envolvido a oportunidade de preservar suas características sociais nas gerações subsequentes, por meio de mecanismos de ensino e aprendizagem livre e espontâneo.

Constata-se, dessa mesma maneira, que o brincar esteve e continua estando presente no cotidiano da sociedade. Seja nos parques, nas ruas, em casa, na escola ou em qualquer outro lugar, a criança quase sempre está jogando ou brincando de alguma coisa, e está concomitantemente absorvendo e modificando sua cultura, como enfatiza Wajskop (2005, p. 33):

É, portanto, na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que eles são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interage. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência.

Nesse contexto, falar em jogo, brincadeira e brinquedo remete também à necessidade de compreender questões que vão desde a origem até as formas mais sofisticadas de produção de brinquedos e de brincar. Grande parte dos brinquedos inicialmente feitos de matérias-primas colhidas da natureza, produzidos manualmente, passaram, com auxílio das indústrias, a serem produzidos em larga escala, com diferentes materiais e funcionalidades. A variedade encontrada é imensa e, mesmo que cada cultura ainda influencie a maneira de brincar, é essencial perceber que a globalização permite que o mesmo objeto esteja presente na realidade da brincadeira das crianças do mundo todo e em diferentes espaços de tempo.

E, com base nessas observações, foi dada maior ênfase em alguns brinquedos e brincadeiras, os quais se percebe que, além de serem pertencentes às lembranças de todos os entrevistados nesta dissertação, também foram os que talvez tenham sofrido mais visivelmente essas modificações em relação às modernidades, como é o caso dos carrinhos, das bonecas e do brincar livre descritos nos próximos capítulos como norteadores de discussões pertinentes à realidade da sociedade em que se encontram inseridos.

2 AS BONECAS ENTENDIDAS COMO O ESPELHO MÁGICO DA REALIDADE

A boneca é um espelho deformante, um espelho mágico (BROUGÈRE, 2004, p. 79).

A boneca é um dos brinquedos mais antigos que se tem evidências, sendo imprescindível destacá-lo, de forma que possamos, por meio de sua evolução, tanto na produção como na utilização, compreender as modificações da sociedade em que estava inserido. Pesquisadores como Von (2001) relatam que a origem desse brinquedo se perde no tempo, e provavelmente as primeiras estatuetas tenham sido feitas pelo *Homo Sapiens* há mais de 40 mil anos. Mas é importante salientar que não se tem referência, nesse período remoto, ao uso desse como meio de diversão, ou que fosse destinado ao uso por crianças, sendo, ao contrário, reconhecido com propósitos ritualísticos, e com aparências adultas.

Sua existência é tida como universal, juntamente com outros brinquedos, assim como aponta Cascudo (1988, p. 301):

Estão na Mesopotâmia e na Anatólia, no Egito e nos Andes, na Patagônia e nos círculos polares, pradarias ameríndias, janglahindu, ilhas oceânicas, mundo chinês, australianos e africanos, em todas as raças e momentos de cultura. Ficam numa lógica dependência funcional dos ciclos sociais. Menino da civilização de caçadores, do círculo rural, dos nômades ou sedentários, possui jogo ligado à mecânica da existência grupal. As mais universais são as bolas, bonecas e disfarces.

Quando nos referimos à história das bonecas, é impossível não nos remetermos ao principal objeto exposto, o qual é conhecido com Vênus de Willendorf. Sendo compreendida como um símbolo de fertilidade, a boneca é também

Um dos objetos mais antigos que se pode classificar como sendo uma boneca chama-se Vênus de Willendorf (datada aproximadamente de vinte mil a vinte e cinco mil anos a.C., Figura 1), trata-se de uma pequena estatueta de formas humanas arredondadas. Atualmente, encontra-se no Museu de Arte Natural de Viena, na Áustria (SOUZA, 2009, p 27).

Dessa maneira, percebemos que em diferentes culturas a boneca foi se fazendo presente, inicialmente como um símbolo religioso, recheado de significados e emoções. Eram produzidas normalmente com materiais mais rústicos, sendo esses os disponíveis na região, como barro, palha, madeira, osso etc. Elas sempre foram envoltas em valores os quais se apresentavam como de suma importância para cada comunidade principalmente, ou melhor, quase que exclusivamente direcionado às mulheres, pois, assim como apontam Kropeniski e Perurena (2017, p. 967), “Devemos considerar que nos encontramos em uma sociedade marcada por binarismos, de modo que as relações de gênero não fogem a essa regra, e são configuradas a partir de uma oposição entre feminino e masculino”.

Na Grécia, a fertilidade feminina era algo de extrema devoção, e, assim, as bonecas ganhas na infância acompanhavam as meninas até próximo ao seu casamento, quando deveriam dedicar essas à Afrodite, deusa da fecundidade, para que, desse modo, pudessem garantir sua benção e ter muitos filhos, algo bastante valorizado pela sociedade em que estavam inseridas.

Compreendemos, então, que o brinquedo pode ser concebido diferentemente diante de outras significações, até mesmo fora da ação do brincar, como expressa Kishimoto (2011, p. 17), quanto a outros significados dados a boneca, não sendo essa compreendida dentro do conceito lúdico: “A boneca é brinquedo para uma criança que brinca de filhinha, mas em certas tribos indígenas, conforme pesquisas etnográficas, é símbolo de divindade, objeto de adoração”.

E assim, com tantas variáveis, é de suma importância perceber diferenças vivenciadas pelas crianças, em diferentes períodos, ao brincar com bonecas, além da maneira que essas eram disponibilizadas, armazenadas e até mesmo em que contexto se permitiam utilizá-las, visto que

O brinquedo é fornecedor de representações manipuláveis, de imagens com volume: está aí, sem dúvida, a grande originalidade e especificidade do brinquedo que é trazer a terceira dimensão para o mundo da representação (BROUGÈRE, 1997, p. 14).

Ou seja, não se deve esquecer que brinquedos produzidos e ofertados às crianças quase sempre refletem sinais de sua cultura, entre eles as relações de gênero que, segundo Kropeniski e Perurena (2017, p. 971), “[...] caracterizam uma cultura, e ensinam às crianças diferentes posições de mulheres e homens em uma

estrutura social”. E, dessa forma, é essencial levar em conta todo contexto envolto nesse a fim de buscar maior compreensão e igualdade de meninos e meninas.

2.1 A BONECA COMO CONSTRUÇÃO DO SEU PRÓPRIO BRINCAR

As diferentes formas desse brinquedo podem ser encontradas nos relatos de pessoas que viveram nas comunidades rurais do município de Guarapuava-PR, onde era bastante comum a fabricação de bonecas pelas próprias mãos das crianças, que, se utilizando de espigas de milho, facilmente encontradas nas plantações, construía seu brinquedo com as particularidades de seu meio. Todavia, é importante destacar que essas se apresentavam como sazonais, algo com pouca durabilidade, dependendo especificamente da plantação realizada em certo período. Entretanto, esse brinquedo, mesmo que temporário, possibilitava a elas, momentos únicos e prazerosos, em que personalizavam seus brinquedos e divertiam-se desde sua construção até o momento em que esses não poderiam mais ser utilizados.

De acordo com o que nos relata Irmgard Gartner³ a respeito de sua experiência de criação:

Fazia a boneca com sabugo de milho, daí a gente debulhava o milho, lavava, daí deixava a palha, e com a palha você fazia o cabelo. [...] com a palha, mas nós tirava o milho, né? E daí nós fazia o cabelo, nós pegava metade, metade fazia uma trança, amarrava, daí esse era a nossa boneca também [...]. Nós tirava e fazia só aquela, parecia só a cabeça né, o cabelo com a palha.

Figura 3 – Bonecas feitas com a espiga de milho – 2018



Fonte: Fotografia de Irmgard Gartner, gentilmente cedida à autora.

³ Irmgard Gartner, nascida em 1951, em Guarapuava, é descendente de alemães e passou sua infância no interior do município, em Entre Rios. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 22 de abril de 2018.

As bonecas de milho na Figura 3 foram feitas por Irmgard com o intuito de demonstrar como eram essas confeccionadas em sua infância, mas vale ressaltar que ela enfatizou que nem sempre tinha outros materiais disponíveis para enfeitar.

Essa prática também se fez presente em outras localidades, conforme explica Teixeira (2015, p. 131):

No início da colonização dos municípios de Colorado do Oeste e Cerejeiras, era comum, na época das plantações de milho, as meninas utilizarem as bonecas verdes domilharal, ou seja, as espigas para transformá-las em bonecas. A beleza das espigas era notável de longe. As terras muito férteis produziam lindas espigas, então as meninas escolhiam com frequência suas bonecas. A palha que envolvia a espiga, ainda verde, terminava fina e delicada para cima, onde os cabelos de cores fortes em vários tons caíam sobre a espiga. As meninas escolhiam suas bonecas pela cor e tamanho dos cabelos. Havia bonecas de cabelos vermelhos, brancos, rosas, amarelados. Após serem transformadas em bonecas, as espigas duravam cerca de dois ou três dias, então as meninas despiam as espigas e as descartavam.

Nesse contexto, nos é possibilitado entender o quanto a criatividade da criança era exigida, já que construíam as casinhas e móveis em miniatura para brincar com as bonecas, muitas vezes feitas de pano e preenchidas com pena de ganso, ou como já citado anteriormente, feitas com sabugo de milho, as quais eram realidades nas brincadeiras descritas por Irmgard Gartner, que conta:

[...] daí eu brincava de boneca, daí eu fazia aquela com caixa, eu cortava a caixa assim pra fazer janela, e porta, daí eu fazia cortina e prendia com a/o percevejo a cortina. [...] Isso, bem grande, e daí a gente fazia uma cama, daí fazia tudo assim, uma cozinha, diria, porque não tinha nada, daí eu brincava com isso.

Na continuidade da narrativa, Irmgard Gartner explica que a casinha só tinha os móveis que conhecia, pois outros não eram de seu cotidiano, como sofá, ou objetos como chuveiro:

As bonecas eles faziam de pano, e de coisa, assim. Sim, tudo tinha que ser construído. [...] Sofá, no meu tempo de criança, não tinha sofá. [...]. Na cozinha, não tinha sala, não tinha TV, não tinha luz, banco, tinha aqueles bancos, cadeira, que eu tenho uma lá atrás. Cadeira era tudo os homens que faziam, ou uma pia, era só tipo uma [...] pano na frente de madeira, assim [...]. Banheiro, não tinha

banheiro, tinha que fazer lá fora, e pra tomar banho, a gente tomava banho na cozinha, no chão, tinha uma coisa grande e nós tomava banho [...]. Uma pena que não temos foto.

Com exemplos como esse, é perceptível o quanto o brincar representa um meio de ressignificação do que a criança vivencia no seu cotidiano, expondo seus entendimentos, dúvidas e experimentações, assim como possibilita a elas uma redefinição de sua cultura, com base em suas próprias concepções, pois

A criança ao brincar é introduzida nas experiências sócio-culturais e imaginários dos outros que pode ser o adulto, mas também outra criança e, desse modo, assimila, apropria-se e recria conhecimento e significados do contexto social em que vive (FERNANDES, 2001, p. 82).

Mesmo dentro de todo esse contexto de produção artesanal, precisamos compreender que foi se evidenciando a pluralidade e também a evolução social da boneca, entretanto vale ressaltar que essa continua sendo destinada quase que totalmente ao público feminino. Um exemplo é que, muitas vezes, desde que se descobre o sexo do bebê, os pais fantasiam como ele vai ser, ou melhor, como querem que seja, e, caso seja menina, a boneca é um dos primeiros brinquedos. Assim,

Antes mesmo de uma criança nascer, quando se descobre o sexo do bebê, tudo toma um rumo. Meninas e meninos, futuras mulheres e homens, passam a ser idealizadas/idealizados, modeladas/modelados, conforme os padrões culturais de gênero. É preciso considerar que, apesar de tomarem como base o sexo biológico, as construções de gênero não se resumem a ele (KROPENISCKI; PERURENA, 2017, p. 969).

É fato que a boneca tem sido bastante modificada desde o século XVIII até o século XXI, já que nesse período, conforme aponta Brougère (2004), a fabricação de brinquedos sofreu, e continua sofrendo, uma verdadeira transformação, pois, juntamente com a Revolução Industrial, foi propiciado o abandono de um sistema de produção artesanal, o qual, na maioria das vezes, era executado por mãos femininas e utilizava-se dos materiais mais simples e únicos, que acabavam por personalizar cada uma delas. E, mais do que nunca, com essa padronização, percebe-se que

As relações de gênero passam por transformações, muitas vezes atropeladas por preconceitos. Contudo, essas mudanças nem

sempre são retratadas de imediato na produção e oferta de brinquedos. Em uma sociedade capitalista, marcada pelo consumo, uma fábrica de brinquedos deve (re)produzir o que interessa a seu público consumidor. Desse modo, as mudanças observadas na produção e oferta de brinquedos caminham a passos lentos, pois o campo em que se inserem encontra-se minado, é vigiado por normas jamais revisada (KROPENISCKI; PERURENA, 2017, p. 979).

Ainda com tantas modificações, é verdadeiramente grande a variedade de modelos de bonecas encontrados, sendo estes industrializados ou não, e esses também fazem parte do acervo fotográfico de nossos entrevistados.

Para Irmgard Gartner, mesmo que menos frequente, a boneca industrializada também foi significativa no seu contexto lúdico e sociocultural. Ela enfatiza que essas eram raras e nem sempre ao alcance para brincar; ou seja, eram as bonecas que ficavam expostas nas prateleiras para que não estragassem. Ela lembra que a família não tinha muitas condições financeiras no período de sua infância. Assim, a dificuldade de ter um objeto como esse elucida o porquê de cuidar tanto dessa, quando conta que

Essa (boneca) eu ganhei da minha vó, não, da minha mãe, que veio, que ela trabalhava de empregada em São Paulo, e daí ela trouxe pra nós, porque aqui era tudo bem pobre, assim, não tinha boneca e nada desse jeito, daí eu ganhei ela, né?.

Observa-se na Figura 4, na qual ela e o irmão mais velho Helmut posam para um fotógrafo itinerante, que suas vestimentas são mais tradicionais. Além disso, o orgulho em expor o brinquedo é grande, ou seja, esse era um momento especialmente planejado, quando a boneca saía do espaço de enfeite da estante para fazer parte de mais um momento importante, o de guardar recordações por intermédio da fotografia. O fato de poder tanto expor como brincar com a boneca industrializada é descrito por Irmgard como uma oportunidade importante, visto serem poucos.

Figura 4 – Irmgard com sua boneca e seu irmão – sem data



Fonte: Fotografia de Irmgard Gartner, gentilmente cedida à autora.

Essa dificuldade em ter acesso à boneca industrializada também foi apresentada por Sissi Souza⁴. Segundo ela, o brincar acabava por se dar mais em contextos externos, no qual se utilizavam do corpo, da natureza e de toda liberdade. Além do mais, a questão financeira deixava com que poucos pudessem ter os brinquedos feitos em fábricas, e, nesse contexto, os pais acabavam por improvisar, para dar aos seus filhos os brinquedos que queriam, como ela relembra:

[...] tínhamos uma vizinha muito rica ali, e as vizinhas ganhavam uma boneca que andava. Pense, menina! E elas acabavam jogando aquelas bonecas que paravam de andar, e minha mãe falou para meu pai: “Viu, eles jogaram uma boneca. Junta para Sissi”. Daí, meu pai foi lá, pegou a boneca, trouxe para casa e arrumou para mim brincar. Tá até hoje lá na minha mãe. Essa ainda existe.

Sissi Souza reforça esse contexto, ao lembrar que, assim como Irmgard, nem toda boneca que se ganhava poderia ser utilizada como brinquedo. E não eram apenas as meninas que passavam por essa ansiedade; os meninos também, entretanto não com bonecas, e sim com carrinhos, mas tudo justificado pela dificuldade financeira, bem como a demanda mais restrita nas lojas especializadas. Pode-se observar que, em suas palavras, ela explicita muito bem essas diferenças:

⁴ Edna Sissi Garrozi Souza, nascida em 1966, prefere ser chamada de Sissi. Entrevista cedida em 10 de agosto de 2018 para Giselle Gartner.

[...], a gente brincava assim muito pouco, mesmo porque eu vivo contando para Syndel [filha] que a gente passava um ano até chegar o Natal para você ganhar um presente, e, quando você ganhava esse presente, a minha mãe não deixava a gente brincar. [...] pra não estragar o presente, gurria. Eu lembro de uma boneca que minha mãe deu. Assim, ela dava, daí perguntava: “Olhou a boneca, Sissi?”. Daí eu olhei. “Então, coloque lá na caixa e vai guardar.” Aí ficava guardada. O meu irmão ganhou um, uma pista de carrinho, fliperama. Na época, era “Fitshow”, eu lembro. E agora, [...] pouquíssimo tempo antes do meu pai falecer, até meu pai subiu no forro da nossa casa, lá da casa deles, e achou, gurria, o jogo do meu irmão. Meu irmão tem 56 anos. Guardado, porque a mãe não deixava a gente brincar, ia estragar.

E assim, com tamanha dificuldade em se ter e também em se poder utilizar dos brinquedos ganhos, a maior diversão acabava sendo em meio aos demais contextos, em que a natureza se fazia presente mais uma vez, pois era com a imaginação, a criatividade e a liberdade que poderia ser extravasada a energia acumulada, uma vez que, ao não poder brincar com a boneca, Sissi diz que encontrava outras formas de ser criança, como subir em árvores etc.

E com esse cenário, no qual o brincar, o brinquedo e a brincadeira permeavam diferentes maneiras de se situar, percebemos que, inicialmente, aos poucos, os objetos industrializados passaram a se fazer cada vez mais presentes na vida da criança. Entretanto, com sua divulgação, com a televisão, as revistas, sua facilidade de acesso, com mais lojas e mais produtos, bem como a imposição social, acabaram por favorecer um novo caminhar com relação a essa brincadeira de boneca. Mas, mesmo com suas diferenças, não podemos deixar de relembrar a sua importância na sociedade, visto que

É, portanto, na situação de brincar que as crianças se podem colocar desafios e questões além de seu comportamento diário, levantando hipóteses na tentativa de compreender os problemas que eles são propostos pelas pessoas e pela realidade com a qual interage. Quando brincam, ao mesmo tempo em que desenvolvem sua imaginação, as crianças podem construir relações reais entre elas e elaborar regras de organização e convivência (WAJSKOP, 2005, p. 33).

Para Winnicott (1975, p. 172), é no brincar criativo que se desenvolve “[...] o uso de símbolos que representam, a um só e mesmo tempo, os fenômenos do mundo externo e os fenômenos da pessoa individual”. Mas, infelizmente,

atualmente, predominantemente, a brincadeira é entendida pela indústria cultural como uma maneira de preparação das crianças para a vida adulta, sendo estas atividades lúdicas, muitas vezes devendo ser realizadas dentro dos padrões impostos pelas normas vigentes da época. E, assim, a constante preocupação que se tem de como será o futuro das crianças acaba por privá-las de seu tempo, de brincar, de interagir, resultando em crianças muitas vezes frustradas, sem alegria em brincar, ou até mesmo sem brincar, engolidas pelo sistema social imposto, e seus “novos” brinquedos eletrônicos.

2.2 A BONECA INDUSTRIALIZADA COMO CONEXÃO ENTRE O BRINCAR LIVRE E A PADRONIZAÇÃO

A singularidade nos objetos feitos para brincar acaba por se torna mais difícil com a industrialização em larga escala e tem como consequência a padronização dos brinquedos, assim como dos materiais utilizados.

Para melhor contextualização, podemos nos utilizar do exemplo da boneca “Barbie”⁵, famosa mundialmente, da mesma maneira que a boneca “Meu Bebê”⁶, pois ambas se apresentaram como sendo bastante populares também, entre os entrevistados, sendo que esses brinquedos são encontrados em diversificadas regiões, seguindo um padrão de materiais e até modos de utilização, favorecidos pela globalização e venda em larga escala.

Benjamin (2002) discute a respeito da transição do papel do brinquedo como resultado da industrialização, em que se percebe um maior distanciamento entre as crianças e seus pais, os quais, muitas vezes, eram possibilitados de produzir esses em conjunto, sendo que

Uma característica dos brinquedos é que, assim como as brincadeiras tradicionais e as cantigas de roda, os brinquedos artesanais foram sendo transmitidos de geração a geração, recebendo muitas vezes, modificações de acordo com a época e/ou região e dando origem a novos brinquedos que passaram, inclusive, a ser fabricados pelas indústrias. A Revolução Industrial e a

⁵ Barbie é uma boneca usada como brinquedo infantil, cuja criação data de 9 de março de 1959. Ela é considerada um símbolo nas modificações do corpo das bonecas, não sendo um bebê, e sim uma mulher.

⁶ Boneca produzida pela Estrela, fábrica de brinquedos que, desde os anos 1930, direciona suas produções para brinquedos infantis. A “Meu Bebê” é uma das bonecas referências da marca no que diz respeito a bonecas com corpo de bebê.

fabricação em grande quantidade popularizaram o brinquedo e transcendeu fronteiras (MAGNABOSCO, 2007, p. 37).

Assim, nota-se também que a representatividade de algumas empresas e seus produtos (brinquedos) esteve fortemente presente na maior parte das lembranças às quais tivemos acesso, e se fez necessário analisarmos as figuras, nas quais a mesma boneca, chamada “Meu Bebê”, acaba por se fazer presente.

É importante notar que, no caso desta boneca, “Meu Bebê”, apenas tamanhos e algumas roupas são diferentes, sendo suas características e materiais de produção idênticos, mesmo que, em sua maioria, os sujeitos de pesquisa não se conheçam, e tiveram acesso ao brinquedo em diferentes períodos.

Questões essas nos oportunizaram identificar como a globalização e o acesso facilitado aos brinquedos, além de toda sua popularidade e divulgação, fazem com que muitas crianças desfrutem do mesmo brinquedo, ainda que sua realidade social e/ou forma de brincar possam ser diferentes, pois,

Hoje, crianças do “mundo globalizado” compartilham dos mesmos brinquedos. Os eletrônicos e o próprio computador fazem parte das aspirações das crianças. Mas ainda há lugar para a brincadeira espontânea, que surge com qualquer material que esteja à mão (MAGNABOSCO, 2007, p. 38).

A boneca em questão era um dos brinquedos mais desejados pelas meninas desde seu surgimento, sendo que, atualmente continua com grande representatividade no mercado infantil, no que diz respeito a bonecas- bebês.

Podemos constatar esse fato, nas palavras de Sabrina Centenaro, ao evidenciar que

[...] o único brinquedo de menina que eu pedi foi uma boneca “Meu Bebê”. A única. Mas não era a boneca que eu brincava. Era... não era a boneca que eu brincava era só uma boneca pra bonito. Tendeu? A única coisa assim.

Assim como Sabrina, Denise Karly⁷, na Figura 5, com seu irmão Ralf, aparece segurando a boneca que mais queria. Ela conta que, nesse momento, havia acabado de ganhar a boneca, “Meu Bebê”, de presente de aniversário, sendo essa, ainda hoje, um brinquedo utilizado por sua filha.

⁷ Denise Karly nasceu em 1980, no município de Guarapuava, onde passou sua infância no interior, no distrito de Entre Rios. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 19 de abril de 2018.

Essa boneca eu tenho até hoje, está tudo costuradas, mas eu tenho até hoje essa boneca. Que a Nathalie [filha] brinca até hoje. [...]. Essa boneca era a minha favorita sempre, eu tinha essa e tinha as Barbies, mas essa era a favorita.

Podemos perceber nas imagens que os brinquedos que ganhou de presente, localizados no balcão atrás deles são, na sua grande maioria, industrializados, e mesmo que se encontrem outras bonecas entre eles, essa em questão, no seu colo tem posição de destaque, confirmando sua predileção.

Figura 5 – Aniversário de Denise Karly – 1984



Fonte: Fotografia de Denise Karly, gentilmente cedida à autora.

Segundo Winnicott (1975), a menina, ao brincar de mamãe com uma boneca, imagina-se adulta e cuidando de filhos. Assim, vale destacar também, quanto à semelhança nas vestimentas da boneca e de Denise, em que a cor e o modelo apresentam uma maneira de aproximação e exemplificação da realidade cultural vivida pelas meninas, ainda vistas hoje, embora possivelmente em menor

intensidade, sendo o vestido cor-de-rosa algo ainda dedicado ao gênero feminino tanto quanto o brincar de boneca como uma preparação para serem boas mães.

O brinquedo vem marcado pelo simbólico sobre o funcional, e o próprio valor simbólico é a sua função. O objeto encerra em si um universo real ou imaginário que, em muitas vezes, determinará o sentido ficcional da brincadeira, e se caracteriza pela ausência de regras, pela possibilidade de criação e de liberdade no seu uso. Por exemplo, uma boneca desperta na menina seu sentido de maternagem, de cuidado, de atenção, de troca de roupas ou o tratamento como se fosse um bebê, ao passo que o menino utilizará bonecos para construção de cenários de guerra (MAGNABOSCO, 2007, p. 61).

Nesse contexto, Brougère (2004), aborda o fato de que o brinquedo proporciona o contato com um “discurso cultural sobre a sociedade”, sendo aqui enfatizado um modelo binário de gênero, pois, normalmente para as meninas, estão direcionadas as atividades domésticas, assim como os tradicionais tons de rosa, e esse conjunto é entendido como característico de um padrão de feminilidade.

No entanto, assim como coloca Magnaboscoc (2007, p. 61), “[...] estes objetos não encerram em si nem maternagem, nem guerra, mas uma representação num fundo de significação inserido num meio social de referência”. Ou seja, a importância destinada é de acordo com o meio em que a criança esta inserida, assim como suas vivencias nesse.

Thaiza Neiverth⁸ foi fotografada com sua boneca “Meu Bebê” em variados momentos de brincadeira, e, nas figuras, podemos notar que, em seu quarto, o mobiliário possibilita “brincadeiras de casinha”, contendo mesa e cadeiras em tamanho reduzido, além de objetos como bules em miniatura e enfeites sob a mesinha, os quais reproduzem o mobiliário adulto. Além disso, na Figura 6, são percebidas reproduções culturais de festividades como aniversários, alimentação e cuidados com os bebês, os quais são realizados juntamente com outras crianças e suas bonecas, evidenciando que essas são do mesmo modelo, apenas em tamanhos variados.

⁸ Thaiza Neiverth nasceu em 1982, no município de Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 25 de outubro de 2018.

Figura 6 – Festa de aniversário das bonecas – 1988



Fonte: Fotografia de Thaisa Neiverth, gentilmente cedida à autora.

Percebe-se assim que alguns objetos nessas brincadeiras podem ser entendidos como representação do conceito de gênero. Nesse contexto, Bujes (2000, p. 210) apresenta que “[...] as representações de brinquedo preexistentes, num determinado universo cultural, terão, portanto, sobre as crianças e adultos, um forte papel modulador nos significados que estes mesmos sujeitos passam a atribuir a tais objetos”.

Kropeniski e Perurena (2017) apontam que apenas as meninas assumem tarefas domésticas, como lavar a louça na pia, ou mesmo as colocam para lavar na lavadora de louças, passam a roupa das bonecas, prepararam alimentos, para os envolvidos nas brincadeiras, podendo até mesmo utilizar-se de réplicas perfeitas de liquidificador, batedeira, torradeira, cafeteira, entre outros tantos brinquedos destinados às casinhas, sem esquecer, é claro, de cuidar de bebês.

Não se entende essa dinâmica como errada, conforme visto anteriormente que o brincar é uma reconstrução do mundo adulto, entretanto o que realmente chama atenção é o fato de que, nesse cenário, dificilmente pode-se contar com a presença masculina, e, caso esse venha a interessar-se, é desestimulado pelos adultos.

Figura 7 – Thaisa brincando com sua boneca favorita – 1988



Fonte: Fotografia de Thaisa Neiverth, gentilmente cedida à autora.

A questão de gênero é observada também nas cores utilizadas nos artefatos infantis, da Figura 7, os quais combinam com as vestimentas de Thaisa. A predominância da cor é percebida também na Figura 8, onde as meninas, refletem a generalização do uso da cor rosa pelo sexo feminino e seus brinquedos.

Figura 8 – Thaisa e sua amiga com suas bonecas no jardim – 1988



Fonte: Fotografia de Thaisa Neiverth, gentilmente cedida à autora.

Nos estudos de Kropeniski e Perurena (2017), esses afirmam que a oferta desses brinquedos propõe às meninas as responsabilidades direcionadas a elas pela sociedade, por exemplo o fato da maternagem, higiene e cuidados. Em contrapartida, aos meninos fica apenas uma pequena parte do trabalho doméstico, em que esses se percebem como ajudantes.

Assim, para tornar fatos como esses mais atraentes às meninas, a indústria do brinquedo acaba por direcioná-los por intermédio de cores, cheiros e muitos outros artifícios,

Roupas, móveis, materiais escolares, decorações, tudo o que se oferta a meninas é marcado pela cor rosa, antes mesmo do bebê nascer. Em contrapartida, para os meninos, todas as cores são bem-vindas, exceto os tons de rosa. Sua masculinidade parece correr perigo quando se aproximam da cor rosa. Mas se não existissem essas imposições culturais, que aprendemos e reproduzimos, será mesmo que a cor preferida de meninas seria rosa? E será mesmo que essa cor seria tão ofensiva aos meninos? (KROPENISCKI; PERURENA, 2017, p. 976).

Dando continuidade à presença tanto da cor rosa como da boneca “Meu Bebê”, como sendo protagonista das brincadeiras das meninas entrevistadas,

Syndel Stefanés⁹, na Figura 9, expõe-nos que ganhou sua boneca de presente de Natal, após esperar muito por ela, e, então, esse passou a ser como um ritual entre ela e a madrinha, a qual sempre a presenteava com esse tipo de brinquedo.

Figura 9 – Syndel e sua boneca “Meu Bebê” – 1997



Fonte: Fotografia de Syndel Stefanés, gentilmente cedida à autora.

É perceptível também que, na Figura 10, a boneca acaba sendo inserida em demais atividades, como andar de bicicleta, e por mais que em outros momentos ela relate que outras brincadeiras eram mais importantes, devido ao fato de poder inserir os primos homens, os quais não queriam brincar com bonecas, constata-se que, em momentos distintos, essa se fez como protagonista de sua infância.

⁹ Syndel Souza Stefanés nasceu em 1994, no município de Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 11 de setembro de 2018.

Figura 10 – Syndel com sua madrinha, brincando com a boneca na bicicleta – 1997



Fonte: Fotografia de Syndel Stefanés, gentilmente cedida à autora.

Essa boneca eu ganhei da minha madrinha [...]. Tenho lembranças bem marcantes também desse dia [...]. Eu lembro que foi bem no Natal, que ela vinha me prometendo que ia me dar uma boneca quase do meu tamanho [...]. Exatamente, é o “Meu Bebê” da Estrela [...]. Eu lembro que eu esperei muito por essa boneca, que eu queria um bebê quase do meu tamanho. Acho que, na época, eu pensei nisso. [...]. Acho que, assim, que eu sempre esperava a boneca do Natal [...] (Syndel Stefanés).

Por intermédio das palavras de Syndel, compreendemos que o brinquedo acaba por se fazer como um mediador nas relações entre as crianças e seus pares, e, para ela, acaba sendo mais importante a ação realizada do que o objeto em si utilizado, ou seja,

Os brinquedos tornam-se, portanto, objetos de comunicação, meio através do qual a criança sai de uma situação centralizada em um objeto, para torná-la em utensílio mediador entre ela e outras crianças, e de forma mais generalizada, entre ela e o mundo. (BROUGÈRE, 1994 apud KISHIMOTO, 1996, p. 138).

Nessa relação da utilização da boneca nas relações com seus pares, a mesma boneca se faz presente na infância de Mylena Nascimento de Oliveira¹⁰, a qual, nesta Figura 11, brinca com a amiguinha, utilizando o brinquedo comum às demais meninas aqui relacionadas, e percebemos que suas roupas e as das bonecas também são similares.

Figura 11 – Mylena brincando de boneca com sua amiguinha –2001



Fonte: Fotografia cedida por Milena Oliveira, gentilmente cedida à autora.

Além disso, notamos a reprodução de artefatos cotidianamente utilizados pelos adultos no cuidado dos filhos, como o carrinho de bebê, os quais também estão presentes nas brincadeiras das crianças, mas em tamanho reduzido, para essas utilizarem com as bonecas.

Ela menciona, assim como Syndel, o fato de que, por mais que as bonecas não fossem seu brinquedo favorito, houve momentos importantes com a inserção delas, já que era por meio dessa que muitas vezes compreendia e internalizava

¹⁰ Mylena Nascimento de Oliveira nasceu em 1998, no município de Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 13 de abril de 2018.

regras colocadas por seus pais e também quanto ao convívio com os demais. Posto isso, vale ressaltar as palavras de Bomtempo (2011, p. 75), a qual aponta que o “[...] brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança.[...] A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação, a agir e a imaginar”.

Em grande parte das recordações dos sujeitos desta dissertação, as meninas, em sua totalidade, as quais aqui foram entrevistadas, eram incentivadas a “despertar” para maternidade a partir das brincadeiras com suas bonecas. Ser mãe era e ainda é, muitas vezes, descrito como lindo e puro, além de ser quase que uma exigência para a formação de uma família tida como socialmente “normal” e aceita. Para isso, compreende-se até mesmo o uso de carrinhos, balanços nos braços, alimentações, músicas cantadas para a boneca “dormir”, como um treino social, para a vida adulta.

Entendem-se, assim, esses como representações do mundo social objetos que possibilitam às crianças presenciarem situações que se assemelham às atividades dos adultos, sem deixar de enfatizar que muitas dessas acabam já vindo direcionadas como femininas ou masculinas.

Dessa maneira, outros elementos também foram sendo inseridos nas brincadeiras, e a boneca servia para a materialização de conceitos novos e de difícil compreensão, como a morte, por exemplo. E, apesar de acontecerem imprevistos durante as brincadeiras, tudo deve ser entendido como um aprendizado. Assim como nas memórias de infância da Mylena, em que, para simular o falecimento da sua boneca, ela quase incendiou a residência, mas vale enfatizar que hoje a recordação é envolta em uma engraçada história de como colocou fogo e a “matou”.

Até coloquei fogo na boneca. [...] Foi assim, na casa de madeira onde morava [...], minha mãe foi lavar roupa e eu fiquei dentro da casa, tanto nisso eu tava brincando no sofá com a boneca e tinha um lençol... eu fui e peguei um fósforo. Não lembro até se foi um fósforo ou um bingó, e taquei fogo, tanto que pegou fogo na boneca, no lençol e no sofá. Quando minha mãe viu aquilo, ela ficou desesperada, achando, tipo, que eu tinha me queimado, mas foi só a boneca mesmo que “morreu” na mesma hora [risos].

Envolta em tantas situações diferentes, entende-se que a boneca “Meu Bebê” é uma das referências em brinquedos das meninas guarapuavanas. E, conforme a descrição feita no site da própria empresa, é um brinquedo destinado por eles

especificamente a elas, em que diferentes estímulos buscam mostrar a elas o prazer de ser mãe e cuidar de um bebê.

Em decorrência de colocações como essa, muitas discussões podem ser instigadas, sendo bastante atual, como a relação de gênero inserida, e até mesmo imposta nesse contexto, pois, assim como muitos dos entrevistados, Pontes e Magalhães (2002) alegam que algumas brincadeiras tendem a ser típicas de determinados gêneros, por exemplo pular corda, brincar de macaca (amarelinha) e pular elástico, as quais são entendidas como brincadeiras de meninas, enquanto peteca e empinar papagaio (pipa, pandorga, arraia etc.) são compreendidas como brincadeiras de meninos. Ou seja, “Após visualizar o panorama dos brinquedos ofertados nesse período, ficou evidente a manutenção de um binarismo de gênero, que delimita o que é masculino e o que é feminino” (KROPENISCKI; PERURENA, 2017, p. 978).

Os brinquedos possibilitados às experimentações das crianças estão dentro de uma ampla rede social, da qual elas participam ativamente, ou seja, elas não são meras expectadoras das verdades que permeiam seu cotidiano, mas tendem a sofrer influências acerca de um código social, que busca direcionar a respeito do que é “brinquedo de menina” e o que é “brinquedo de menino”. Deve-se levar em conta que esses direcionamentos vêm sendo construídos dentro de um “padrão” de normas.

Nessa perspectiva, percebemos que é bastante evidente os brinquedos e brincadeiras refletirem mudanças culturais, até mesmo podendo ser objeto de estudo de questões polêmicas, como segregação sexual e de questões de gênero. Como exemplo, apresentamos a descrição feita pela própria empresa da boneca em seu site:

Uma nova filhinha para a criança brincar e cuidar com muito carinho e amor. A tradicional marca Meu Bebê é referência de qualidade e por isso este brinquedo é composto por inúmeros detalhes que só o Meu Bebê poderia ter. O primeiro é o seu cheirinho delicioso e gostoso de talco, igual ao de um bebê que acabou de sair do banho. E que sempre dá vontade de apertar e abraçar. Além disso, suas roupinhas são de alta costura e de estampas exclusivas. E claro, não poderia faltar a linda pulseirinha de menininha, que é o verdadeiro atestado de mamãe e filhinha. Para a brincadeira ficar ainda mais completa o produto acompanha uma chupeta para quando o bebê for dormir e dormir tranquilamente, e os sapatinhos para serem usados durante os passeios. [...] Além de ser um brinquedo ideal para

auxiliar no desenvolvimento emocional e de formação. Já que através da boneca a criança poderá assimilar melhor o mundo e o momento que está a sua volta (DISTRIBUIDORA DE BRINQUEDOS ESTRELA, 2018).

Pereira (2009) aponta que muitas empresas especializadas em brinquedos, como a Estrela, refletem esse conceito, tido como machista e conservador, para a sociedade brasileira atual, mas na qual o brincar de boneca apresentava-se – e em alguns contextos ainda se define – como algo relacionado à maternidade. E, devido a fatos como esse, a dificuldade em se encontrar bonecos direcionados ao sexo masculino foi uma verdade. Todavia, há alguns brinquedos com um enfoque diferente, normalmente objetivando incentivar os meninos a brincar com heróis e bandidos, algo entendido como para o sexo masculino, os quais podem ser encontrados com maior facilidade, e assim,

Enfocando o tema das questões de gênero, também não precisamos de muito esforço para perceber que os meninos têm sido pouco contemplados no universo das bonecas e bonecos. A maioria esmagadora da produção é de bonecas (sexo feminino), objeto que na cultura brasileira é relacionado às meninas, associando a brincadeira de bonecas ao aprendizado da maternidade. Durante muito tempo, mesmo os bonecos existentes, a exemplo do Beto ou do Ken, companheiros da Suzy e da Barbie, eram endereçados às meninas. Só muito recentemente, a partir do diálogo com as mídias, passaram a ser produzidos bonecos (do sexo masculino) endereçados aos meninos. Índios e Cowboys talvez tenham formado o primeiro grupo de bonecos destinados aos meninos, grande parte em miniatura na década de 70, assim como os robôs representativos da corrida espacial (PEREIRA, 2009, p.16).

Nesse percurso, buscou-se compreender, então, as modificações no decorrer dos anos, observando criticamente as relações de gênero implícitas e explícitas no brincar com as bonecas e todo o seu contexto social, direcionado por uma sociedade ainda voltada para a maternagem, na qual a menina tem o dever de cuidar e dirigir-se primeiramente a ser mãe e esposa, e o menino a ser o mantenedor desse espaço propício. E, assim,

Nesse processo de formação para a vida adulta, fazem-se visíveis as distinções de gênero encontradas em muitas brincadeiras. Meninas geralmente são treinadas para serem mães e donas de casa, enquanto meninos se preparam para um futuro mais liberto e aparentemente mais autônomo, porém igualmente direcionado. (KROPENISCKI; PERURENA, 2017, p. 970).

Mesmo sem perceber, a sociedade acaba, muitas vezes, não tendo um olhar problematizador sob a construção do feminino e do masculino e, por mais que já exista um leve avanço em relação a essa configuração, ainda caminha a passos lentos, conforme se percebe a seguir.

2.3 NOVOS CONTEXTOS E NOVAS BONECAS: DIFERENTES POSSIBILIDADES

Para Brougère (2004), outras mudanças tidas no mundo das bonecas, podem exemplificar as alterações na sociedade, um exemplo é com relação à realidade feminina é o caso da Barbie, a qual contrariamente aos brinquedos anteriores, quase que majoritariamente, não ter mais o corpo de um bebê.

Nesse caso, o autor entende que esse fator representa a quebra com a imagem das bonecas como preparadoras para a maternidade, pois ela se afasta de qualquer semelhança a respeito do que seria uma “mãe” e, mesmo que isso tenha incomodado e ainda incomode algumas pessoas, essa é a realidade no cotidiano das crianças.

Assim, percebe-se como a boneca e os demais acessórios envoltos ao brincar com elas foram se modificando e adaptando às realidades das crianças e se utilizando das tecnologias existentes para que pudessem permanecer como um dos brinquedos favoritos de sujeitos que hoje estão imersas em um mundo totalmente tecnológico.

Em meio a esse contexto, é evidente o fato exposto de que a facilidade em se ter os brinquedos prontos e padronizados, frutos da industrialização e da globalização, acaba por favorecer um cenário, muitas vezes repetitivo e com possibilidades similares de atividades lúdicas.

Na Figura 12, Gabryela Bischof¹¹ apresenta sua boneca Barbie, ícone do mundo dos brinquedos, a qual, segundo Von (2001, p. 8), “[...] foi criada nos Estados Unidos em 1959 e revolucionou o conceito de bonecas, tornando-se um grande sucesso mundial”.

¹¹ Gabryela Bischof, nascida em 2002, em Guarapuava, passou sua infância tanto com os avós no interior do município, em Entre Rios, como no centro da cidade com demais familiares. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 30 de outubro de 2018.

Figura 12 – Gabryela fazendo pose com sua boneca Barbie favorita – 2005

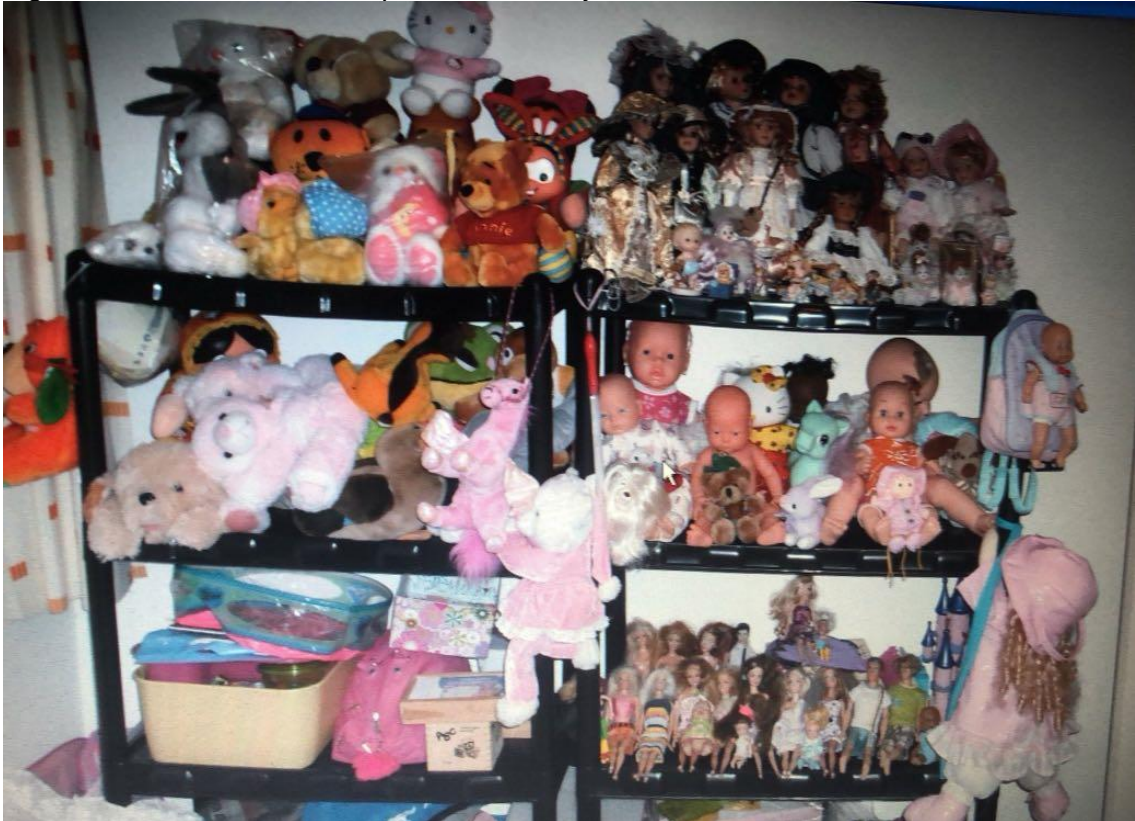


Fonte: Fotografia de Gabryela Bischof, gentilmente cedida à autora.

A Barbie, também pode ser encontrada na Figura 13, na estante do quarto, sendo que dessa a menina tinha variados exemplares, com diferentes acessórios, como roupas, sapatos e até mesmo um namorado, favorecendo, assim, a ela simular o que costumava perceber ao seu redor, seja na família, na escola, na televisão ou qualquer outro meio. Então, de alguma forma, ela procurava compreender a sociedade em que estava inserida.

Gabryela exemplifica isso ao explicar que, muitas vezes, essa boneca vinha acompanhada de casas, carros, piscinas e tudo o mais que pudesse fazer com que a brincadeira fosse o mais real e satisfizesse aos desejos, muitas vezes atendidos apenas no brincar.

Figura 13 – Estante dos brinquedos de Gabryela – 2018



Fonte: Fotografia de Gabryela Bischof, gentilmente cedida à autora.

Vale enfatizar que esses anseios, hoje, não se limitam à ideia, apenas da maternidade, mas sim a um mundo mais amplo, possibilitado às meninas, com muitas oportunidades de emprego, estudos, entre muitos outros direitos adquiridos no decorrer dos anos. E assim, mais uma vez, chama-se a atenção para o fato de que, assim como enfatizam Kropeniski e Perurena (2017, p. 966), “As diversas mensagens comunicadas pelos brinquedos nem sempre podem ser percebidas quando não levamos em consideração alguns traços da cultura na qual esses brinquedos estão inseridos”.

Entretanto, mais do que isso, é essencial uma análise mais aprofundada, como meio de compreender algo nem sempre evidente, ou seja, o fato de que cada sujeito é único e tem em suas vivências, por mais que sejam coletivas, aprendizados e dúvidas particulares. Isto é, mesmo que os objetos sejam similares, a brincadeira exige individualidade de interesse e entrosamento de cada um de nossos sujeitos. Nela, estão envoltas assimilações de um contexto amplo, mas que acaba por se fazer em uma ação restrita aos anseios e possibilidades de cada um deles, variando em sua imaginação, sua cultura, seu cotidiano.

Desse modo, deve-se conceber que o brincar caracteriza-se, conforme aponta Klisys (2004, p. 3), “[...] como uma mescla entre as possibilidades de expressão das crianças, fruto de sua forma particular de pensar e interagir com o mundo, que vai articulando suas experiências de vida às experiências em suas brincadeiras”.

É imprescindível explorar também a questão de que, mesmo com todas essas modificações, as bonecas similares a bebês não deixaram de se fazer presente, mas atualmente são produzidas em diferentes materiais e são elaboradas de tal maneira a serem possivelmente confundidas com bebês de verdade. As crianças e até mesmo adultos ficam encantados, pois elas possuem modelos mecanizados que simulam alimentar-se, podendo até mesmo responder à aproximação de alguém, entre outros tantos efeitos tecnológicos.

Alguns desses brinquedos falam, e outros são produzidos de acordo com imagens, de modo que sejam realmente uma cópia fiel da imagem desejada pela nova proprietária, podendo também receber registro de nascimento na “maternidade das bonecas¹²”.

Em meio à amplitude de possibilidades, Gabryela Bischof tem imagens com muitos brinquedos, algo diferente do descrito pelas meninas nascidas até meados dos anos 1970, e ela relata, apontando para a foto de seu aniversário de 3 anos, na Figura 14, que ganhou um carrinho para a boneca, e que esse era algo comum no cotidiano da menina para então compor a brincadeira.

¹² Essas bonecas são conhecidas como “Bebê Reborn”, mas, devido ao seu custo exorbitante e trabalho exclusivo, é algo direcionado a um público restrito.

Figura 14 – Festa de aniversário de Gabryela – 2004



Fonte: Fotografia de Gabryela Bischof, gentilmente cedida à autora.

Outros móveis podem ser percebidos na Figura 15, em que Gabryela Bischof brinca com uma imitação muito semelhante a uma lanchonete, composta por representações de comida e tudo o mais que pudesse compor sua brincadeira de alimentar as bonecas.

Nessa imagem, a qual também é de um aniversário, nota-se que, além da réplica da lanchonete, encontra-se a caixa de uma boneca, que falava várias palavras, embasadas em contexto escolar, algo também pertencente à realidade das crianças, atualmente com extrema significância, sendo possibilitado desde muito cedo maior aprendizado acadêmico.

Assim, é possível perceber o papel dessa boneca como mediadora dessas duas realidades, a da família, com o cuidado maternal, assim como o escolar, em que conteúdos acadêmicos, entre outras atitudes, poderiam ser aprendidos.

Figura 15 – Gabryela fazendo comidinhas para as bonecas – 2004



Fonte: Fotografia de Gabryela Bischof, gentilmente cedida à autora.

Klisy (2004, p. 2) aponta que, “Brincando de compra e venda, casinha, médico, mecânico, a criança também está se apropriando deste mundo adulto”, e é realmente isso que se verifica quando se analisam cenas como essa, na qual a menina prepara os alimentos imitando e reagindo como se fazendo entender da sua realidade.

Como continuidade desse repertório, retoma-se a Figura 13, da estante do seu quarto, que ela apresenta como sendo sua coleção de brinquedos. Lá, bonecas, de variados tipos, tamanhos e materiais encontram-se organizadas, de modo que, hoje, segundo Gabryela, servem de enfeites, mas as quais já foram protagonistas de muitas brincadeiras. Deduz-se aqui que a facilidade para Gabryela em adquirir brinquedos na sua infância foi muito maior que de as apresentadas por Irmgard e Sissi, todavia as brincadeiras seguiram um ritmo em comum, em que a utilização

desse brinquedo permeava sua inserção na sociedade, além de possibilitar aprendizado e diversão.

Segundo Maluf (2003, p. 43-44): “Através do brinquedo a criança instiga a sua imaginação, adquire sociabilidade, experimenta novas sensações, começa a conhecer o mundo, trava desafios e busca satisfazer sua curiosidade de tudo conhecer”, Desse modo, mais uma vez é evidenciado o fato de que os brinquedos acompanham a evolução de uma sociedade, ou também, a involução dessa em todos os seus âmbitos, de forma que, por mais que esses ou seu acesso sejam favorecidos, ou desfavorecidos, seus materiais diferenciados, entre outras tantas modificações, o que realmente importa é a maneira como esse é compreendido como um símbolo, ou seja, significado na criação da identidade da criança como um ser social, capaz de interagir no seu meio, muitas vezes, por intermédio do seu brinquedo.

Nesse contexto, busca-se no próximo item apresentar essas mudanças no decorrer do tempo por meio do brincar de carrinho na infância de três gerações de uma mesma família, em que são evidentes algumas similaridades e diferenças, entre elas o consumo.

3 BRINCANDO DE DIRIGIR: OS CARRINHOS EVIDENCIADOS EM DIFERENTES PERSPECTIVAS

Devido às crianças hoje não quererem mais esses brinquedos, os adultos lembram com certa melancolia, já que recordaram de seus destes como se fossem verdadeiros tesouros (SANTOMÉ, 2001, p.5).

Brincar com carrinhos é comum nas atividades infantis e aparece com regularidade em todos os períodos estabelecidos nesta dissertação. Segundo Von (2001) os carrinhos de brinquedo industrializados apareceram simultaneamente aos carros originais, já nos primeiros anos do século XX, e eram feitos de materiais rústicos e pesados, o que dificultava as brincadeiras.

O brincar com artigos com rodas era anteriormente tido como exclusivo às brincadeiras do sexo masculino, hoje, permeiam todos os espaços e gêneros, pois, assim como outros objetos, vêm acompanhando o desenvolvimento da sociedade em que se encontra e se apresenta como algo possível a ambos os gêneros.

Verificamos nas falas dos entrevistados que a presença desses objetos é bastante expressiva em suas infâncias, mas que cada um a seu modo os utilizava e adquire com diferentes perspectivas.

É possível afirmar que essa seja uma das brincadeiras passadas de geração em geração, sendo parte da memória social da sociedade, assim como afirmam Fentress e Wicham (1992), quando apontam para o fato de que a memória social se estabelece naquilo que ainda se vive, por isso os valores dos grupos irão conservar ou eliminar determinada tradição, e isso depende muito da estruturação e organização da transmissão e difusão das práticas do dia a dia, ou seja, de acordo com a necessidade que cada um sente em passar as informações para os demais integrantes.

Assim, percebe-se que apenas é recordado e transmitido o que é tido como relevante para cada indivíduo e/ou grupo em que estão inseridos, e, conseqüentemente, a perda da tradição e dos costumes se dá de acordo com esse significado dado em suas vivências, já que novos valores e costumes também vão se incorporando nos contextos.

Posto isso, compreende-se a importância que deve ser dada ao brincar e, assim como Cardoso (2004, p. 26), questiona-se:

O que devemos lembrar de uma sociedade? Uma das afirmações apresentadas é a de que as alterações de tradições e práticas acontecem à proporção que são aceitas em sociedade. Isto explica que o processo de transmissão oral passa por uma série de transformações, que são reinterpretadas e, com novos significados, podem sobreviver ao tempo.

Um dos grandes percursores desse tipo de questionamento é Walter Benjamin, o qual servirá de norteador deste capítulo na busca de melhor compreensão a respeito o brinquedo e a indústria do consumo. Benjamin (2002) aponta a falta de simplicidade dos novos brinquedos, chamando a atenção para a artificialização e fragmentação de seu uso, o qual, segundo ele, é uma resposta ao processo de industrialização do lúdico e, conseqüentemente, da infância. Assim, ele questiona o mercado moderno de brinquedos, no qual tudo vem acontecendo em escala industrial (e não mais artesanal), o que em seu entendimento deixa de singularizar a natureza infantil.

Partindo desse pressuposto, acredita-se ser de grande valia explorar a transmissão e as mudanças e adaptações nas brincadeiras com carrinhos, feitas por três gerações da família Gartner, em que Helmut Gartner¹³(avô), Ronald Gartner¹⁴ (pai) e Rafael Gartner¹⁵ (neto/filho) apresentam suas preferências e realidades infantis.

3.1 A REPRESENTATIVIDADE DO BRINCAR COM CARRINHOS

Alves, Silva e Oliveira (2011, p. 50) relatam que, para Benjamin, os brinquedos feitos artesanalmente tinham certos conceitos, não mantidos com as novas tecnologias e produções em série, visto que, para ele,

¹³ Nascido em 1950 na Áustria, veio ao Brasil ainda com 1 ano de idade. Durante sua infância, residia em Entre Rios, interior de Guarapuava-PR. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 22 de abril de 2018.

¹⁴ Nascido em 1976, em Guarapuava, onde passou toda sua infância no interior, em Entre Rios. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 8 de setembro de 2018.

¹⁵ 25 Nascido em 2006, em Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 8 de setembro de 2018.

[...] o comerciante de brinquedos do século XVIII e XIX era o vendedor doméstico de ferragens e de marcenaria, que produzia os brinquedos nas oficinas manufatureiras de entalhadores em madeira, de fundidores de estanho, de fabricantes de velas e de confeitheiros de doces. Era o artesão pouco especializado que considerava o brinquedo como um produto com traços peculiares, que aproximava pais a filhos.

Nesse mesmo contexto, Helmut Gartner, nascido no ano de 1950, contou a respeito da dificuldade em se ter brinquedos prontos e como se utilizava de diferentes materiais e imaginação para produzir seus carrinhos, com os quais brincava nos intervalos de atividades escolares e de trabalho, já que sempre auxiliava os pais nas tarefas diárias. Orgulha-se em ser ele quem fabricava seus próprios brinquedos, e enfatiza o uso da imaginação, como algo essencial à sua infância. Remeteu-se também ao brincar dos seus filhos, e que parte dos brinquedos também era fabricada artesanalmente, possivelmente em virtude das carências de recursos econômicos na época, além da escassez de ofertas desses no interior onde moravam.

Ele recorda que “Não brincava muito, [...], não tinha muito, pegava um pedacinho de pau, era trator e daí ‘trooooo’ [som imitando o veículo] e fazia aquela estrada na terra assim [mostrando curvas com as mãos]”. É possível sentir em sua fala que, além dos carrinhos usados para buscar alimento para os animais, citados anteriormente, os quais se tornavam brincadeiras, um simples pedaço de madeira poderia ser transformado em um objeto repleto de significado, lembrando que o uso de tratores no trabalho com as plantações era algo comum na região agrícola onde vivia, ou seja, ele reproduzia e reinventava meios de transporte do seu cotidiano. No mesmo âmbito, Benjamin (2009, p. 92) afirma que “Ninguém é mais casto em relação aos materiais do que crianças: um simples pedacinho de madeira, uma pinha ou uma pedrinha reúnem na solidez, no monolitismo de sua matéria, uma exuberância das mais diferentes figuras”.

Percebe-se assim que o seu brincar era repleto de releituras de seu meio, de maneiras de buscar entender o seu cotidiano e reformular esse com suas ações, conforme aponta Benjamin (2002), quando enfatiza que cada ação brincante, assim como o brinquedo, carrega em si toda cultura do meio onde foi produzido, pois ele é um signo do modo de educar e direcionar uma sociedade, uma forma de transmitir seus conhecimentos.

Ronald Gartner, filho de Helmut, conta ter tido acesso a ambos os brinquedos, artesanais e industrializados, ou seja, a uma maior variedade de carrinhos, além de ressaltar que tinha maior tempo destinado aos momentos lúdicos. Podemos relacionar essas questões a fatores como, a facilidade de acesso a veículos motorizados para a sociedade como um todo, sendo que a necessidade desses em ter um veículo mais evidente, ou a globalização e facilidade de compra.

Alves, Silva e Oliveira (2011, p. 49), ao enfatizarem a crítica benjaminiana, apontam que

[...] na contramão das leituras contemporâneas feitas até então, nos ajuda a compreender que, sob a lógica da sociedade do consumo, os brinquedos, assim como muitas brincadeiras infantis, passam a impregnar as marcas das transformações sociais e culturais, a começar pela representação como objeto e bem de consumo que incorpora e reproduz diante das prerrogativas do mercado.

E nesse cenário, juntamente com seu irmão mais velho, Ronald, apresenta na Figura 16 um veículo industrializado, feito de plástico, e, apesar de não recordar como o adquiriu, afirma ser um dos quais gostavam de usar para brincar na terra, que havia em frente à casa de seus pais. “Aqui, sou eu e meu irmão mais velho, brincando de carrinho no barro, né? Terra”.

Ainda com ênfase nessa foto, pode-se perceber que o brinquedo, carrinho de plástico, acaba por se fazer como único objeto pronto, visto que os demais que formam o conjunto do brincar se fazem de modo que a imaginação permite, ou seja, tanto as estradas como os passageiros, ou o que mais se faz presente no contexto da brincadeira, acabam por se dar de maneira artesanal e subjetiva.

Figura 16 – Ronald e seu irmão com carrinho de plástico – 1979



Fonte: Fotografia de Ronald Gartner, gentilmente cedida à autora.

Na Figura 17, Ronald, em pé, aparece ao lado do mesmo irmão, o qual brincava de dirigir um carro maior, feito de metal. Ambos aproveitavam a liberdade que tinham no quintal de sua residência no interior do município. Em suas palavras, ele mesmo elogia o desenvolvimento do brinquedo que tinham, frente aos outros existentes na região, “[...] era eu e o Ronni. Estávamos brincando também de carrinho. Esse era mais motorizado já [risos]”, já que a dificuldade em se ter um carro desse modelo era bastante considerável ainda nesse período, devido a fatores como oferta e valores.

Todavia, mesmo com a possibilidade de brincar com uma maior variedade de brinquedos, Ronald conta que as crianças preferiam brincar umas com as outras, jogar bola, andar de bicicleta, algo que nem sempre precisava ter como intermediário um brinquedo esteticamente perfeito, pois, muitas vezes, os que preferiam eram os que eles mesmos acabavam por inventar.

Nessa perspectiva de criação de brinquedos, ele relata a respeito do uso de materiais como madeiras, restos de materiais, assim como meias de futebol, enroladas várias vezes, as quais serviam de bola para serem jogadas dentro de

casa, especificamente em um corredor da residência, onde os brinquedos industrializados nem sempre se faziam possível, algo ensinado e realizado entre os três irmãos.

Dessa maneira, é evidenciado também que a troca de aprendizagem no brincar entre crianças de diferentes idades era uma realidade, pois, assim como nos demais contextos, o brincar com bola, carrinhos e em todos os demais momentos essa troca de experiências era imprescindível para que pudessem, além de poder brincar juntos, criar diferentes maneiras, adequando as possibilidades às realidades encontradas. Essa afirmação pode ser percebida na Figura 17, na qual os irmãos apresentam-se brincando, e o mais velho dentro do carrinho, “o qual parece ensinar o mais novo, direcionando esse nos conteúdos já assimilados por ele”¹⁶.

Figura 17 – Ronald e seu irmão com seu carro de metal – 1976



Fonte: Fotografia de Ronald Gartner, gentilmente cedida à autora.

¹⁶ Análises como essas são possíveis devido à presença das fotografias, que, para Kossoy (2001), são uma forma de expressão cultural contextualizada, imagens que foram recortadas do cotidiano da sociedade, as quais têm o poder de revelar aspectos como religião, costumes, habitação, vestimentas, enfim, acontecimentos sociais de diversas naturezas e que são objetos documentados por meio da imagem. [...] Essas fontes fotográficas, submetidas a um prévio exame técnico-iconográfico e interpretativo, prestam-se definitivamente para a recuperação das informações (KOSSOY, 2001, p. 55).

E seguindo essa perspectiva em que o foco principal da atuação, da troca e da aprendizagem das crianças envolvidas no brincar é o brinquedo, é importante correlacionar com a visão de Benjamin a respeito desse objeto, o qual, para ele, é um instrumento híbrido e dialógico, que possibilita o sujeito que o manipula ter seus desejos e interesses atendidos, sendo que esses se subvertem a seu entendimento, ou melhor, sua compreensão da realidade, visto que, “[...] para a criança que brinca sua boneca ora é grande, ora é pequena, [...] pois se trata de um ser subordinado” (BENJAMIN, 2002, p. 98).

E, dessa maneira, por mais que a individualidade do brinquedo artesanal e do brincar livre esteja escorrendo por entre os dedos, mesmo devido à sua industrialização e produção em larga escala, não se pode esquecer que quem o manipula é um sujeito, com suas particularidades, detentor de sua atuação e com os estímulos vindos de sua realidade, o qual tem condições de submergir sua subjetividade frente a essa produção em massa.

Nessa perspectiva, é de suma importância prosseguir com o entendimento das realidades do brincar frente à forte influência da mídia e do consumo desenfreado, além de toda tecnologia envolvida, como do entrevistado a seguir.

Dando a sequência de análise das três gerações, temos também o posicionamento de Rafael Gartner, o menino mais novo da família em questão, nascido em 2006. Esse possui fotografias com carrinhos de todos os tamanhos, formas e cores e apresenta, na Figura 18, uma quantidade grande deles organizados ao seu redor.

Entretanto, ele expõe que carrinhos nunca foram seus brinquedos preferidos e que, na verdade, apreciava apenas colecionar os menores, já que esses em diferentes modelos são réplicas perfeitas e outras até mesmo esdrúxulas dos originais.

Rafael Gartner conta que apreciava a variação de materiais utilizados na confecção dos brinquedos, e diz que esses eram facilmente encontrados nos supermercados, com valor acessível, algo bastante diferente da realidade de seu avô Helmut e do pai Ronald, o que servia de motivação e facilidade, para adquirir a maior quantidade possível, ou seja, um consumismo incentivado pela mídia e pelo poder de compra desses produtos. Varotto e Silva (2004, p. 184) também apresentam o consumismo como uma realidade.

No que diz respeito aos brinquedos utilizados pelas crianças, percebemos que eles sofrem, sim, uma influência direta da televisão, na medida em que alguns dos brinquedos preferidos são os mais divulgados por meio da publicidade ou que provêm de uma programação específica, geralmente a que está na “moda” no momento. Da mesma forma, na manipulação desses brinquedos, as crianças manifestam uma significativa presença de valores e expectativas que fazem parte da nossa sociedade de consumo. Isso pôde ser evidenciado na forma como elas adquirem seus brinquedos e, principalmente, na interação delas com esses, assim como questões de gênero atribuídas a eles.

Figura 18 – Rafael cercado de brinquedos – 2007



Fonte: Fotografia de Rafael Gartner, gentilmente cedida à autora.

Em uma concepção benjaminiana de situações como a descrita por Rafael, pode-se compreender que a criança passa a ser entendida como enquanto consumista e está à mercê das novas regras ditadas pelo materialismo cultural existente nesse novo tipo de brinquedo.

Segundo Alves, Silva e Oliveira (2011, p. 51), “Benjamin critica o processo de plastificação e de homogeneização por que passam os brinquedos, chegando a prenciar, assim, o processo de virtualização, tecnologização e didatização crescente do brinquedo, na associação que estabelece entre imagem e lúdico”.

Na Figura 19, Rafael Gartner aparece com seu animal de estimação dentro de um carrinho eletrônico, o qual conta que podia ser direcionado tanto pela criança no interior dele, como também por um adulto por meio de um controle remoto. Esse era um brinquedo muito mais desenvolvido tecnologicamente, quando comparado aos brinquedos de seu pai e avô. Todavia, a dificuldade maior, descrita por ele, era com relação ao espaço físico para brincar nesse carrinho, lembrando que sempre precisava ir aos parques, e com a presença de um adulto para o utilizar, sendo esses fatores desestimulantes. Essa falta de incentivo é criticada por Navarro (2009, p. 212), ao apontar que é

[...] importante entender do que se fala quando se fala em brincar e perceber a relevância de um tempo no cotidiano das crianças destinado a um brincar de qualidade, em um espaço adequado, com materiais interessantes para as crianças e que estimulem a criatividade.

Não podemos deixar de reparar que, na mesma Figura 19, encontra-se atrás dele outro modelo de carrinho, feito em madeira, com rolamentos e pintura personalizada, o qual foi confeccionado por seu avô Helmut Gartner, para que o menino apresentasse em uma atividade escolar. Mas vale ressaltar que, da mesma maneira que o eletrônico, esse não podia ser utilizado sempre que queria, devido à necessidade de lugar mais amplo, para poder brincar. Portanto, assim como o outro anteriormente citado, teve seu uso restrito aos passeios na casa dos avós paternos, no interior da cidade, onde a rua e a vizinhança eram mais tranquilas e ele conseguia ter maior liberdade e segurança.

Figura 19 – Rafael e seus veículos – 2012



Fonte: Fotografia de Rafael Gartner, gentilmente cedida à autora.

Nesse caso, foi encontrada aqui uma considerável diferença no espaço destinado ao brincar e ao acesso aos brinquedos industrializados, pois o avô, Helmut, quando criança, tinha muito espaço disponível, tanto nas ruas quanto nos campos, onde brincava, entretanto seu acesso aos brinquedos prontos era reduzido. O pai, Ronald, teve espaço físico considerável, e uma quantidade maior de brinquedos industrializados, sendo a esse favorecido o brincar com carinhos de diferentes maneiras e variados lugares. Todavia, a realidade de Rafael nos faz refletir, quando percebemos o seu consumismo favorecido pelas mídias, em contrapartida, sua dificuldade em poder usufruir dos objetos de desejo estimulados por ela.

E, como apontam Alves, Silva e Oliveira (2011, p. 52):

É assim que Benjamin se refere ao processo de mercantilização do brinquedo e da criança, que, a seu modo crítico de observar, pode ser percebido tanto nos tipos de materiais (da madeira ao plástico, por exemplo) quanto na forma de produção e formato dos brinquedos, que impõem novas configurações em termos de relação entre estes e as crianças, por vezes doutrinação e condicionada pelos adultos que os produzem.

Nessas declarações, fica evidenciado que, assim como o acesso, o poder de compra para com o produto foi sendo facilitado, e como uma das possíveis consequências foi que não se necessitava de tanto tempo destinado à confecção dos brinquedos, nem sempre envolvia uma emoção, um sentimento na utilização, fazendo desse objeto algo não tão especial. Obviamente, é importante levar em consideração as preferências de brincadeiras de cada indivíduo, mas também não se pode esquecer que o meio que esse está inserido acaba por influenciar suas prioridades.

Compreender a subjetividade do brincar é, segundo Alves, Silva e Oliveira (2011, p. 47), ter “[...] a possibilidade de compreendermos a história pela forma como concebemos a infância, desnaturalizando-a e atribuindo-lhe identidade própria”.

Posto isso, confirmamos essas percepções, ao questionar os sujeitos a respeito de já terem feito algum brinquedo sozinho, e que valor sentimental esse tem para eles. Rafael nos conta que fez um de plástico e outros materiais reciclados, o qual pediu para ganhar de presente em alguma época comemorativa, da qual não recordava. Esse brinquedo era um kit de itens variados para se montar um robô, o qual foi desejado depois de ter sido exposto na televisão. Para ele, o carrinho parecia ser incrível, pois utilizava energia solar, algo bastante atual, todavia ele afirma que a preguiça de fazer esse tipo de brinquedos sempre foi maior que a vontade de ver pronto, e, quando queria brincar, tinha o acesso aos outros já prontos, ou seja, industrializados. Ele explica: “Era de plástico, [...] aquele carrinho de energia solar, [...] Da TV. Ehh, não gosto destes [...] preguiça, né [sobre fazer]?!”. Ainda assim, diz que, após sua confecção, esse se tornou um dos brinquedos que ainda guarda como recordação.

Situação similar também foi abordada por Silva e Carvalho (2012, p. 4):

É chegado o momento de todas as crianças desejarem ter um brinquedo comprado pronto, não mais apenas inventá-lo e fabricá-lo, mesmo as que não tinham condições de tê-los, usavam sua imaginação que é própria da criança, a fantasia de sonhar com aquele brinquedo estaria sempre presente na vida da criança. [...]

Observa-se, então, que, mesmo não tendo tanta vontade de fabricar o próprio produto, esse acaba por ser uma grata recordação de sua infância, possivelmente

por ter necessitado de maior investimento de tempo e energia, algo com produção própria, que se fez diferenciar dos tantos outros que tinha.

Leontiev (2006 p. 125) aponta que, em relação ao brinquedo na vida da criança, esse “[...] surge a partir de sua necessidade de agir em relação não apenas ao mundo dos objetos diretamente acessíveis a ela, mais também em relação ao mundo mais amplo dos adultos”.

Compreende-se que esses brinquedos fazem parte da vida lúdica de muitas crianças e, assim como outros, o carrinho é uma figura em miniatura do carro do adulto, do caminhão e de outros automóveis, e, de certa forma, representam o mundo dos adultos: “Antes de tudo ele é uma relação entre o mundo adulto e o mundo das crianças” (BROUGÈRE, 2004, p. 14).

E, seguindo esse pressuposto, percebe-se a necessidade também de explorar o brincar em contextos livres, em meio à natureza, aos parques, de forma a deixar a imaginação utilizar de tudo à sua volta, e é nesse contexto que se constrói o tema a seguir, em que o brincar livre e ao ar livre se faz como essencial à natureza infantil.

4 O BRINCAR LIVRE E AO AR LIVRE: A NATUREZA INFANTIL EM EVIDÊNCIA

Falar conjuntamente em brincar, natureza e liberdade é algo que, muitas vezes, se entende como partes indispensáveis umas das outras e, principalmente, pertencentes à infância, e assim também, por variados motivos, os momentos vividos nesse período, em sua grande maioria, são rememorados de forma saudosa.

Ao se remeter a essas questões, é importante também exaltar seu lado poético, o qual é facilmente encontrado em palavras de grandes personagens da literatura brasileira como Cassimiro de Abreu¹⁷. Em seu poema intitulado “Meus oito anos” (1940), apresenta suas saudades, tanto do brincar como de onde brincava, na natureza, livre, leve, assim exaltadas em tudo que lhe foi um dia possibilitado e que, segundo ele, deixou recordações:

Oh! Que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais! [...]

Naqueles tempos ditosos lá colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava à beira do mar;
Rezava às Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar! [...]

Muitos dos entrevistados nesta dissertação também referem-se à saudade de seus brinquedos e brincadeiras, exaltando, na maioria das vezes, as tidas como “livre”, sem direcionamentos, como também as vividas ao ar livre, em que as regras, segundo esses, iam se desenhando pelas próprias crianças, de acordo com suas possibilidades e variados fatores como de espaço, tempo, imaginação, entre outros.

Brougère (1997, p. 12) afirma que “O brinquedo [...] trata-se antes de tudo de um objeto que a criança manipula livremente, sem estar condicionado às regras ou a

¹⁷ No poema “Meus Oito Anos”, de Casimiro de Abreu, da escola literária Romantismo, o eu lírico tem como objetivo demonstrar em poucas palavras lembranças de sua infância. Assim, ele se remete a momentos que não ficaram apenas em seu passado, mas sim recordações que ainda se fazem presentes em sua vida adulta.

princípios de utilização de outra natureza”. Desse modo, busca retratar ao menos um feixe, das tantas atividades vividas em parques, quintais, fazendas, ruas, ou seja, na natureza como um todo, fomos possibilitados a reviver juntamente com os entrevistados suas lembranças de brincar ao ar livre.

Entretanto, vale ressaltar que se percebe no decorrer das entrevistas que, conforme apontam Cotrim e Bichara (2013), o acesso aos espaços destinados ao brincar, como parques e praças, tem estado cada vez mais restrito, principalmente como consequência das mudanças sociais tidas nas últimas décadas, mesmo sabendo o quão importante é a existência desses para o desenvolvimento de habilidades físicas, cognitivas, sociais e psicológicas, pertinentes ao brincar.

E, nessa perspectiva, percebe-se que a rua, a qual era tida como um espaço destinado também ao lazer, foi sendo entendida como um local perigoso, e esse foi um dos motivos pelo qual, segundo Oliveira (2004), no século XX, foram criadas as praças e os parques públicos como alternativas para manter a possibilidade de locais que pudessem abranger o lazer e as brincadeira.

Assim, esses espaços foram se fazendo cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade, como um local onde a interação social e o lazer eram possibilitados, principalmente quando relacionado à infância, pois, como descrevem Luz e Kuhnen (2012, p. 552): “Neste sentido, o comportamento do brincar pode ser inibido ou estimulado dependendo das características do espaço onde ocorre”, sendo de suma importância para as crianças terem locais onde o brincar se faz livremente.

Sabe-se que o brincar é algo natural dos seres, e essa atividade, principalmente quando desenvolvida em locais abertos e livres, acaba por se fazer de maneira espontânea. Posto isso, Luz e Kuhnen (2012) colocam a rua como um espaço livre, o qual surge como um local rico e importante para o desenvolvimento infantil, onde as crianças podem manter maior convívio com seus pares.

Irmgard Gartner enfatiza que o brincar ao ar livre sempre foi muito presente em sua infância e recorda que o balanço era algo comum em suas atividades lúdicas, mais especificamente na escola, e mesmo que esse brinquedo, segundo ela, não fossem tão enfeitados como os atuais, eram diversão garantida. Ela relata que, na época, esses eram confeccionados, na maioria das vezes, por pais e professores, os quais se utilizavam das árvores que tinham no espaço externo,

assim como construía também, brinquedos como a gangorra, escorrega, entre outros, que acabavam por inventar no decorrer das brincadeiras.

Daí nós “tinha” balança também, a balança era feita de madeira, eles colocaram assim na árvore, num galho, uma corda, embaixo uma tábua simples assim, daí brincava disso né. [...] E o que que nós tinha também na escola, (...), gangorra, (...)feito pelos professores e os pais (...) (Irmgard).

Por intermédio de narrativas como essas, nota-se que o mesmo brinquedo pode ser feito de diferentes materiais, e que, por mais que a indústria cultural existente busque homogeneizar a maneira de brincar, os brinquedos, assim como tantos outros objetos, percebe-se que cada criança deve ter a possibilidade de adaptar esses de acordo com as suas necessidades e sua criatividade, variando também, conforme sua faixa etária, a realidade em que vive, assim como suas aptidões, como aponta Alves (2011), ao elucidar os estudos de Walter Benjamin.

Benjamin apresenta o processo de mercadorização do brinquedo e da criança, que, a seu modo crítico de observar, pode ser percebido tanto nos tipos de materiais (da madeira ao plástico, por exemplo) quanto na forma de produção e formato dos brinquedos, que impõem novas configurações em termos de relação entre esses e as crianças, por vezes doutrinadas e condicionadas pelos adultos que os produzem (ALVES, 2011, p. 8).

Fugindo, então, da utilização de brinquedos mercadorizados, outra brincadeira bastante representativa nas imagens e narrativas apresentadas foi subir em árvores, algo muito simples, e repleto de significados. Independentemente se essas se encontravam em parques, residências ou escolas, foram atividades que fizeram parte das histórias de muitos dos entrevistados, como relembra Edna Sissi Garrozi Souza:

Na casa da minha mãe, tinha um pé de chorão, e a gente brincava com meu irmão de subir na árvore. Era uma brincadeira maravilhosa, subir na árvore. Não sei se você conhece o pé de chorão. Ela dá uma, tipo uma bexiguinha. Pense! Daí, a gente subia pra pegar aquelas bexiguinhas, pra arrancar e poder estourar. Nossa, na época, quem tinha pé de chorão, tinha uma brincadeira na casa. Tinha um monte de criança em volta.

Figura 20 – Sissi e o pé de Chorão – sem data



Fonte: Fotografia de Edna Sissi Garrozi Souza, gentilmente cedida à autora.

A importância dos espaços ao ar livre é correlacionada à presença de vegetação e, como uma das consequências, sua relação com um desenvolvimento infantil significativo, visto que, de acordo com Luz e Kuhnen (2012, p. 553), “A presença de vegetação em áreas de brincadeira ao ar livre como playgrounds, praças, vizinhança tem sido associada ao aumento no nível de interação e diversidade nos tipos de brincadeiras [...]”.

Na Figura 20, pertencente ao álbum de família de Sissi, nota-se que, enquanto ela tenta subir na árvore, já tem alguém a esperando por entre os galhos, segundo ela seu irmão, com quem compartilhava as brincadeiras.

O brincar na natureza se apresenta como algo subjetivo, decorrente das possibilidades, assim como da criatividade das crianças, ou seja, um espaço de tempo e lugar que acaba por se mostrar aberto a inúmeras possibilidades desde que

possam ser essas exploradas. Vale ressaltar que nem sempre os resultados decorrentes desses brincar, são felizes, pois não se pode afirmar que existam brinquedos e brincadeiras que não tenham imperfeições, contratempos e que se façam apenas de momentos alegres, ou seja, o cair, os desentendimentos entre os participantes e tantas outras adversidades fazem parte significativamente desses momentos, assim como o rir, pular e se divertir.

Em sua totalidade, as primeiras lembranças descritas pelos entrevistados foram alegres e felizes, mas, no decorrer da conversa, momentos como tombos, brigas e dificuldades, entre outros empecilhos, acabam por se fazer presentes. Mesmo assim, não se entende esses obstáculos apenas como pontos negativos, mas também como experiências de vida, momentos necessários de exploração do meio e da sociedade em que a criança está inserida.

Quanto a dificuldades encontradas em sua infância, Sissi remete-se em ter pouquíssimos brinquedos industrializados e fotografias, sendo que aguardavam muito tempo pela presença de fotógrafos itinerantes, os quais vinham e deixavam de duas a três imagens, no máximo, devido ao alto custo. Todavia, ela conta que mais difícil ainda era ter brinquedos, pois o valor era exorbitante, e limitados a presentes que ganhava no Natal. Estes presentes eram fruto de muito sacrifício dos pais, e como consequência raramente podiam ser utilizados nas brincadeiras. Por isso,

A gente brincava, assim muito pouco, mesmo porque, eu vivo contando pra Syndel (filha), a gente passava 1 ano, até chegar o Natal, pra você ganhar um presente. E, quando você ganhava esse presente, a minha mãe não deixava a gente brincar, porque ia estragar o presente[...] (Sissi).

Como não tinha muito acesso aos brinquedos prontos, a Figura 21 representa muito bem como brincavam, pois nesse quintal onde estava com seus vizinhos foi descrito por ela como seu maior brinquedo e o cenário de brincadeiras de todos os tipos, como pular tábua, telefone sem fio, pular corda, amarelinha e, principalmente, o seu favorito, que era subir nas árvores. Em sua narrativa, conta o quanto gostava de brincar nesse espaço e que hoje, sendo educadora, percebe que mesmo as crianças atualmente tendo mais brinquedos, não encontram essa mesma realidade e destreza em brincar, principalmente se não tiverem o direcionamento, e faz o comparativo:

Essa aqui é com os vizinhos aqui da frente, que a gente brincava. Aqui tinha um quintal muito grande, brincava muito nesse quintal, mas tudo girava em torno de subir em árvore e comer caqui, essas coisas. Se sujar. [...]. Manda as crianças hoje subir numa árvore, pra ver se eles sabem. Eles não sabem nem subir escada. [...]. As mães não deixam, por medo de cair. (Sissi)

Figura 21 – Sissi e os vizinhos no quintal – sem data



Fonte: Fotografia gentilmente cedida por Edna Sissi Garrozi Souza

Observa-se também que, entre as crianças, às quais Sissi se refere na Figura 21, existe uma organização social, pois aparecem cuidando umas das outras e, independentemente das idades, acabam por misturar-se e envolver-se, e assim, ciclicamente, sempre existia um líder, o qual normalmente era o mais velho e o responsável por ensinar e também reger as brincadeiras.

Nesse contexto, Sager, Sperb, Roazzi e Martins (2003) identificam mais aspectos atrativos ao realizar atividades em espaços ao ar livre, principalmente playgrounds, pátios escolares e praças públicas, porque, em seus estudos, apontaram que a estrutura presente nesses espaços pode vir a influenciar melhora no desenvolvimento das crianças, em questões como habilidades sociais, em que, por meio da relação entre os pares, a criança acaba por trabalhar também sua

capacidade de resolver situações de conflitos, pertinentes em todas as idades, mesmo que em diferentes intensidades.

E é nesse contexto que se evidencia uma das maneiras com que as culturas de infância se propagam, sendo nas relações entre as crianças um dos principais meios de transmissões de aprendizados como também de brincadeiras, pois é nesse envolvimento que criam suas regras, adéquam suas dificuldades e facilidades e estreitam suas preferências e possibilidades, pois, em meio ao imitar os mais velhos, eles aprendem e reformulam suas verdades.

Para Pontes e Magalhães (2003), esse modo de imitação entre as crianças é uma busca em aprender algum ofício e é também percebida nas brincadeiras de rua, e essa pode, segundo os autores, ser percebida como um evento social que pode ser compreendido como um centro de interações: “Praticantes de determinada brincadeira tendem a atrair observadores, dentre os quais, estão sujeitos inexperientes ou menos habilidosos, aprendizes em potencial” (p. 120), ou seja, a observação e interação com os mais velhos possibilita tanto a imitação como a criação de novos contextos brincantes.

Seguindo essa especificidade, na qual o brincar se dava em meio a contextos naturais, assim como a troca de informações e aprendizagem entre as próprias crianças, Denise Karly explica que o brincar nas árvores para ela também foi significativo, e, muitas vezes, pensava em morar nelas, pois, tanto na casa das amigas como na da sua avó, ou na fazenda, na escola, a maior parte das brincadeiras era inventada em cima das árvores, ou seja, naqueles galhos, umas ensinavam às outras e assim decidiam o que fariam para se divertir. Entretanto, assim como outros entrevistados, ressalta que atualmente é mais difícil para sua filha poder usufruir de tanta liberdade, mesmo que,

Eu gostava muito, muito de trepar em árvores. Eu era moleque. Na casa da Liliane (amiga), até tinha uma árvore, uma castanheira, que nós vivíamos trepadas na árvore. Na casa da vó, também tinha uma árvore, que eu vivia trepada lá. [...] ela tinha uma árvore gigante na casa dela, até hoje a minha brincadeira favorita era brincar naquela árvore e trepar na árvore. [...] A minha casa era na árvore. Acho que era mais brincadeira que a gente mesmo inventava.

Considerando que brincar livremente poderia se dar em muitos contextos, as atividades nos parques foram constantemente identificadas entre os participantes

das entrevistas, e, mesmo nos diferentes períodos investigados, constata-se que a maior parte deles coloca tanto as árvores quanto o balanço, o escorrega e as caixas de areia como essenciais nesses espaços.

O brincar na terra e na areia eram atividades frequentes para Denise Karly e seus irmãos, tanto nas fazendas da família quanto nos parques da escola, e até mesmo no quintal de sua casa, como nas Figuras 22, 23 e 24, na qual eles aparecem com objetos como baldes, rastelos, colheres e tudo o mais que pudesse servir de intermediários no processo de construção da brincadeira de faz de conta. É válido apontar também para o fato de que mais uma vez a diferença de idade entre os participantes e o cuidado e o aprendizado das formas de brincar se fazem presentes.

Figura 22 – Denise e os irmãos brincando na terra – sem data



Fonte: Fotografia de Denise Karly, gentilmente cedida à autora.

Figura 23 – Denise, o irmão e o amigo brincando na areia – sem data



Fonte: Fotografia de Denise Karly, gentilmente cedida à autora.

Analisando ainda a Figura 24, na qual Denise Karly, com vestido verde xadrez, está em pé e aparece com amiguinhos em um cercadinho com areia, nota-se que essa apresenta atividades ainda frequentemente estimuladas nas atividades escolares de educação infantil, visto que esse tipo de brincadeira, a do faz de conta, promove a interação das crianças e possibilita a utilização de muitos materiais diferentes, que possam servir para fazer castelos, com reis e monstros, ou diferentes cardápios, com bolos, e outras comidinhas, ou seja, tudo o que a criatividade de cada um quiser expressar, fluindo, assim, de maneira livre e espontânea. Neste contexto o brincar é considerado

A atividade principal é a atividade da qual dependem, de forma íntima, as principais mudanças psicológicas na personalidade infantil, observadas em certo período de desenvolvimento. É precisamente no brinquedo que a criança, no período pré-escolar, por exemplo, assimila as funções sociais das pessoas e os padrões de comportamento (LENTIEV, 2001 *apud* ALVES et al., 2010 , p. 64).

Vale enfatizar, então, que a brincadeira do faz de conta é um momento de aprendizado, sendo por meio desse que a criança tem a possibilidade de representar diferentes papéis, que possibilitam seu desenvolvimento e compreensão, muitas vezes também apoiados no uso de brinquedos, que mediam suas novas experiências.

Figura 24 – Denise e amiguinhos em aniversário no parque da escola – 1982



Fonte: Fotografia de Denise Karly, gentilmente cedida à autora.

Nessa perspectiva de brincadeiras de faz de conta, encontra-se no lúdico ao ar livre os balanços e escorregas, os quais também são brinquedos típicos dos parques e, mesmo sendo comum nesses, não são exclusivos aos escolares. Todavia vale enfatizar que tem muita ênfase nas primeiras infâncias, e são identificados com regularidade, tanto nas imagens como nas lembranças expostas pelos entrevistados.

Utilizando-se do comparativo entre as Figuras 25 e 26, ambas fotografadas no mesmo espaço físico, percebe-se que, na primeira, mesmo com o uso das fantasias, o que favorecia o contexto do brincar e da imaginação, vale ressaltar que, na segunda figura, Denise Karly diz estar inovando e se arriscando, pois se encontra em uma posição não usual ao balançar, algo possivelmente visto por ela como aventureiro, principalmente por ir contrariamente às regras preestabelecidas pelos adultos, em que deveriam manter-se sentados por segurança.

Luz e Kuhnen (2012, p. 559) enfatizam que, ao brincar de diferentes formas, “As crianças se apropriaram e criaram novos significados para os espaços,

principalmente os que dispunham de áreas verdes. [...] que as crianças escolhem, se apropriam e ressignificam os espaços, transformando-os em 'espaços da criança'".

Essa diversidade de possibilidades era um dos motivos pelos quais o balanço aparece na listagem dos brinquedos favoritos nas pesquisas de Luz e Kuhnen (2012), como também para Denise Karly. Esse fato se confirma quando ela aponta que o balanço ainda é mantido na residência da família: “[...] balanço que nós tínhamos na casa [...]. Exatamente, que a Nathalie [filha] usa hoje esse balanço, nós só pintamos, repintamos, e ela está usando também”.

Figura 25 – Denise e os irmãos brincando no balanço – 1986



Fonte: Fotografia gentilmente cedida à autora por Denise Karly.

Figura 26 – Denise inventando brincadeiras no balanço – sem data



Fonte: Fotografia gentilmente cedida à autora por Denise Karly.

Denise Karly lamenta que em seu apartamento no centro da cidade não tem como manter um brinquedo como esse e dar a liberdade que acredita ter tido para sua filha, mas alegra-se ao contar que ele é mantido na casa de seus pais e a família toda pode aproveitar. Assim, tanto suas lembranças como sugestões de brincadeiras feitas acabam por se estender às novas gerações.

Outros momentos de brincar no balanço são descritos por Marieni Ribas¹⁸, como uma das maneiras que encontrava para se divertir dentro de casa, visto que seus pais não permitiam recrear-se na rua, por considerarem que, ao morar no centro da cidade de Guarapuava-PR, não era mais tão seguro.

Cotrim e Bichara (2013) enfatizam que, devido a fenômenos urbanos, como a violência, o brincar foi deslocado das ruas e espaços externos para dentro das residências, fazendo com que as crianças perdessem sua liberdade, visto que essa

¹⁸ Marieni Ribas nasceu em 1982, no município de Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 20 de abril de 2018.

acaba por ser entendida como uma das únicas possibilidades de se manter as crianças distantes dos problemas urbanos, mesmo que isso acabe por segregá-las da vida social.

Marieni Ribas conta ainda que encontrava no balanço, no qual aparece sentada na Figura 27, diferentes formas de se divertir, principalmente utilizando-se desse como meio, seja combinado com suas bonecas, pelúcias, animais de estimação, mas, principalmente, cantando e compondo, algo que ela continua fazendo até hoje, como descreve:

Cara, eu acho que tinha uns 3, 4 anos, [...] eu brincava bastante; eu sempre gostei de cantar também. Nessa foto, ela [balança] tava no jardim, no quintal, onde tinha gramado. Depois, até por causa de questão de tempo, ela foi colocada na garagem, pendurada naquelas madeiras do telhado, sabe?! Ai, tipo, eu podia ficar o horário que eu quisesse, o pessoal fazendo almoço, e eu ficava na balança. Aí eu ficava lá, embalava, embalava, embalava. Rodava, rodava, rodava, até a corda parar. Aí sentava e ficava. Eu gostava de sentar nessa balança pra brincar e pra cantar. Então, eu cantava, cantava a todo vapor, e eu compunha, minhas músicas, minhas paródias, minhas coisas assim, e já desde pequenininha eu lembro que inventava muita música. Então, eu olhava pra cara do cachorro e eu inventava músicas como nome do Buiú [cachorro da família], por exemplo. Até pouco tempo atrás, ela existia [a balança].

Figura 27 – Marieni e sua Peposa no balanço – 1986



Fonte: Fotografia de Marieni Ribas, gentilmente cedida à autora.

Por meio desses apontamentos, percebe-se que a dificuldade em se ter um espaço físico considerável para brincadeiras ao ar livre volta constantemente a aparecer, o que, na fala de Paulo Henrique Scheidt¹⁹, é evidenciado quando ele diz que, mesmo ainda lhe sendo possibilitado brincar tanto dentro de casa quanto na rua, o seu contato com a natureza se dava mesmo com os primos quando se encontravam na fazenda da família que fica localizada no Distrito Guarapuavano de Guará. Um exemplo desse está na Figura 28, na qual ele e sua prima brincam em uma poça de lama. Nota-se não existirem ali regras que limitavam ou regiam a brincadeira deles, ou seja, até onde poderiam se sujar, como deveriam reagir, que objetos poderiam ser usados. Entretanto, mesmo com as inúmeras possibilidades apresentadas a eles, notamos que distintamente esses experienciaram o mesmo momento, sendo que Paulo Henrique sentou e se sujou da cabeça aos pés e Maria Eduarda, aparentemente, estava receosa em entregar-se à brincadeira e se sujar por completo.

Essa diferença de atitudes frente ao mesmo meio de brincar se pode dar tanto pela preferência de atividades e sensações quanto por uma questão de gênero, em que meninas não podem se sujar, já embutida culturalmente no ato do brincar, tornando-se inconsciente. Bosi (1987 *apud* FERNANDES, 2001, p. 35) entende que

[...] a cultura como “ato no tempo”, como trabalho e ato de criação que envolve os diferentes tipos de produções e práticas sociais que são espelho de uma lógica de explicação, de uma forma de ver, sentir e de se relacionar com a vida e com os fenômenos naturais, sociais, psicológicos; lógica essa que ordena e fornece significação e sentido às coisas do mundo, tornando-o inteligível. Nisto entram costumes, hábitos, crenças, língua, o imaginário... O mundo não pode ser reduzido à cultura, mas tampouco ser entendido sem ela.

¹⁹ Paulo Henrique Santos Scheidt, nascido em 1998, em Guarapuava. Entrevista cedida a Giselle Gartner em 22 de abril de 2018.

Figura 28 – Paulo Henrique e a prima brincando na lama – 2007



Fonte: Fotografia de Maria Eduarda Scheidt e Paulo Henrique, gentilmente cedida à autora.

Gosso, Morais e Otta (2006) ressaltam que os brinquedos oferecidos à criança se revestem de caráter de gênero e apresentam expectativas sociais quanto aos papéis considerados adequados para que a criança desempenhe:

[...] pode-se concluir que as escolhas de pivôs em que se baseiam as atividades lúdicas infantis refletem, assim como as próprias brincadeiras, o fazer humano, e, através delas, a criança expressa, não só sua individualidade, mas também, a ideologia de sua cultura (2006, p. 23).

Portanto, é de suma importância levar em conta o brincar como meio de se conhecer mais a respeitada criança, assim como a sociedade na qual ela está inserida.

O aumento da dificuldade em se ter espaço físico destinado ao cotidiano do brincar já vem sendo descrito no decorrer deste capítulo, no qual muitos de nossos entrevistados apresentaram suas diferentes situações, mas é inevitável enfatizar que essa realidade está fortemente vinculada às novas gerações.

Rechia (2006) afirma que um dos fatores que dificultam uma apropriação de espaços físicos específicos para lazer são as transformações sociais das cidades, algo vinculado ao fato de que

Os grandes aglomerados urbanos ressentem-se da falta de espaços públicos para o usufruto do lazer em função do crescimento desordenado, do amplo processo de especulação imobiliária, da falta de políticas públicas e sociais e da ausência de um planejamento adequado das cidades (PACHECO, 2006, p. 173).

Contudo, é importante não generalizar, pois, mesmo com a diminuição, existem sim momentos de brincadeiras realizadas em meio às árvores e em espaços diferenciados, onde essas atividades são delineadas pelas crianças e por sua própria vontade, podendo ser identificadas na Figura 29. Nessa, Rafael Gartner conta que, juntamente com seu amigo, haviam criado um desafio, o qual se destinava a ver quem conseguia subir mais alto, equilibrar-se em meio aos galhos e alcançar a folha, fruto ou flor mais alta.

Posto isso, devemos enaltecer que o fato dessas competições parecem tão naturais é porque são também necessárias para seu desenvolvimento, podendo isso ser percebido, desde muito tempo atrás, assim como aponta Huizinga (2000, p. 25): “[...] as competições de todo o gênero desempenhavam um papel de tal modo importante na cultura grega e na vida cotidiana de todos os gregos [...] uma parte tão grande da civilização grega”.

E, nesse mesmo contexto, o autor reforça que o lúdico tão presente na infância parte do pressuposto de que o

Ludus abrange os jogos infantis, a recreação, as competições, as representações litúrgicas e teatrais e os jogos de azar. Na expressão *lares ludentes*, significa “dançar”. Parece estar no primeiro plano a ideia de “simular” ou de “tomar o aspecto de” (HUIZINGA, 2000, p. 29).

Figura 29 – Rafael e o amigo brincando no parque – 2010



Fonte: Fotografia de Rafael Gartner, gentilmente cedida à autora.

Nesse encadeamento de possibilidades lúdicas, João Pedro V. Córdova²⁰, na Figura 30, apresenta similarmente ser o brincar no parque algo que ele e a irmã gostavam muito de fazer, e afirma que, no momento dessa foto, por mais que ainda fosse muito jovem, ele lembra, por ouvir repetidamente as histórias que a mãe e a irmã contam, de que a brincadeira só terminou devido ao balanço estragar, pois, “Pelo que eu lembre, era no aniversário de um primo, que daí tinha um parquinho. [...] não lembro onde, mas tinha balanço, e a gente ficô brincando até cair a corrente”.

²⁰ João Pedro Córdova, nascido em 2006, em Guarapuava. Entrevista cedida em 30 de abril de 2018 a Giselle Gartner.

Figura 30 – João Pedro no balanço – 2008



Fonte: Fotografia gentilmente cedida à autora por Kathielly Córdova.

E deste modo apresentam-se contradições, onde, mesmo os pais sendo saudosos de sua infância, onde eram livres para brincar na rua, atualmente, não se sentem seguros em permitir essa liberdade aos seus filhos. Este fato aflige ambas as gerações, como se pode perceber quando João Pedro aponta que

A minha mãe já contou várias histórias que eles brincavam na rua. [...] Eu brinquei uma vez na casa de um amigo, que a rua dele é bem não movimentada. Daí uma vez só, brinquei, daí a gente ficou pintando a rua de giz, daí já que ia chover de noite, daí ia sair, daí a gente pintou. [...] É, meu pai também. Meu pai, tipo, ele pegava bicicleta e saía correndo dos amigos dele. Já eu não posso porque todo mundo mora longe.

Dessa maneira, é evidente a atual angústia de muitos adultos hoje, que se frustram ao buscar formas de reproduzir com seus filhos momentos que lhes foram satisfatórios, principalmente, relacionados ao brincar.

Em meio a tantas dificuldades expostas nesses relatos, é possível reconhecer que, similarmente a outras complicações, temos fatores desencadeantes, bastante

expressivos, como o crescimento descontrolado das cidades, aliados também à violência ativa no município em questão, os quais seguem afetando drasticamente o espaço e, conseqüentemente, a brincadeira em si. E, como apontam Cotrim e Bichara (2013, p. 394), isso acaba por ter como consequência situações em que “Cada vez mais as crianças têm sido alvos de supervisão e controle demasiados por parte dos adultos, que sustentam o argumento de assim o fazerem a título de proteção”.

Desse modo, como uma medida de segurança, a qual não deixa de ser necessária, faz com que a criança tenha de limitar sua diversão aos muros de suas residências ou de suas escolas, contudo esses nem sempre disponibilizam o espaço necessário para todo tipo de atividades que elas possam vir a inventar. Fatos esses que se contrapõem ao que Marcellino (1989, p. 72) diz ser indispensável para uma boa formação e desenvolvimento infantil, sendo “[...] fundamental que se assegure à criança o tempo e espaço para que o lúdico seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida da criatividade e da participação cultural e, sobretudo, para o exercício do prazer de viver”.

E, assim, como aponta a Rba (2015), alguns movimentos como o Movimento Infância Livre de Consumismo estão sendo necessários, nessa busca de favorecer essas ações lúdicas familiares, todavia eles enfatizam que ainda precisamos de muito mais engajamento, tanto por parte dos pais quanto da sociedade como um todo, para isso se tornar efetivo.

O Movimento Infância Livre de Consumismo dá outras dicas para os pais. Uma delas é buscar lembrar o que era mais importante quando era criança, e reproduzir com os filhos os programas que gostavam de fazer com seus pais durante a infância e, ainda, resgatar as brincadeiras daquele tempo (RBA, 2015).

Com base nesses relatos, é indiscutível entender como o brincar de uma criança não se limita a um objeto, uma permissão ou ao que quer que tente regular sua criatividade, sendo que ele flui, transforma-se e surge onde menos se pode esperar. Contudo, não podemos deixar de exaltar que esses se utilizam de seus aprendizados prévios também, para, assim, poderem adaptar-se e/ou transformar sua realidade e como uma herança social acabam por transmitir suas verdades às gerações seguintes, que sucessivamente tornam a reinventar cada uma dessas brincadeiras a seu modo. Ou seja, como aponta Brougère (1997, p. 7), deve-se

[...] considerar o brinquedo como produto de uma sociedade dotada de traços culturais específicos. Por um lado, o brinquedo merece ser estudado por si mesmo, transformados e em objeto importante naquilo que ele revela de uma cultura. De outro lado, antes de ter efeitos sobre o desenvolvimento infantil, é preciso aceitar o fato de que ele está inserido em um sistema social e suporta funções sociais que lhe conferem razão de ser.

Nessa perspectiva, as modificações e o aumento das discussões referentes à infância e ao brincar fazem-se como sendo imprescindíveis ao buscar saber, compreender mais a respeito da evolução e/ou involução das ações e objetos relacionados ao brincar, além de levantar questionamentos interessantes, como: onde essas crianças podem hoje brincar livremente? Como é possível o brincar resistir às limitações atuais? Temos espaço em parques e natureza para favorecer o brincar?

Validando esses questionamentos, finalizamos este capítulo com os seguintes apontamentos:

Ao passo que na literatura torna-se cada vez mais evidente a importância do espaço urbano para o desenvolvimento físico, cognitivo, social e psicológico do ser humano, a falta de acesso aos espaços, sobretudo os públicos, também se evidencia através do aumento da violência, do tráfego de veículos e da falta de estrutura disponibilizada, trazendo prejuízo à saúde e à maturação infantil. A falta de acesso e uso dos espaços urbanos, nesse sentido, torna-se não apenas um problema espacial, mas um problema de saúde física e psicológica que precisa ser mais bem compreendido. (LUZ; KUHNEN, 2012, p. 553).

E, nesse contexto, é evidenciada mais uma vez a importância do brincar, assim como a possibilidade de diferentes contextos facilitadores, em que a multidisciplinaridade dos benefícios é tão abrangente para o desenvolvimento infantil que se faz imprescindível à infância.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do brincar é algo enfatizado constantemente neste estudo, visto que esse buscou compreender culturalmente alguns aspectos do vasto universo sociocultural vivenciado na infância, nesse caso especificamente por meio de suas práticas lúdicas. As análises realizadas sinalizam a importância da produção e transmissão cultural que se estabelecem nesses momentos de interação entre as crianças, suas brincadeiras e seus brinquedos. E, com uma escuta qualificada e um olhar atento às informações contidas nas narrativas e nas imagens apresentadas pelos participantes da pesquisa, foi possível empreender uma visão diferenciada sobre as práticas sociais que acabam por ocorrer nas relações entre as crianças, seus pares, seus brinquedos e brincadeiras.

Apresenta-se a análise das memórias dos participantes como essenciais, e as recordações dos momentos de infância desses acabam por trazer importantes informações sobre seu meio social, possibilitando também gerar novos olhares sob as crianças contemporâneas.

Para Marcellino (1990 *apud* FERNANDES, 2001, p. 197),

[...] frequentemente os adultos sentem necessidade de retorno a uma espécie de felicidade infantil, a uma época de suas vidas onde razão e a emoção, o corpo e alma, o lúdico e a vida não se encontram separados. É um certo tipo de nostalgia reconfortante, cujo apelo, de modo invariável acaba no mundo do brinquedo, do jogo, da brincadeira – do lúdico.

Isso acabou sendo constatado também nas emoções envolvidas nas narrativas dos participantes, sendo essas concretizadas pelas lágrimas, sorrisos e momentos únicos aqui descritos.

Considerando ser o brincar majoritariamente discutido na esfera da educação, e pouco enfatizado nas demais áreas, acredito que romper essas barreiras deve ser entendido como uma necessidade social, ainda mais quando, contrariamente às visões adultocêntricas, são enfatizadas as vivências das crianças que por muito tempo foram historicamente segregadas e silenciadas. Nesse contexto, no qual se percebe a busca incessante desse público por inserir-se socialmente, é importante perceber como isso pode ser possibilitado por meio da pesquisa acadêmica e assim

compreender questões individuais e coletivas que acabam por se fazer escondidas em meio às demais esferas.

É possível perceber que as crianças se desenvolvem conjuntamente às tradições de seu meio e, assim como aprendem com os mais velhos, acabam sendo também professoras e na interseção desse processo constroem seus outros saberes, motivo pelo qual não podemos negligenciar seu conhecimento prévio e individualizado. Segundo Sarat e Campos (2017, p.1261), essas questões vivenciadas nas relações com seus pares se faz como essencial, pois “Somente vinculada a um processo de interação humana com outros do seu grupo na infância, que a criança se torna um ser humano funcional”.

É importante apontar que as considerações aqui descritas são resultado de interpretações vindas da interação da pesquisadora com indivíduos nascidos em diferentes décadas, compreendidas entre 1950 a 2006, e cada um desses retrata suas brincadeiras, seu ponto de vista, em relação ao universo das culturas infantis, revelando o quanto as crianças internalizam sobre o que entenderam de seu contexto social e, como consequência, os representam ao brincar.

Este estudo identificou o fato de que algumas brincadeiras são compartilhadas por diferentes gerações, podendo ser entendidas como uma continuidade sociocultural, mas também houve diferenças nelas, as quais acabam por confirmar a construção também de uma cultura própria, na qual adequações são feitas pelas próprias crianças no desenvolvimento de suas atividades.

Assim, percebe-se que tais experiências tidas pelas crianças em sua infância permitem que essas possam interagir com seu meio e construir-se como parte dele, modificando e sendo modificadas, em uma relação de mútua estruturação, pois, conforme aponta Nascimento (2011, p. 201), “[...] as crianças são indiscutivelmente parte da sociedade e do mundo e é possível e necessário conectar a infância às forças estruturais maiores, mesmo nas análises sobre economia global”, visto que, enquanto brincam, além de reproduzirem as culturas societárias, as crianças as produzem.

Vale ressaltar que, no decorrer deste estudo, foi possível perceber que, assim como o posicionamento de Nascimento (2011, p. 205) sobre a infância, acredita-se que

Isso quer dizer, então, que não há somente uma concepção de infância, mas muitas, construídas ao longo do tempo, e, novamente – como um metanível –, são exatamente as mudanças de concepção que são objeto de interesse sociológico, porque presumivelmente refletem mudanças de atitude em relação às crianças modo particular pelas forças sociais, é que, frequentemente, as crianças são atingidas por elas indiretamente ou de forma mediada, o que torna mais difícil a constatação dessa influência; e, com muita frequência, a legislação.

Posto isso, é de fato impossível afirmar que este estudo pode ser finalizado e que nele não haverá lacunas, não apenas pelo limite de linhas ou de tempo, mas é notório que as diferentes infâncias vêm se construindo no decorrer dos anos e adaptando-se às novas realidades, algo que vai na contramão das questões apontadas por Postman ao instituir em seus estudos um possível “fim da infância”. Acredita-se muito mais em uma reestruturação, a qual ocorre durante o tempo todo e é construída por diferentes signos culturais, tanto os impostos por tentativas de padronização do brincar e do brinquedo quanto pelos subjetivos, os quais se enraízam e fazem com que o brincar, por mais diferente que possa parecer, faça-se como imprescindível na formação social do ser humano.

Questões específicas como as relações de gênero apresentadas pelas narrativas nos sinalizam o quão necessário se faz compreender mais sobre como as imposições acabam por se fazer a todo momento, e na maior parte das vezes estas estão implícitas nas limitações feitas às crianças no brincar, como por exemplo quando às meninas destinam-se apenas bonecas e aos meninos carrinhos, sendo dado como “errado” compartilhar estes, ou em atividades como subir em árvores que são descritas como “coisas de moleques”, ou também ao brincar com acessórios de cozinha, normalmente direcionados para meninas, e assim por diante, sendo até mesmo a cor das vestimentas um indicativo, nem sempre explorado, de tal maneira a perceber limitações feitas para as crianças.

Fatores econômicos e de produção em massa também foram abordados, visto ser atualmente o colecionar e organizar os brinquedos o meio encontrado pelas crianças em interagir com seus brinquedos, algo que acaba por se tornar mais constante do que o brincar funcional com eles, em que o consumir vem se tornando meta também na infância.

Mas, dando sequência, um dos temas mais impactantes do ponto de vista das mudanças identificadas no período abordado foi quanto ao espaço e o tempo

destinados ao brincar, sendo esse momento limitado em salas devidamente programadas para estimular um desenvolvimento cognitivo dessas crianças, visando seu “futuro” no mercado de trabalho, não sendo o seu desenvolvimento integral, como ser humano nas relações, colocado em primeiro lugar.

Hoje, discutimos tanto sobre a melhor maneira de ensinar e aprender, a lutar pelos “direitos das crianças”, e não percebemos que essas estão se sentindo sufocadas por inúmeras atividades, descritas como essenciais para que venham a desenvolvê-las como um “adulto melhor” para o mercado de trabalho. Como consequência, não percebemos que o tempo e o espaço enquadram-se dentro de rotinas escolares e de trabalho programadas severamente. E concomitantemente a isso, não levamos em conta que, mesmo hoje, como referem-se normalmente os adultos, “não se brinca como antigamente”, as crianças querem e têm direito de brincar, e elas precisam desenvolver-se em seu tempo e espaço.

Nesse sentido, acredita-se que os elementos descritos nesta dissertação formam um conjunto de atividades lúdicas, as quais estão em constante reconstrução, entretanto sem deixar de ser vinculada com a infância. Os brinquedos e as brincadeiras aqui selecionadas e analisadas revelaram alguns elementos intrínsecos à infância, assim como possibilitaram apresentar aspectos importantes que acabam por direcionar, muitas vezes, o funcionamento da sociedade na qual as crianças estão inseridas. Dessa forma, sinaliza-se a necessidade de maiores estudos voltados a essa quebra do estigma de que o brincar é visto, às vezes, como tempo perdido, como coisa não séria.

Evidencia-se que é no brincar que a criança estabelece e vive relações, cria regras, entre outras tantas questões. A necessidade de perceber o quão grave tem se feito essa diminuição do tempo, espaço e compreensão da importância do brincar é algo que precisa ser discutido em diferentes esferas, não apenas como um discurso, mas com práticas e estudos que reconheçam seu valor no desenvolvimento das crianças, fazendo com que o brincar, o brinquedo e a infância tenham seu espaço garantido.

Espera-se que, com um olhar mais apurado, tanto os representantes públicos quanto a população como um todo possam buscar novas estratégias para propiciar o momento do brincar livre, sem direcionamento e sem perspectivas acadêmicas, visto ser essa a maior dificuldade, seja por tempo, seja por espaço, apresentada

pelos participantes da pesquisa quando questionados sobre o momento lúdico que hoje presenciam.

Desse modo, faz-se refletir sobre quais estão sendo as prioridades apontadas como indispensáveis as crianças, talvez ter uma infinidade de brinquedos eletrônicos e de última geração, ou até mesmo uma agenda lotada, repleta de oportunidades de montar um currículo que possa ser favorável à sua inserção no mercado de trabalho futuro ou então ter liberdade e poder expressar-se livremente, utilizando-se de sua imaginação e potencialidades.

Nas últimas décadas, o tempo e o espaço destinados às crianças foram essencialmente modificados em função de graves fenômenos bastante conhecidos, quais sejam: a violência, a presença de estranhos, drogas, atividades ilícitas, tráfego de veículos, entre outros fatores que parecem ser ameaças universais no mundo moderno (COTRIM; BICHARA, 2013, p. 389).

Sendo assim, não querendo deixar a reflexão cessar, aponta-se aqui mais uma inquietação, na busca de saber quem são os responsáveis e quais as possíveis tomadas de decisão serão necessárias para que cada vez mais se possa favorecer essa contínua reestruturação da infância, compreendendo-a como um meio para o bem-estar da criança e não como uma ferramenta de maior controle e padronização.

REFERÊNCIAS

ABREU, Casimiro de. **Obras completas**. São Paulo: Nacional, 1940.

ALTMAN, Raquel Zumbano. Brincando na história. In: PRIORE, Mary del. **História das crianças no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1999, p. 231-258.

ALVES, Claudia Ximenez; SILVA, Marilda da; OLIVEIRA, Paula Ramos de. Memória, infância e brincar em escritos de Walter Benjamin: Cultura lúdica, processo de formação e prática docente. **Rev. Ibero-americana de Estudos em Educação**, Araraquara-SP, v. 6, n. 3, p.46-56, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5000>. Acesso em: 25 ago. 2018.

ALVES, Solange Maria et al. Vamos brincar de quê? Reflexões sobre a brincadeira de papéis sociais como conteúdo da mediação pedagógica com a infância. **Contrapontos**, Chapecó-rs, v. 10, n. 1, p.29-40, 22 abr. 2010. Disponível em: <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/1956/1552>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

ALVES, Solange Maria; VIEIRA, Marilandi Maria Mascarello. Linguagem, desenvolvimento humano e educação: o foco na educação da infância. **Reflexão e Ação**, Santa Cruz do Sul, v. 18, n. 1, p. 244-257, 2 mar. 2010. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/1090/1075>. Acesso em: 21 jun. 2019.

ANTUNES, Celso. **Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências**. Petrópolis: Vozes, 1998

ARAÚJO, Jorge. **Comandante Hussi**. Ilustração de Pedro Sousa Pereira. São Paulo: Editora 34, 2006.

ARIÈS, Phillippe. **História social da criança e da família**. 2. ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Ltc, 2015.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002.

BOMTEMPO, Edda. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: KISHIMOTO, Tizuko Mochida. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.57- 71.

BOSI, Alfredo. A cultura como tradição. In: **Cultura brasileira: tradição / contradição**. Rio de Janeiro: Zahar/Funarte, 1987, p.31-58.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. 2. ed. Revisão técnica e versão brasileira adaptada por Gisela Wajskop. São Paulo: Cortez, 1997.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedos e companhia**. Tradução de Maria Alice A. Sampaio Dória: Revisão técnica de Gisela Wajskop. São Paulo, Cortez, 2004.

BUJES, Maria Isabel. Criança e brinquedo: feitos um para o outro? In: COSTA, Marisa V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídias, arquitetura, brinquedo, biologia.... Porto Alegre: Universidade UFRGS, 2000. p. 205-228.

CARDOSO, Simone Rossi. **Memória e jogos tradicionais infantis**: lembrar e brincar é só começar. Londrina: Eduel, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Edusp, 1988.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COTRIM, Gabriela Souza; BICHARA, Ilka Dias. O brincar no ambiente urbano: limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [s.l.], v. 26, n. 2, p.388-395, 2013. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-79722013000200019>. Acesso em: 31 out. 2019.

DISTRIBUIDORA DE BRINQUEDOS ESTRELA (São Paulo) (Ed.). Estrela. Disponível em: <<https://www.estrela.com.br/>>. Acesso em: 2 dez. 2018.

FENTRESS, James.; WICKHAN, Chris. **Memória social**. Lisboa: Teorema,1992.

FERNANDES, Rogério. KUHLMANN JÚNIOR, Moysés. Sobre a história da infância. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes. (Org.). **A infância e sua educação** – materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, p.15-34.

FERNANDES, Renata Siero. **Entre nós, o Sol**: relação entre infância, cultura, imaginário e lúdico na educação não formal – Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 2001.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. Políticas afirmativas e literatura juvenil: reflexões acerca da representação da infância. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, [s.l.], v. 19, n. 1, p.115-133, 22 fev. 2016. Universidade Federal de Goiás. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/lep.v19i1.39895>. Acesso em: 30 out. 2019.

FRENZEL, Reinoldo. **Jugando**. México: Extemporâneos, 1977.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS. São Paulo: Prefeitura Municipal de Guarapuava, 2017. 119 p. Disponível em: <<http://www.guarapuava.pr.gov.br/wp-content/uploads/Anexo-11-Plano-de-NegociosReferencial.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

GARKOV, Adriana Friedmann. **Jogos tradicionais na cidade de São Paulo: recuperação e análise de sua função educacional**. 1990.189f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Educação, Campinas, SP Disponível em:

<<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252715>>. Acesso em: 13 jul. 2018.

GOSSO, Yumi., MORAIS, Maria de Lima Salum, OTTA, Emma. Pivôs utilizados nas brincadeiras de faz de conta de crianças brasileiras de cinco grupos culturais. **Estudos de Psicologia**, v. 11, n. 1, p. 17-24, 2006.

GROLNICK, Simon. **Winnicott, o trabalho e o brinquedo**. Porto Alegre: Artes Médicas. 1993.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.

JUSTO, Joana Sanches; YAZLLE, Elisabeth Gelli. O enlace da narrativa oral com a imagem fotográfica. **Revista Diversa**: Piauí, 2. ed, jul./dez. 2008. Disponível em: <<https://slidex.tips/download/o-enlace-da-narrativa-oral-com-a-imagem-fotografica>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida et al. (Org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (Orgs.). **Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade: (pesquisa em educação)**. São Paulo: Cortez, 2016.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação**. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1994.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos tradicionais infantis: o jogo, a criança e a educação**. Petrópolis: RJ, Vozes, 1993.

KLISYS, Adriana. **Faz de conta: invenção do possível**. Avisa Lá, São Paulo, v. 1, n. 17, p.1-6, jan. 2004.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. Fotografia e memória: reconstituição por meio da fotografia. In: SAMAIN, Etienne. (Org.). **O fotográfico**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2005, p.39-45.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 2000.

KROPENISCKI, Fernanda Battagli; PERURENA, Fátima Cristina Vieira. Relações de gênero em catálogos de brinquedos: (contra)indicações para o brincar. **Educação & Sociedade**, [s.l.], v. 38, n. 141, p.965-981, 13 abr. 2017. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/es0101-73302017155576>. Acesso em: 31 out. 2019.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 81-91, abr. 2007.

LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, Levi; LURIA, Alexander Romanovich .; LEONTIEV, Alexis Nikolaevich. (Orgs.). **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10. ed. São Paulo: Ícone, 2006. 119-142.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; NASCIMENTO, Edaniele Cristine Machado do. **Infância e Cultura**. Curitiba: Crv, 2015.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar**: (re) lembranças de migrantes. São Paulo: Arte & Ciência, 1999, p. 20-30.

LUZ, Giordana Machado da; KUHNEN, Ariane. O uso dos espaços urbanos pelas Crianças: Explorando o Comportamento do Brincar em Praças Públicas. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre-rs, v. 3, n. 26, p.552-560, 19 maio 2012. Anual. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000300015&lang=pt>. Acesso em: 20 jun. 2019.

MAGNABOSCO, Milton. **Criança, brinquedo e tecnologia**: uma relação delicada. 2007. 133 f. Dissertação (Mestrado em Tecnologia) – Curso de Programa de Pós-graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba-PR, 2007.

MALUF, Ângela. **Brincar**: prazer e aprendizado. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MARCELLINO, Nelson C. **Pedagogia da animação**. Campinas, SP: Papyrus, 1989. (Coleção corpo da motricidade).

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo história oral e memória. **Cadernos Ceru**, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 52-60, jun. 1994. Semestral.

MONTENEGRO, Antonio Torres. Manual do entrevistador de História Oral. In: MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 149-152.

NASCIMENTO, Maria Letícia. Nove teses sobre a “infância como um fenômeno social” Jens Qvortrup. **Pro-posições**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 199-211, abr. 2011.

NASCIMENTO, Sebastião Valério Silveira do. **A Criança na Fotografia: o retrato da infância na primeira metade do século XX em Belém do Pará (1900 a 1950).** 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Educação, Universidade Federal do Pará, Belém – Pará, 2012.

NAVARRO, Mariana Stoeterau. O brincar na Educação Infantil. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO- EDUCERE, 9., 2009, Curitiba- Pr. Anais. Curitiba-PR: PUC_PR, 2009, p. 2123-2136.

NOGUEIRA, Maria Ephigênia de Andrade Cáceres. O lúdico na época de Anchieta. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; SANTOS, Maria Walburga dos (Org.). **Jogos e brincadeiras: tempos, espaços e diversidade: (pesquisa em educação).** São Paulo: Cortez, 2016. p. 97-124.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

OLIVEIRA, Claudia. **O ambiente urbano e a formação da criança.** São Paulo: Aleph, 2004.

OLIVEIRA, Vera Barros de et al. (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

PACHECO, Reinaldo. T. B. A escola pública e o lazer: impasses e perspectivas. In: PADILHA, Valquíria. (Org.) **Dialética do lazer.** São Paulo: Cortez, 2006. p. 173-212.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. Uma história cultural dos brinquedos: apontamentos sobre infância, cultura e educação. **Teias**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 1-20, 2009.

PONTES, Fernando Augusto Ramos.; Magalhães, Celina Maria Colino. A estrutura da brincadeira e a regulação das relações. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2002, p. 213-220.

PONTES, Fernando Augusto Ramos; MAGALHÃES, Celina Maria Colino. A Transmissão da Cultura da Brincadeira: Algumas Possibilidades de Investigação. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre-RS, v. 1, n. 16, p.117-124, jan. 2003. Anual.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância.** Rio de Janeiro: Grafia, 1999.

RBA (Org.). Menos brinquedos, mais brincadeiras e liberdade no Dia das Crianças. 2015. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/10/menos-brinquedos-maisbrincadeiras-e-liberdade-no-dia-das-criancas-9642.html>. Acesso em: 3 dez. 2018.

RECHIA, Simone; FRANÇA, Rodrigo. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação. In: MEZZADRI, Fernando. Marinho.; CAVICHIOILLI, Fernando. Renato.; SOUZA, Doralice. Lande. de. **Esporte e lazer: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas.** Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74.

SAGER, Fabio.; SPERB, Tania Mara; ROAZZI, Antônio.; MARTINS, Fernanda Marques. Avaliação da interação de crianças em pátios de escolas infantis: uma abordagem da Psicologia Ambiental. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol.16, n. 1, p. 203-215, 2003.

SANTOMÉ, Jurgo Torres. A socialização infantil por meio do jogo e do brinquedo: discursos explícitos e ocultos sobre o jogo e a brincadeira nas instituições escolares. In: CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flano. Barbosa (Orgs.). **Ênfase e omissões no currículo**. Campinas, SSP: Papyrus, 2001.

SARAT, Magda; CAMPOS, Miria Izabel. Memórias da infância e da educação: abordagens eliasianas sobre as mulheres. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p.1257-1277, dez. 2017.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade**. Braga: Instituto de Estudos da Criança, Universidade do Minho, 2003.

SILVA, Ana Maria Souto Luz da; CARVALHO, Maria Jaqueline Paes de. Recordações maravilhosas da infância: a memória como fonte de resgate das brincadeiras tradicionais na educação infantil. In: **EPEPE – Encontro de Pesquisa Educacional de Pernambuco**. 4, 2012, Caruaru. Educação e memória. Pernambuco: UFPE, 2012, p. 1-14.

SOARES, Fernando Custódio; SUZUKI, Júlio Cesar. Fotografia e história oral: imagem e memória na pesquisa com comunidades tradicionais. In: **V Encontro de Grupo de Pesquisas**, 5., 2009, Santa Maria. Agricultura, Desenvolvimento Regional e transformações socioespaciais. Santa Maria: UFSM, 2009. p. 1-34.

SOARES, Miguel Augusto Pinto. **Representações da morte**: fotografia e memória. 2007. 149 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

SOUZA, Fernanda Morais de. **Revirando malas**: entre histórias de bonecas e crianças. 2010. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, 2009.

TEIXEIRA, Ellen Dean Ribeiro. O brincar como berço do intelecto infantil. In: **Congresso Nacional de Educação – EDUCERE**, 9., 2009, Curitiba-Pr. Anais. Curitiba: PUC_PR, 2009. p. 5985-6000.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VAROTTO, Mirte Adriane; SILVA, Mauricio Roberto da. Brinquedo e Indústria cultural: sentidos e significados atribuídos pelas crianças. **Motrivivência**, Florianópolis-SC, v. 23, n. 16, p.169-190, dez. 2004.

VERONEZE, Renato Tadeu. Agnes Heller: cotidiano e individualidade – uma experiência em sala de aula. **Textos & Contextos**, Porto Alegre-RS, v. 12, n. 1, p.162172, jan. 2013. Semestral.

VOLPATO, Gildo. **Jogo, brincadeira e brinquedo**: usos e significados no contexto escolar e familiar. 2. ed. Criciúma, SC: UNESC; São Paulo: Annablume, 2017.

VON ATZINGEN, Maria Cristina. **História do brinquedo**: para as crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2001.

VYGOTSKY, Lev. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WAJSKOP, Gisela. **Brincar na Pré-Escola**. Questões da nossa época. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

WILLIAMS, Bill. The Jewish Immigrant in Manchester – The Contribution of Oral History. **In Oral History**, v. 7, n. 1, 1979, p. 52.

WINNICOTT, Donald. Woods. **O brincar & a realidade**. Tradução de J. O. A. Abreu e V. Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Autorização de Uso de Imagem e Depoimentos

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, _____, CPF _____
 _____, RG _____, residente no
 endereço _____, responsável pelo(a)
 menor _____, depois de conhecer e entender os objetivos,
 procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da
 necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento
 Livre e Esclarecido (TCLE), AUTORIZO, através do presente termo, os pesquisadores Giselle Priscila
 Scheidt Martins Gartner e Ancelmo Schörner do projeto de pesquisa intitulado inicialmente “**A
 IMAGEM DO BRINQUEDO E A BRINCADEIRA COMO OBJETOS DE ESTUDO DA HISTÓRIA E
 CULTURA: AS CRIANÇAS GUARAPUAVANAS EM DIFERENTES CONTEXTOS**”²¹ a utilizar as
 fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a
 nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização destas fotos (seus respectivos negativos) e/ou depoimentos para
 fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides e transparências), em favor dos pesquisadores da
 pesquisa, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis que resguardam os direitos
 das crianças e adolescentes (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, Lei N.º 8.069/ 1990), dos
 idosos (Estatuto do Idoso, Lei N.º 10.741/2003) e das pessoas com deficiência (Decreto N.º
 3.298/1999, alterado pelo Decreto N.º 5.296/2004).

Guarapuava, ___ de _____ de 2018.

 Sujeito da Pesquisa

 Responsável pelo sujeito da pesquisa

 Pesquisador responsável pelo projeto

 Orientador responsável pelo projeto

²¹ Este era o título inicial desta dissertação.

APÊNDICE B – Roteiro para história oral

1. Que momento é este registrado na foto?
2. Quem são os integrantes desta foto?
3. Quais eram os seus brinquedos favoritos?
4. Como adquiriu estes brinquedos?
5. De que materiais eram feitos?
6. Como ficava sabendo dos brinquedos novos?
7. Onde brincava?
8. Com quem brincava?
9. Quais brincadeiras eram mais frequentes?
10. Quem ensinava essas brincadeiras?
11. Você já ensinou para alguém estas brincadeiras? Quem?
12. Quais brinquedos e brincadeiras você ensinou ou pretende ensinar ao(à) seu/sua filho(a)?